

JUAN JULLIAN

Querido
EX,



(QUE ACABOU COM A
MINHA SAÚDE MENTAL,
FICOU MILIONÁRIO E
VIROU UMA SUBCELEBRIDADE)

TRAN
SYER
SAL

QUERIDO EX,

(Que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade)

Juan Jullian

Look what you made me do

You ask me for a place to sleep

Locked me out and threw a feast.[\[1\]](#)

Taylor Swift

Rio de Janeiro, 10 de março de 2018

Querido ex,

Sim, é por essa singela alcunha que te chamarei hoje, amanhã e mesmo após a minha morte. Seu nome é menos digno de ser pronunciado do que o do assassino dos pais do *Harry Potter*; ecoar as letras que o formam é o equivalente a beber um copo do chorume deixado por caminhões de lixo após duas semanas de greve de coleta no Rio de Janeiro. Não, obrigado. Já botei muita coisa com gosto duvidoso na boca enquanto fui seu namorado.

Não sei se você vai ler estas cartas, se vai rasgar o envelope quando vir o meu nome escrito no remetente, ou se vai recitá-las em voz alta enquanto ri da minha cara com seus amigos e seu novo namorado. Mas quer saber? Foda-se!

Passei dois anos tentando me encaixar em você, na sua vida, nos seus planos, nos seus desejos e do que adiantou? Como diria Selenia Gomez, “você saiu em paz mas me deixou em pedaços” Você tem esse corpo novo (mas *crossfit* é problema de saúde pública tá querido? E espero o dia em que sua lombar vai começar a gritar por ajuda), esse namorado novo que parece saído das páginas de uma revista de físico masculina e aparentemente 5,5 milhões de seguidores no Instagram que te tratam como se você fosse o oitavo membro do BTS.

E eu? Eu ainda estou aqui, cursando Macroeconomia pela terceira vez nessa graduação interminável, morando no mesmo lugar, desempenhando todos os dias a mesma rotina: casa, faculdade, estágio, cama, casa, faculdade, estágio, cama. A coisa mais inusitada acontece é quando o motorista do ônibus, enfezado com o trânsito escaldante do Rio de Janeiro, começa a bater boca com algum passageiro que quer descer antes do ponto. O conto de fadas do garoto carioca pós-moderno.

Escrever essas cartas é minha última tentativa de superar tudo o que passou, uma última tentativa de deixar para trás você por inteiro. Deixar para trás as memórias boas, as ruins, a saudade, a mágoa e a melancolia que me perseguem toda vez que pego escondido o celular da minha mãe pra ver suas novas postagens no Facebook.

A Luciana (sim, a mesma psicóloga que você disse que era um desperdício de dinheiro) me contou que, quando quebramos nossas expectativas, quando nos frustramos perdendo algo importante, devemos

passar pelo luto. E isso independe do fato de ser derivado de uma morte, término ou reprovação em alguma cadeira da faculdade. Segundo ela, esse processo geralmente possui cinco fases: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Aparentemente, ainda estou preso na primeira.

Eu tentei parar de pensar em você, parar de pensar em nós, parar de sentir. Mas nesses meses sem você eu corri uma maratona sem nunca sair do lugar. Estou exausto, mas ainda estagnado. Eu preciso sair dessa gaiola. Você alcançou as estrelas e eu me acomodei no purgatório.

Não hoje, hoje não quero ou talvez não consiga sair daqui. Por hora, tudo que eu sou capaz de fazer é dizer é que eu ainda me importo. Eu ainda estou aqui. É mais uma noite quente, nessa cidade quente, onde nada é silencioso e eu estou usando aquela sua camisa do *Meu vizinho Totoro* que ainda preserva o seu cheiro de amanhecer por debaixo das mangas.

Meu quarto me engole com o bafo desse outono úmido, que transforma qualquer cômodo em uma estufa, enquanto escrevo com os olhos marejados por lágrimas oriundas da decepção de ter testemunhado o fim de tudo o que a gente poderia ter sido. Lágrimas por ter perdido um amigo de infância. Lágrimas por saber que a pessoa com quem eu compartilhei minha vida, minha família, meus amigos e meu corpo é hoje um estranho. Lágrimas por ter me perdido enquanto estava com você. Lágrimas por ter me sujeitado a todas as merdas que você jogou em mim. Lágrimas por um dia ter acreditado que você era bom demais pra alguém como eu.

Tenho que lembrar algo a mim mesmo, e agora digo isso para você:

Você não merece as minhas lágrimas, meu querido ex.

Não enche

Eu vou

Clarificar a minha voz

gritando: nada mais de nós!

Mando meu bando anunciar:

Vou me livrar de você

- Caetano Veloso[2].

Rio de Janeiro, 19 de março de 2018

Querido ex,

Hoje almocei com a Aline, lembra dela? Sua ex-amiga (aparentemente esse é um prefixo que sempre te acompanha) que deixou de falar com você depois de descobrir que você e seu grupo de *boçais* a xingavam pelas costas? A mesma que, por ter uma tatuagem da *Pequena Sereia*, recebeu do seu infame *squad*, uma montagem com o rosto colado em um desenho do corpo da Ariel obesa? Sim, ela mesma.

Aline anda muito bem, mudou completamente. Está usando um corte *chanel* com mechas coloridas, que fazem com que seu cabelo originalmente preto mais pareça um caleidoscópio, e trocou aqueles vestidos quadrados de cores opacas por calças *skinny* e blusas com comentários irônicos. Nos encontramos na hora apressada entre o fim das nossas aulas e o início do trabalho. Estar com ela foi, sem nenhuma dúvida, o momento mais agradável do meu dia.

Andar ao lado dela é como ser um daqueles amigos de celebridades que aparecem desfocados nas notícias de uma revista barata de fofoca. Parece que nos poucos meses em que não nos vimos ela adquiriu um magnetismo único. Ela atrai todos os olhares, como se fosse o sol, brilhando na constelação de planetas e satélites sem luz própria no universo do bandeirão da faculdade, esbanjando uma confiança consigo mesma, um sentimento de conforto na própria pele que eu gostaria de poder vestir.

A despeito dos seus comentários sobre como ela estava atrasada na faculdade e provavelmente nunca iria se formar, Aline conseguiu uma bolsa de mestrado em Portugal e vai se mudar para Lisboa daqui há dois meses. Vai estudar escrita criativa. Vai realizar seu sonho de infância de desbravar terras europeias e escrever fantasia infanto-juvenil. Uma J.K Rowling tupiniquim.

Foi a primeira vez que estive com ela sem ter você ao meu lado e isso me fez perceber o quão cego eu fui por precisar das suas lentes para conseguir ver o mundo. Eu via a Aline, assim como eu via todos os indivíduos que passavam pelo meu caminho, através dos seus olhos. E sabe qual é a pior parte disso? VOCÊ É MÍOPE QUERIDO!

Sua visão é completamente distorcida pelos seus preconceitos, de forma que você não é sequer capaz de ver que, na verdade, é só mais um

biscoiteiro esquerdomacho disfarçado de ativista. ATIVISTA DE TELÃO, ISSO SIM VOCÊ É. Do que adianta fazer a Taylor Swift e ir toda segunda-feira em hospital, visitar crianças com aquela ONG, se você não perdia a oportunidade de fazer um comentário gordofóbico e machista? De que adiantava falar sobre direitos LGBTQ+ , passar seus dias enfiado no coletivo de uma faculdade que você nem mais frequenta e pegar minha mão no shopping como um “ato político”, quando depois de cada briga você deixava subentendido que você era bonito demais pra mim? Que as pessoas estranhavam a gente como casal, já que você era "extraordinariamente gato"?

Preciso te dizer uma coisa. Agora que joguei suas lentes no lixo e comprei os meus próprios óculos (e eles são tão fabulosos quanto os que o Rupaul usa no *Library is open*) eu vejo você pelo que você realmente é.

Toda vez que você perdia a linha com o álcool e ficava bêbado, você não hesitava em perguntar para algum amigo se a gente combinava como casal, se nós tínhamos o “mesmo nível de beleza”, mostrando para quem se importasse em olhar que apesar de tentar reforçar sua maturidade apontando falhas e mais falhas em mim, na Aline e em todas as pessoas que orbitavam ao seu redor, seu cerne é tão infantil quanto o meu gosto musical.

E por que será que você se preocupava tanto com a impressão alheia sobre nossa imagem como casal? Por eu ser preto e ter um cabelo maravilhosamente crespo, enquanto você ostenta sua pele pálida, um corpo magro definido por horas diárias de *crossfit* e cachos dourados perfeitamente hidratados com aqueles cremes de embalagem coloridas, que custam um terço da minha bolsa de estágio? Eu deveria ser humildemente grato por um príncipe gay da Disney de calça caqui e camisetas floridas amar um preto feioso e com um duvidoso senso estético como eu?

Por muito tempo esses seus comentários me feriram. Eu não sabia ainda o porquê, mas eu queria mudar. Queria me sentir ideal para você. Você causava um misto de autoaceitação com repulsa que criavam uma névoa, tornando muito mais difícil enxergar o seu preconceito disfarçado de observação. Ao mesmo tempo em que aos seus olhos eu me via mais corajoso, sábio e original eu também encontrava necessidade de engajar em uma cruzada desesperada para ficar mais bonito; para me tornar o par ideal

para você; para me apertar nos moldes de um padrão que não foi feito para as minhas medidas. Um padrão que não foi feito para a minha cor.

E é com dor no peito que eu te digo que hoje entendo que essa busca pela beleza era uma busca por deixar de ser tão preto. Era uma busca por ser mais parecido com você. Era uma busca por ser mais branco e assim ser mais belo.

Não, muito obrigado. Eu nunca mais vou passar uma máquina zero para esconder toda a personalidade e rebeldia do meu cabelo crespo. Eu nunca mais vou virar a noite pesquisando sobre rinoplastia ou procurando colericamente qual filtro do Instagram deixaria minha pele mais branca nas fotos em que eu estava ao seu lado. Não mais.

Ah, e como se não bastasse seu evidente incômodo com a cor da minha pele, as medidas, minhas e de todo mundo, também te perturbavam. Seus comentários nada sutis depois do sexo sobre como deveríamos “começar academia logo”, suas piadas com a Aline, como se ela não pudesse ser simultaneamente gorda e fabulosa, e seu desdém irônico pela Lena Dunham e Amy Schumer, jogavam isso praticamente todos os dias na minha cara. Eu me recusava a notar. Suas palavras para os outros eram tão bonitas que aquelas percepções só poderiam ser coisas da minha cabeçadevaneante. Era só uma brincadeirinha. Uma piada.

Mas a piada aqui agora é você.

Até porque seu oportunismo é risível. Você basicamente ganhou uma legião de seguidores se promovendo como defensor dos Direitos Humanos e ativista LGBTQ+, desde que apareceu naquele *reality show*. Eu não consigo deixar de imaginar o que todas essas pessoas que te seguem, aplaudindo qualquer coisa que você fala, pensariam sobre essas ignorâncias que você sempre despejou pelo lixão fétido que é sua boca.

Mas não, não se preocupe, isso não é uma ameaça. Não vou sair por aí dizendo que o terceiro colocado do Confinados e que se acha o próximo Jean Wyllys é um grande babaca, nem vou no programa da Luciana Gimenez mostrar para o Brasil a sua verdadeira cara. Mas saiba que agora eu sei. Agora eu vejo.

E saiba de uma coisa, uma coisa que eu devia ter te falado há muito tempo, mas que só agora eu descobri: você não é bom demais para mim. Eu quem fui bom demais pra você. Alguém com as suas medidas de caráter nunca me coube e nunca me caberá.

Pelo menos até que você seja capaz de fazer uma cirurgia nesses seus olhos tão adoecidos.

Begin Again

But on a Wednesday in a cafe

I watched it begin again[\[3\]](#).

Taylor Swift

Rio de Janeiro, 24 de março de 2018

Querido ex,

Não tenho pretensão de que algum dia você venha a responder essas cartas. Na verdade, sequer sei se vai chegar a recebê-las, uma vez que essa será a primeira vez em toda a minha vida que vou precisar ir até os correios. Ou seja, eu posso facilmente confundir remetente com destinatário e acabar mandando essas cartas para uma casa de repouso de idosos. Mas sei que o mais provável é que, depois das palavras que eu despejei da última vez, você realmente não tenha vontade alguma de me escrever. Não posso devanear com uma resposta. Preciso me lembrar que essas cartas são para mim e não para você.

Hoje fui com as meninas no centro da cidade procurar fantasias para o aniversário da Larissa. Ela provavelmente é uma das minhas únicas amigas que ainda gosta muito de você, de forma que o senhor obviamente foi pauta de conversa.

Assim como eu, ela ainda não acredita no que aconteceu com sua vida nesses últimos três meses e teve a pachorra de me contar que votou ensandecidamente para que você não fosse eliminado em todos os paredões que participou. Enfim, a despeito da deslealdade da minha amiga, não consegui deixar de, mais uma vez, lembrar de você. Principalmente quando passamos em frente à Confeitaria Colombo.

O aroma do café meio a confusão de pessoas caminhando pela Gonçalves Dias logo após o fim dos expedientes em todos aqueles prédios comerciais plantados no coração do centro da cidade; aquela multidão de gente emburrada vestida em tons sóbrios e se aninhando no portal daquela confeitaria que é quase um teletransporte para um refúgio do século XIX, me levou até um outro dia.

Me levou para aquele cinza e molhado início de setembro em que tivemos nosso primeiro encontro de verdade.

Não sei se você lembra, provavelmente não, já que agora sua cabeça só tem espaço para presenças vip e entrevistas, mas foi exatamente em uma quarta-feira e em um café, do jeitinho que canta a música mais doce da Taylor Swift, que saímos pela primeira vez. Foi um novo início para mim ao seu lado, até porque não foi ali que a nossa história começou, não é mesmo?

Começou naquele dia dos pais de 2016 quando me chamou para passar a tarde na sua casa? Quando sua avó chegou sem avisar e quase me viu pagando um boquete para você? Então, esse famigerado dia guarda uma história que você não conhece.

Eu vinha de semanas e semanas de muito choro, insônia e caos no antigo relacionamento (seria o ex-ex?). Um namoro tão breve quanto caótico que tinha acabado, mas ainda estava dentro de mim, como você bem sabia, já que na época eu ainda podia te chamar de amigo e narrava efusivamente tudo que acontecia.. Minha autoestima estava no lixo, coberta por mijo de cachorro e fezes de rato.

Mas você iluminou aquela tarde e naquele dia as coisas na minha vida começaram a mudar. As gargalhadas faziam as janelas retumbarem e eu me perdia nos seus olhos gigantes quando os meus acidentalmente os encontravam. Foi a primeira vez que testemunhei, de fato, esse seu poder de fazer com que a gente se sinta bem com o que somos. De fazer com que fiquemos conscientes das nossas qualidades. E falo isso no plural porque é o que aparentemente te garantiu essa legião de seguidores.

Eu gostaria de lembrar as palavras exatas que saíram da sua boca enquanto caía a noite e o riso era substituído pelo tom quase sussurrado das nossas conversas, mas foi algo que parecia ter saído entre aspas de um romance do século passado. Algo tão deliciosamente datado que arrepiou todos os meus pelos. Era alguma coisa como "Eu queria ser um espelho, para que você se visse do jeito que eu estou te vendo. Você está desabrochando para o mundo e por mais que doa agora, o que você vai mostrar é a coisa mais bela que eu já vi em todos os milhares de dias que eu já andei por esse planeta. E olha que eu já conheci os quatro continentes."

Parecia uma passagem gay da Bíblia. E depois, quando eu não encontrava palavras para te responder, você falou para eu botar minha cabeça no seu colo e a noite fria ficou quente. Enquanto a gente assistia *Sense8*, você me beijou. Primeiro calmo e lentamente, sem língua, somente um lábio desvendando a configuração do outro. Em seguida, a fúria, a fome, as línguas em dupla-penetração em bocas que já não conheciam os seus donos. A cueca melada pela seiva que saía sem ser notada. Eu desabrochei. Você me despertou. E eu queria mais. Queria sentir cada parte

do seu corpo, queria me deixar curar por cada segundo ao seu lado, e se sua avó não tivesse aparecido eu teria tido você dentro de mim ali, naquele sofá, pela primeira vez.

Mas você estava lá. E assim como eu, você se lembra muito bem de tudo que aconteceu. O que você não testemunhou foi eu saindo da sua casa com a força para fazer algo que eu estava postergando por muito tempo. Foi eu tomando um ônibus diferente daquele que me levaria para a minha casa. Foi eu aparecendo com a coluna ereta e sem nenhum aviso na porta daquele que veio antes de você. Foi eu finalmente cortando os fios que me prendiam na teia que eu me enfiei com ele (sem saber que, quase dois anos depois, iria me emaranhar com você em fios bem similares).

Naquela noite, eu terminei tudo. Foi o último dia em que eu o vi. Foi o dia em que eu “enterrei aquele cavalo no chão”, como diria a cantora Florence no maior hino de deprê/superação já escrito. Em tempos em que o empoderamento é pop, me dói admitir que eu não teria a coragem necessária para fazer aquilo se você não tivesse aparecido.

Todas as vezes que ensaiei lhe contar os acontecimentos dessa noite, minhas mãos tremiam e outro episódio tomava o lugar na minha fala. Eu não questionava essas reticências, com o tempo eu mesmo esqueci daquele dia, sem que ele nunca saísse do fundo da minha cabeça. Porém, agora que o cheiro do café salienta as cores dessa memória, eu preciso te agradecer por, mesmo antes da gente começar a se descobrir por inteiro, você ter iluminado a minha história.

Mas o tempo apaga, escreve e reescreve. Hoje já não sou aquele menino encolhido no seu sofá. Hoje finalmente entendo que eu não deveria ter sido a criança que, aprendendo a andar, cambaleia de um lado para o outro, dos braços do pai para os da mãe (ou para os do outro pai, já que eu sou um *millennial* pós-moderno).

Eu deveria ter respeitado meu tempo. Eu deveria ter crescido antes de engatinhar na sua direção. Eu deveria ter encarado o meu luto, curado minhas feridas e enfrentado os meus demônios antes de desbravar um novo amor. E também antes de afogá-lo com esse mar de questões que ainda não tinham sido resolvidas, que ainda não foram resolvidas, dentro de mim.

Bem, de nada adianta lamentar ou imaginar como teria sido nossa história se eu tivesse feito as coisas de uma maneira diferente. Não tenho um vira-tempo ou um *Delorean* e também não tenho que exigir nada do menino que eu era há quase dois anos atrás. Aquele menino que, depois do primeiro beijo, pensava em você no ônibus, na faculdade, em casa, na psicóloga, na natação, nas *viewing parties* de *Game of Thrones*... O menino que precisava te ver de novo e de novo. Meus dias eram resumidos em ansiar pelo verão que sua presença trazia para dentro de mim.

Então veio a sua pergunta. Veio o meu sim. E veio aquela quarta-feira. Veio o café na Colombo. Veio o segundo beijo. Veio todo o resto.

Você, o ventinho gostoso que eu pegava no rosto dentro do ônibus a caminho da faculdade. Eu, um personagem de comédia romântica hétero dos anos 2000, que chora de alegria no meio da chuva depois de conquistar um beijo do *crush*. A vida, um grande jardim com cores e possibilidades infinitas em cada flor, em cada folha, em cada animal.

Cada momento ao seu lado era uma página de um livro novo de *Harry Potter* que mais ninguém no mundo tinha o privilégio do acesso. E quando fomos na caminhada para apoiar a candidatura do primeiro homem gay à presidência, eu só conseguia pensar em como era bom sentir a sua mão na minha e em como seu cheiro amendoado me deixava aconchegado.

Eu só queria ficar mais tempo do seu lado e todos aqueles shows, filmes, palestras e maratonas de série eram uma desculpa manufaturada para desfrutar da atração principal dos meus dias. Naqueles primeiros meses, em que eu ainda não te chamava de namorado, eu brilhei mais forte que o sol.

Agora cai a tarde e eu volto para o escuro. Estou esperando o crepúsculo do dia seguinte nessa mesma cidade, nesse mesmo bairro, nessa mesma casa, nesse mesmo quarto. Meus olhos cansados estão surpreendidos pelo sorriso bobo na minha boca que vem ao recordar do amanhecer da nossa história.

O mesmo sorriso que me assaltou na tarde de hoje enquanto eu tomava, sozinho, a nossa xícara do Café Colombo.

Send My Love (To your new lover)

Send my love to your new lover

Treat her better.^[4]

Adele

Rio de Janeiro, 02 de abril de 2018

Querido ex,

Acabo de ver no Instagram do seu mais novo amigo Hugo Gloss que você e seu namoradinho do reality estão noivos. Noivos!

Bela aliança, parece muito cara, foi o quê? Permuta? *Publi pos*” com joalheria? Quem serão os padrinhos? Seus novos amigos globais ou a sua panelinha do confinamento? A Lua de Mel vai ser onde? Ilha de Caras? E depois? Vão adotar um bebê “eticamente diverso” do Malawi?

Eu tenho plena consciência de que se eu fosse um pouquinho mais equilibrado ou tivesse respeito próprio poderia parar por aqui e fingir que estou muito feliz por vocês e que não dou a mínima. Obviamente eu não consigo. Eu sou uma Adele e não uma Rihanna. Sou uma Sansa e não uma Arya. Meus nervos entram em ebulição sob a pele toda vez que vejo esse seu sorriso comprado refletindo louros que você não é digno de portar. O sabugo das minhas unhas é a proteína do meu café da manhã.

Também não consigo deixar de pensar que ficamos um ano e meio juntos e tudo que eu recebi foi uma festa surpresa e um box de *Game Of Thrones* e em três meses confinado dentro da casa mais vigiada do Brasil com um carinha bi (logo você, que falava que bissexualidade não existia, lembra disso?) você já fica noivo?

Vai pagar a festa de casamento com divulgação? Bolo, docinho e a casa de festas vão ser mimos e recebidos? Você nunca foi burro e se juntar com o seu parceiro do *reality* antes que vocês sejam esquecidos é realmente uma jogada de mestre, apesar de nada original, afinal, quanto casais já fizeram o mesmo antes de vocês? Quantos continuam sendo relevantes no dia a dia de qualquer brasileiro? Isso mesmo, resposta correta, nenhum.

Já consigo até ver a postagem nesse sites de fofoca com design em cores berrantes, piadas prontas e voltados para o público LGBT. “UAU estamos morrendo de amores com as fotos do casamento mais fofo do ano. Eles foram feitos um para o outro, é ou não é?”. Espero que a atenção que você vai receber compense o casório, tem mesmo que aproveitar a fama antes de se tornar mais um iludido e frustrado pelo doce gostinho dos 15 minutos.

E esse pedido em *flashmob*? Pai do céu, você tá achando que a gente está preso em 2010? Nem pra escolher a música você teve criatividade. Banda do Mar era a NOSSA banda e reciclar a NOSSA canção de casal para propor ao seu novo namorado, no meio da Avenida das Américas com um CORAL GOSPEL vestido dos pés a cabeça com as cores do arco-íris é o auge da canalhice (e da *breguice* também).

Se naquela noite em que você me pediu em namoro eu soubesse que todo seu romance é pasteurizado, se eu não estivesse tão abobalhado ou se eu calhasse de ter uma irmã mais velha com poderes de gelo que me proibisse de cair nas suas garras e aceitar aquele pedido, somente três semanas depois da gente começar a sair, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Ou melhor, se você tivesse feito um *flashmob* ridículo ao invés de me levar naquele restaurante japonês com o cardápio mais caro que eu já tinha visto na vida; se você não tivesse deslizado, de mesa a mesa, exigindo o arranjo de flores coloridas que estavam nos pequenos jarros circulares de vidro esverdeado, se você não tivesse juntado todo aquele arco-íris floral em um grande buquê improvisado, se você não tivesse ajoelhado como um príncipe em um clipe da Taylor Swift e me pedido em namoro, talvez eu tivesse alguma chance de não aceitar. Mas eu aceitei. Foi a coisa mais genuína e espontânea que eu já tinha visto, e com os olhos cheios de lágrimas por finalmente ter entendido o que era o calor na alma que a gente veio a chamar de amor, eu aceitei. Nenhum talvez passou pela minha cabeça naquela hora. Eu aceitei.

Agora vendo a foto de vocês dois, em uma praia que parece uma montagem de *Photoshop*, com o enquadramento perfeito do iPhone 8, felizes com seus dentes artificialmente branqueados, a cor de pele brilhando em tons de cenoura e carregando nos dedos essas grossas alianças douradas, sou transportado para a minha pálida, desbotada e anêmica vida amorosa.

E pode me chamar de recalçado. Eu estou recalçado sim. Afinal, estou escrevendo cartas para o meu ex-namorado, quase milionário, que está noivo de um cara que parece um Godzilla com - ainda mais - esteróides. Se alguém nesse Brasil está recalçado, esse alguém sou eu.

Enquanto adquiro olheiras vasculhando memórias e sites de fofoca, as minhas matérias da faculdade se acumulam, as aulas transmutam-se em uma desculpa para ficar rolando o *feed* do Facebook e o tempo trancado no escritório, para ganhar uma bolsa de 600 reais, é somente uma tentativa de pagar os meus pecados aqui na Terra e, quem sabe, conseguir entrar no Paraíso. Afinal, tenho que correr atrás dos pontos perdidos por gostar de pessoas do mesmo gênero que o meu. Acho que você consegue perceber que minha vida amorosa não está indo nada bem.

Mas ainda me espanta que você consiga seguir em frente assim. Tão fácil, tão simples. Parece até que você esqueceu que desgraçou a minha cabeça e pode continuar livre e leve sua jornada pela rua de tijolos amarelos. O que fez você seguir em frente tão fácil? Foi o dinheiro? Foi a fama? Acho que se a minha vida mudasse da noite para o dia eu também não teria problemas pra dormir a noite lembrando do fodido do meu ex.

Mas independente do que viesse a acontecer, eu não conseguiria esquecer.

E você esqueceu. Você esqueceu de todas as vezes que falou que ninguém ia me aturar do jeito que você me aturava. Você esqueceu de todas as vezes que falou que ninguém além de você iria aguentar as minhas crises de ansiedade. Você esqueceu de todas as vezes que falou que nenhum namorado seria tão paciente ao ponto de ficar um mês sem sexo por causa das minhas questões com o meu corpo. Você esqueceu de todas as vezes em que falou que eu não merecia minhas conquistas, não merecia tantos amigos, não merecia ser feliz.

Todas essas palavras e todas as brigas ainda me assombram e já que nada de extraordinário acontece na minha vida moribunda, eu realmente não sei por quanto mais tempo esses fantasmas vão buscar abrigo em mim.

Só não se esqueça de não ser um babaca com o seu noivo, principalmente quando esses dias dourados começarem a enferrujar. Para ser sincero, ele até parece ser alguém que você está longe de merecer. Não que isso queira dizer muita coisa. E se dependesse do meu voto ele quem teria ido pra final do *reality* no seu lugar.

Make it Easy

Love is no problem

We'll love each other

And make it easy[\[5\]](#).

Mallu Magalhães

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2018

Querido ex,

Meu pai aterrissou hoje aqui em casa. Tinha um tempo que eu não o via. Por causa da greve dos caminhoneiros ele teve uns dias livres e aproveitou para aparecer. Está com uma nova namorada, Sandra, uma moça de pele morena, cabelos artificialmente loiros e unhas postiças tão grandes que eu não sei como ela ainda não machucou a si mesma. Não que você vá ficar surpreso, mas ela tem a metade da idade dele.

Ele me perguntou sobre você. Irônico que a primeira vez que ele o faça seja justamente quando você já não está aqui. Você sabe que ele é um desses comunistas que ainda acha que estamos todos presos na Guerra Fria ou na Ditadura Militar e por isso não assiste TV, para “não queimar os neurônios e ter a mente cooptada por toda essa baboseira capitalista”. Logo, ele deve ser uma das únicas pessoas nesse país que não sabe que você participou de um *reality show*, adquiriu oficialmente o status de subcelebridade e um perfil verificado no Instagram.

Contei pra ele que terminamos e ele disse, naquele tom de voz tão caracteristicamente rouco, refletindo meio século de maços de cigarro inalados “que pena, ele parecia um bom rapaz e te fazia feliz.”

Apesar dos potenciais questionamentos acerca do “te fazia feliz”, você deve imaginar que ouvir essas palavras ligeiramente envergonhadas saindo da boca dele fez meu coração bater em compassos mais exibidos.

Desde aquele primeiro encontro entre as nossa famílias, quando minhas mães conheceram sua mãe e seu pai naquela hamburgueria metida da Barra da Tijuca, você sabia que tinha algo faltando.

Por mais que eu me enganasse, dizendo para mim mesmo que não importava se meu pai soubesse ou não sobre nós dois, que eu manufaturasse desculpas, como o fato dele morar em outra cidade ou de sequer ter tido ideia do meu último namoro; ou então de ele ser um ogro, que quando eu tinha somente 2 anos de idade parou de falar com a minha mãe e ameaçou tirar a minha guarda quando ela o deixou pra ficar com uma mulher; por eu não ter a mínima afinidade com um caminhoneiro sindicalista preguiçoso heterossexual machista e homotransfóbico. Você sabia. Você me conhecia e você sabia que importava.

O que eu não sei se você sabe é que eu só tive aquela conversa com ele, a famosa e temida saída do armário para o pai, porque você estava comigo. Porque você tinha mostrado para mim o poder de publicizar o nosso afeto, a importância de segurar as mãos para todos verem, a liberdade que é pra alma poder ser a versão mais genuína de si mesmo frente à todos, principalmente daqueles que nos são próximos.

Mas para além da filosofia, eu consegui fazer aquilo principalmente porque eu te amava. E me sentia tão amado naqueles primeiros meses que esconder, pra qualquer pessoa, o que estava acontecendo naquele universo lindo e de infinitas possibilidades de ser feliz criado inteiramente por nós dois, estava acabando comigo.

Eu queria gritar para o mundo o quanto eu estava louco por você, o quanto eu amava seus cachinhos dourados, sua boca de desenho animado, seus olhos de bola de gude e sua pele com cheiro de amêndoa e com gosto de casa. Já que meu pai faz parte daquilo que a gente considera como mundo, não me pareceu justo, mesmo com o extenso histórico de babaquices, continuar privando ele de me conhecer por completo e de quem sabe, ser um dia capaz de testemunhar o quão bonito era aquele nosso amor.

E você também esteve lá para me dar colo. Para fazer tapioca com creme de avelã e maratonar *Drag Race* depois do momento em que ouvi, entre lágrimas torrenciais, que não era mais filho dele.

Você também esteve lá para testemunhar meus olhos marejados de alívio quando ele apareceu lá em casa, dois meses depois, para pedir desculpas e falar que me amava incondicionalmente.

Você já não está mais aqui, nesse dia de céu limpo, para vê-lo falar abertamente sobre o nosso ex-afeto, sobre o nosso ex-amor. Mas eu sou grato por todos os outros momentos em que você, de fato, esteve.

Obrigado.

Barbie Tingz

All they do is copy looks, steal music, too

*Want to see what bitches do when they lose the blue-print I mean the
pinkprint, ho, let it sink in.* [\[6\]](#)

Nicki Minaj

Rio de Janeiro, 28 de abril de 2018

Querido ex,

Parabéns! Esse momento é seu, não é mesmo?! Fama, dinheiro, noivado e agora um programa de televisão! Você contou para alguém que a ideia desse talk show com celebridades e ativistas do meio LGBTQ+ foi completamente chupada do projeto de canal pro Youtube que a gente esquematizou, mas deixamos para trás justamente porque VOSSA EXCELÊNCIA achou “bobo e desprovido de um olhar crítico apurado”?

Agora eu poderia muito bem fazer a Tulla Luana e ir atrás de você com um processinho. Se eu tivesse estabilizado emocionalmente (como se isso fosse possível), eu tenho certeza que eu o faria, mas até a Luciana concordou comigo que é melhor deixar pra lá. Faça bom proveito dessa oportunidade única.

Mas não posso deixar de falar o quão revoltante isso tudo é. Desde que eu li essa notícia no intervalo do trabalho, parece que entalei com um bocado de farofa no meio da garganta e sem nenhum copo de água ao meu alcance. Conforme o dia foi passando, meu pescoço apertava, os nós dos dedos eram estalados de minuto a minuto e minhas unhas destroçadas pelos meus dentes nervosos. Não sem razão. Afinal, você nunca perdeu uma oportunidade de mostrar o quanto era melhor e mais bem-sucedido que eu, não é? Na época, eu achava que eram comentários construtivos, que era você instrumentalizando toda sua eterna boa vontade e experiência para me ajudar a crescer profissionalmente, já que eu estava (e agora estou mais ainda) completamente perdido nessa faculdade.

Enquanto eu batalhava para conseguir um estágio, enviando indiscriminadamente currículos desesperados para qualquer empresa que estivesse contratando, você, mesmo sendo somente dois anos mais velho que eu, conseguia sua entrada direta no mestrado e passava no seu primeiro concurso público. E eu fiquei genuinamente feliz. Mas o contrário nunca aconteceu. Você nunca vibrou por mim.

Quando eu consegui aquela bolsa de intercâmbio de um semestre na África do Sul, para meados deste ano, você lembra o que você falou? “Isso é perda de tempo e dinheiro. Você tem dificuldade para se organizar e vai acabar se atrasando na faculdade.” Quando eu comecei a estudar francês, você lembra o que você fez? Você começou a chorar! Disse que o francês era um plano nosso e que eu deveria esperar até você ter tempo pra começar

a estudar comigo. E quando meu artigo foi selecionado para aquele seminário em Minas Gerais, você lembra o que você disse? "Você sempre dá sorte". Sorte. Com você era mérito, força de vontade, determinação, manifestação do seu inesgotável talento. Comigo era, na melhor das hipóteses, sorte.

Aos poucos ia se tornando mais difícil não me comparar a você. Você era eloquente sobre suas conquistas. Eloquente sobre como seus amigos tinham grandes planos, como seriam grandes tomadores de decisão em nível global, enquanto discorria, em um tom irritantemente paternalista, que a maior preocupação dos meus era descobrir novos memes no *underground* da internet e conseguir ingressos para o show da Demi Lovato.

Vou te dizer uma coisa e acho bom você salientar à marca texto. Seus amigos podem ser os próximos Secretários Gerais das Nações Unidas, os próximos presidentes do país ou os próximos juízes do STF. Isso não muda o fato de que são uma grande manada de babacas. Um bando de gay no padrão de beleza, que não perde uma oportunidade de rir da cara de alguém que ouse se manifestar no mundo sem ter quadradinhos na barriga, uma tribal no braço esquerdo e o cabelo liso. Aposto que você se destacava como o "diferentão", o "alterna", por ter um namorado preto, não é?

Meus amigos podem ser infantis, desocupados e bobos, assim como eu orgulhosamente sou, mas eles aparecem do meu lado com um pote de sorvete todas as vezes que esboço uma crise e respondem minhas mensagens de texto em menos de três minutos. Diferente dos seus, sempre se esforçaram para trazer você para perto, para te integrar no nosso universo. Nunca te ignoravam na rodinha de conversa ou faziam comentários pejorativos sobre você pelas costas. Nunca.

Igualmente engraçado e revoltante é agora você roubar a ideia de alguém tão infantil, cercado por amigos sem noção e sem perspectiva de vida, como eu.

Aposto que isso você não contou para o seu grupinho ou para os seus produtores, não é?

Mas testemunhar a sua inerente capacidade de me surpreender com essa completa falta de escrúpulos não tem sido de todo ruim. Hoje eu finalmente me demiti daquele estágio. Imagino o que você me falaria agora. Diria mais uma vez que isso é uma ideia absurda, que não tem porque eu sair de uma empresa que provavelmente vai me efetivar quando eu me formar, simplesmente para ficar em casa fazendo nada. Diria que em tempos de crise eu deveria me contentar por, pelo menos, ter um trabalho, que dificilmente eu conseguiria algo melhor.

Mas sabe de uma coisa? Eu não tenho que me contentar com a infelicidade. Eu já me acostumei com ela duas vezes e isso só me levou para o fundo do poço, me deixando lá bem do ladinho da Samara. É incrível a nossa capacidade de nos adaptar a tudo, inclusive ao que nos faz mal, não é?

Não mais. Você não está mais aqui pra tirar o protagonismo da minha história ou o brilho das minhas conquistas. Você não tem mais o poder de decidir meus atos por mim, como se fosse o diretor da minha vida. Eu me libertei de você, eu rasguei o nosso contrato e, apesar de não ter feito um novo que, assim como o seu, me garantisse um programa na televisão, eu tenho agora as rédeas da minha narrativa e escrevo nos meus próprios termos.

E o melhor, sem precisar roubar ou menosprezar ninguém.

Sober

King and Queen of the weekend

Ain't a pill that could touch our rush

But what will we do when we're sober?^[Z]

Lorde

Rio de Janeiro, 05 de maio de 2018

Querido ex,

Cheguei agora em casa. O relógio do visor recém quebrado do meu celular marca 5h37 da manhã. Minha cabeça está enevoada pelas caipirinhas extremamente baratas e de procedência duvidosa que só se encontram nas ruas da Lapa. Minha camisa está com um botão faltando. Meu tênis superstar parece que foi atropelado por um caminhão de lixo. Minha barba está suja com o *glitter* que estava no rosto de algum dos meninos ou das meninas que eu beijei. Já engoli o refluxo duas vezes.

Antes era você quem compartilhava essas noites comigo. Hoje estou só.

Toda aquela gente e aquela fome pelo corpo alheio que se instaura em uma boate quando bate três da manhã, quando a bebida começa a entorpecer os sentidos e quando as vergonhas saem pela porta, deixando tudo mais livre e fácil, não teve hoje o mesmo sabor.

Não fiquei inebriado por esse clima ao ponto de querer pagar um boquete em um canto mal iluminado da pista de dança. Não veio ninguém ao meu lado no banco de trás do Uber para quem eu pudesse bater uma punheta disfarçada por debaixo da calça jeans *skinny*. Não fiz nada além de desempenhar a rotina dos olhares, dos beijos e das apalpadinhas insossas que esses lugares exigem, na tentativa de justificar para os meus amigos e para mim mesmo que eu já superei você. Afinal já passaram-se quase 6 meses desde que você se foi, de forma que não posso me dar ao luxo de ainda testar a paciência deles falando sobre as mesmas coisas.

A verdade é que ultimamente tenho tido dificuldade em encontrar o desejo. Os beijos têm todos o mesmo gosto. Os corpos têm todos a mesma textura. Os gêneros parecem todos os mesmos.

E não tem sido por falta de tentativa. Assim que a gente terminou eu baixei todos aqueles aplicativos de pegação, onde homens buscando por sexo casual aparecem na tela do celular tal como um cardápio de restaurante. Naquele mesmo dia à noite eu fui para um motel com o “ativo 33 anos”. Na semana seguinte um *menáge* com o “casal liberal”. Dois dias depois, um boquete no carro do “sigilo 20 cm”. Eu não queria parar porque parar significaria dar atenção para a falta que você faz, parar seria me permitir sentir. Então o que eu fiz foi preencher o vazio.

Não me arrependo. Não me arrependo nem um pouco. Até o nosso amor acabar eu achava que o sexo era algo sagrado, que era um encontro de duas almas, uma troca muito intensa de energias que não podia ser desperdiçada com qualquer um. Eu lembro de ter lido por aí que você fica preso a toda pessoa com quem transa por seis ciclos cármicos, e mesmo eu não tendo a mínima ideia do que um ciclo cármico fosse, não me parecia correto ou saudável misturar o meu com o de pessoas que eu sequer sabia o nome ou, pelo menos, o signo.

Além disso, tem toda aquela pressão do estereótipo do homossexual promíscuo. Até porque ter duas mães não facilita em nada isso. Você já ouviu inúmeras vezes as histórias e sabe que elas perderam vários amigos pro HIV/AIDS, e por isso elas são preocupadas com prevenção (nunca esquecerei do primeiro dia que você veio aqui em casa e saiu com um envelope de Jontex e um KY).

Quando aos 15 anos eu contei que era viado, o top3 dos temores delas, rankeando logo abaixo de apanhar na rua, era que eu pegasse algum tipo de doença, principalmente a famigerada HIV/AIDS. Mesmo sabendo que ninguém mais morre em decorrência desse vírus, mesmo sabendo que temos um dos melhores programas de combate do mundo, mesmo sabendo da existência da PEP e do PrEP (medicações gratuitas, que podem ser usadas para prevenir a doença ou evitar o contágio em casos de exposição, como espero que você saiba) o estigma com essa porra é tão grande que elas achavam que eu teria o mesmo fim dos tais amigos.

Então eu fiz de tudo para que elas, e todo o restante da sociedade, não me botassem nessa mesma caixinha decorada com cruz vermelha. Entrei em relacionamentos duradouros, não saía por aí pegando geral, não fazia sexo casual e também não perdia uma chance de julgar meus amigos quando algum deles transava com um *sugar daddy* do aplicativo ou participava de uma orgia inusitada em um banheiro público do metrô.

Ficar sem você e me ver solteiro pela primeira vez em anos me fez rever esses preconceitos. Me permitiu redescobrir o sexo. Sair com todas aquelas pessoas, experimentar aqueles diferentes cheiros, toques e gostos foi provavelmente o que me fez não correr atrás de você, implorando para voltar, naqueles primeiros meses. Mas para além disso, me permitiu julgar

menos, tanto o outro quanto a mim mesmo. Me permitiu entender que o sexo pode sim ser a manifestação carnal da conexão espiritual entre duas almas, mas pode ser também uma maneira bastante gostosa de passar o tempo e de explorar o meu corpo. E só isso.

O problema é que agora todos os sentimentos e memórias que joguei pra debaixo do tapete estão vindo a luz do dia, e ao finalmente tentar lidar com eles, me vejo incapaz de impedir que meu pensamento voe até você quando tem outro ao meu lado.

Depois de tanto me empenhar para esquecer, parece que tudo sobre você ficou mais forte e interessante. Seu cheiro é mais gostoso. Sua pegada mais excitante. Seu beijo mais encaixado. Sua pele mais tenra.

Como não notei o quanto nossos corpos juntos naquela confusão de pernas, coxas, braços e bocas formava uma escultura digna dos corredores do Louvre? Como consegui ficar mais de um mês rejeitando seu toque?

Eu me odeio por permitir esses pensamentos. Odeio porque você está direcionando todo seu desejo e toda sua potência para esse *instaboy*, enquanto nenhuma boca consegue me deixar de pau duro. Odeio porque vocês devem estar fodendo em todos os cômodos do seu novo apartamento com vista para o Cristo Redentor, ao som das músicas que escolheram para o casamento, enquanto o idiota aqui começa a ficar meia bomba só de lembrar dos nossos quadris juntos e das nossas bocas em comunhão.

Eu me odeio porque são 6h30 da manhã e acabo de melar minha cueca batendo uma punheta pensando em você.

Eu deveria ter bebido menos.

Flutua

*Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar, sem temer*[\[8\]](#).

Johny Hooker e Liniker

Rio de Janeiro, 09 de maio de 2018

Querido ex,

Hoje na entrada da faculdade havia uma menina panfletando. Nos folhetos, a imagem daquela garota transexual desaparecida há duas semanas, cujo corpo aparentemente acabara de ser encontrado. Na parte de trás, um convite para participar da manifestação. “Parem de nos matar”, terminava dizendo.

Há um tempo éramos eu e você entregando os panfletos no lugar dela. Há um tempo, não perdíamos uma passeata, uma reunião do coletivo, uma palestra ou uma mesa redonda sobre direitos LGBTQ+. Agora esse panfleto, que costumava ser um convite para o enfrentamento ao seu lado, é só mais um dos papéis na bagunça da minha mochila, ao lado de cadernos, notas fiscais e canetas estouradas. Mais uma lembrança na confusão da minha vida.

No intervalo de Francês II, você no meu *feed*. Uma matéria do site PapelPop, ilustrada por uma sorridente imagem em preto e branco do “casal do ano”. No texto, a descrição do seu casamento como um “ato performático em prol da resistência das vivências *queer*”. Uma justificativa para a urgente escolha da data da cerimônia para o mês seguinte, junho, o mês internacional de combate a homofobia.

Um parágrafo só de silêncio para você.

Silêncio.

Sério cara? Não tinha como ser menos oportunista?! O que você sabe sobre resistência *queer*? Desde quando você é *queer*? Não tem viado mais GGGGG que você, principalmente agora ostentando esse seu namorado/noivo padrão. Eu bem me lembro que, apesar das renúncias vazias, você se regozijava toda vez que alguém comentava sobre como você não tinha ‘cara de gay’ ou com os ‘que desperdício’ que ouvia. Sou um tolo por não ter percebido isso antes. Tolo!

Afinal, eu te encarava como o próprio Jesus Cristo Gay. Eu ficava completamente encantado quando você segurava a minha mão no meio da rua ou postava uma foto nossa abraçados no Facebook, principalmente depois daquele que veio antes de você nunca ter conseguido dar esses passos comigo. Até porque, essas migalhas que casais heterossexuais sequer

param para pensar sobre, são realmente pepitas de ouro para nós e apesar de você sempre agir de forma *blasé*, eu realmente as encarava como preciosidades. Era algo deliciosamente inédito nos meus 20 anos nesse planeta. Mas para você não era. E você brilhava, ao ponto em que eu me apagava. Cada xingamento era uma oportunidade para você ganhar mais seguidores. Cada episódio de trauma (como aquele pai que ameaçou nos encher de porrada pelo beijo que demos no cinema) uma chance para escrever um textão em uma rede social ou discursar incessantemente no coletivo.

Não me leve a mal, você é realmente corajoso e se as pessoas conseguissem manifestar suas individualidades da forma livre e natural que você faz, eu realmente acredito que o mundo seria um lugar melhor. Mas agora, quando sua voz já não ecoa diariamente nos meus ouvidos, eu vejo que você, na ânsia de mostrar que o afeto é político e ostentar sua branquitude gay, nunca permitiu que eu tivesse o meu tempo.

E eu não sou você. Eu nunca fui você. Eu não queria falar sobre esses episódios dois minutos depois deles acontecerem, eu queria chorar e ficar no meu canto. Eu não queria escrever um textão, eu só queria deitar minha cabeça no seu ombro e ficar reclamando sobre como o mundo está repleto de gente imbecil. Eu não queria fazer uma *live* escrachando homofóbico na fila do cinema, eu queria ir embora, sumir, desaparecer!

Mas como poderia eu? O menino que tem as duas mães, o namorado do maior nome do coletivo, me acovardar diante dessas violências? Como poderia eu preferir largar sua mão do que passar abraçado na frente de um bar de madrugada e ter que correr para não tomar porrada de um babaca bêbado? Como poderia eu fingir que não ouvi uma ofensa? Como poderia eu não me posicionar e simplesmente começar a chorar diante daquela mãe que cuspiu na gente no meio do ônibus lotado?

Eu não soube impor minhas necessidades e o meu tempo e você não olhou para mim. Acho que você nunca olhou de verdade para mim. Se você tivesse olhado, você saberia das crises de ansiedade, dos pesadelos atrás de pesadelos e do sonambulismo que me controlava quase toda vez que alguma dessas violências aconteciam com a gente.

E você nunca perguntou como eu estava. Você nunca hesitou em compartilhar tudo que a gente sofria nas redes, você nunca deixou uma situação passar em branco, de forma que eu nunca consegui ter o meu próprio tempo para lidar com essas questões. Até hoje eu ainda não fui capaz de desvendar como eu quero manifestar o meu desejo e a minha raiva e o quão forte (ou fraco) eu sou para lidar de forma pública com acontecimentos que me dilaceram.

Eu saí das mãos de alguém que me apresentava como “primo” ou “melhor amigo” diretamente para as suas. Mãos firmes e intransigentes, mãos que apertam e sacodem com força, mãos que não passam despercebidas, mãos de alguém que, silenciosamente, exigia que eu fosse mais do que eu era, que eu desse mais do que eu podia ofertar naquele momento.

E eu me perdi no meio desse caminho. Mas estou começando a me achar.

E não se engane, eu sinto muito ódio pelos verdadeiros culpados por esses nós na minha garganta e essa mortalha na minha alma. Eu sinto muita raiva por todas as pessoas que acham que nossas vidas não valem porra nenhuma e eu gostaria de ver os filhos da puta que fazem essas covardias atrás das grades (agora posso falar isso porque não sou mais obrigado a endossar a baboseira dos seus discursos abolicionistas).

Mas eu não vou aceitar o convite desse panfleto. Eu não vou escrever um textão. Eu não vou na reunião do coletivo para ouvir as mesmas pessoas, pregando as mesmas palavras para aqueles que já sabem de cor todo esse discurso universitário sobre LGBTQfobia e que, no fundo, ligam mais para os seus próprios egos do que para vidas como a dessa menina.

Eu preciso cuidar de mim.

Eu não posso chegar em casa me tremendo dos pés à cabeça depois de ser perseguido na rua. Eu não posso perder noites inteiras acordando de hora em hora com pesadelos. Eu não posso despertar na varanda debaixo da chuva por causa do sonambulismo engatilhado por esses episódios de

homofobia. Eu preciso manter minhas notas. Eu não posso perder minha bolsa. Eu preciso ficar bem.

Agora, eu realmente espero que, para além do oportunismo barato, você utilize essa plataforma que teve a sorte de ganhar para fazer algum bem. Para que consiga olhar para além do seu umbigo e da massagem no ego e realmente trazer mais amor para esse mundo. Ou pelo menos reconheça o seu egoísmo, como eu estou aqui fazendo.

Então se você quer e pode arcar com a transformação do seu casamento em um ato político, , você o faça, mas nunca mais ouse julgar aqueles que, assim como eu, decidem não o fazer.

Você não sabe o que as pessoas estão passando e sua experiência sendo admirado como a reencarnação brasileira do Harvey Milk não é universal.

Um dia eu vou ficar bem e um dia eu vou voltar a ser aquele menino com a coluna teatralmente ereta entregando o panfleto e gritando palavras de ordem na manifestação. Quando isso acontecer, será por vontade e força genuína e não por ter deixado a pessoa ao meu lado fazer escolhas por mim.

Enquanto isso, eu estou em paz assumindo o papel do menino que esquece o panfleto amassado na bolsa. O menino que você chamaria de “alienado” e “acomodado”, mas que eu chamo de honesto.

Quem sou eu para saber de alguma coisa? Quem sabe é você, afinal o senhor está aí no PapelPop, mostrando para todos nós que o ápice do engajamento político realmente está nos bem casados decorados com arco-íris e no pagamento de um cachê gigantesco para a Pabllo Vittar cantar no seu casamento.

Velha Roupa Colorida

Você não sente, não vê

Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo

Que uma nova mudança em breve vai acontecer [\[9\]](#).

Elis Regina

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2018

Querido ex,

Os últimos dez dias foram os melhores desde que você se foi. Não passar mais da metade do meu tempo trancafiado naquele escritório com cheiro de mofo e infestado por baratas que caminham por debaixo dos teclados dos computadores foi a decisão mais acertada que já tomei. Agora finalmente posso aproveitar esse mais que bem-vindo tempo livre para voltar a nadar, estudar francês com mais afinco e passar mais tempo com meus amigos. Não há mais nenhum obstáculo que me impeça de ficar enfiando a semana inteira na casa da Ágatha.

Os dias parecem mais acolhedores, minhas mães mais relaxadas, as pessoas menos ranzinzas e veja só, até o ônibus menos lotado. Nem as aulas de Macroeconomia estão modorrentas, com a típica carranca do professor parecendo um pouco mais agradável.

O engraçado é que, apesar de ainda lembrar de você, sua presença nos meus dias está menor. Não procuro mais as notícias sedutoras. Não pego o celular de uma das minhas mães para ver suas fotos sépia. Não fico relendo os cartões que um dia você escreveu para mim com frases prontas e adjetivos vazios. Não tenho mais tempo pra isso. Quero ver gente, quero andar por novos caminhos, quero pedalar até minhas pernas gritaram de cansaço!

É engraçado, agora, olhar para trás e ver como eu sempre me comportei como uma daquelas pessoas que, intitulada com uma verdade indiscutível atribuída por Deus sabe quem, levantava o dedo para esbravejar que amizade vem antes de namoro e que nunca iria deixar de estar com uma amiga para ficar do lado de macho. E olha o que eu fiz né. Praticamente abandonei os meus amigos, como se estivessem todos infectados com H1N1.

Eu sabia que estava deixando-os de lado. Eu tinha ciência do que estava fazendo, mas na ânsia de te agradar, de ser o namorado perfeito, de estar à sua altura, eu atuei como se não soubesse, enganando a mim mesmo. Fingia realmente acreditar que todo aquele seu discurso sobre “passar tempo de qualidade juntos” e “querer você o tempo todo só para mim” não era, na verdade, um código traduzível como “seus amigos são um porre e eu estou de saco cheio de vocês, mas não quero que você saia só com eles pois no fundo sei que você é uma piranha que vai me trair, então não vou dizer nada

disso, pois não vou pagar de abusador, mas espero que você esteja entendendo, ok!? OK.”

Até posso me dar um desconto e afirmar que, talvez, eu não tenha percebido a primeira vez que me impediu de ficar com eles. A gente ainda desfrutava do gosto do início do relacionamento, de forma que quando você resmungou que não estava afim de participar da festa de quase Natal que meus amigos faziam todo ano, eu não estranhei, não li as entrelinhas das suas palavras sob a luz do tipo de namorado que você viria a se tornar.

Eu queria muito ir, eu havia passado meses falando sobre aquela festa, que era basicamente a única vez no ano inteiro em que eu conseguiria ver todos os meus amigos do ensino médio juntos. Você me viu correndo atrás das decorações, me ouviu convencendo o Júlio a adiar a viagem com a família e me viu escolhendo com cuidado a caneca de *How I Met Your Mother* para a Larissa, a minha amiga-oculta. Eu queria ter trocado os presentes, jogado Eu Nunca até ficar bêbado de catuaba e dançado no *Just Dance* até o amanhecer.

Mas lembra o que aconteceu? Na noite anterior você ficou falando sobre como precisava da minha ajuda para revisar o seu discurso no seminário sobre gênero e relações internacionais, reclamando sobre como já tinha mais de um mês que eu não passava um final de semana inteiro no seu apartamento. E o que eu fiz? Eu liguei no dia seguinte para elas, fingindo tosse e dizendo que estava com febre. E o que aconteceu? Fiquei acordado, sozinho, durante toda a madrugada, batendo punheta e assistindo a segunda temporada de *How To Get Away With Murder*. enquanto você roncava ao meu lado.

Eu não percebi também quando você fechou a cara depois de eu te contar que tinha aceitado os convites da Larissa para vermos o show da Karol Conká na Lona Cultural. Não percebi quando você me fez escolher entre ir passar o final de semana em Penedo ou comemorar o aniversário da Ágatha. Não percebi quando você disse que até estava de acordo comigo indo sozinho com as meninas naquela boate gay que você odiava (“muito alterna”), mas que caso eu postasse nas redes sociais alguma foto na festa sem você, todo mundo ia ficar perguntando se a gente tinha terminado e seria muito chato ter que ficar dando explicações.

Aos poucos eu fui virando sua sombra. Nós íamos nas festas dos seus amigos, fazíamos viagens com a sua família e eu jogava tudo que era eu para debaixo da tapete, até o ponto em que me tornei incapaz de encontrar em nós um traço genuinamente meu. Aos poucos fui me tornando mais uma dessas pessoas que eu tanto criticava. Uma dessas que troca os amigos pelo namorado.

Meu perfil no Instagram era repleto de fotos ao seu lado. Meu Facebook lotado com postagens em que eu marcava você. Minhas conversas diárias recheadas com o seu nome e novidades sobre a sua vida. Até a sua igreja eu comecei a frequentar, e eu sequer acredito em Deus! Eu fui me misturando tanto em você ao ponto em que, nas raras ocasiões em que eu passava um tempo sozinho com meus amigos, eles mal me reconheciam nas palavras que saíam de mim. “Desde quando você fuma?”, “Porque você tá usando camisa de flanela?”, “A gente não aguenta mais você mencionando Judith Butler o tempo todo”.

Eu comecei a reproduzir sua opinião *blasé* sobre os romances do John Green. Comecei a falar com uma propriedade de crítico de cinema dos filmes *cults* que só passavam no Cine Estação. Até o diacho de um chapéu Fedora eu cheguei a usar! UM FEDORA!

Enfim, a questão é que, quando você terminou comigo naquela tarde de dezembro, minha vontade era de não mudar o status do Facebook e continuar fingindo nas redes sociais que ainda estávamos em um relacionamento sério.

Eu tinha vergonha de voltar com o rabo entre as pernas para os meus amigos e ouvir o bendito “eu te avisei” e o doloroso “agora você lembra que a gente existe”, admitindo que eu me tornara aquele arquétipo.

Me custou muito para reconquistar a amizade, para recuperar esse tempo perdido. Ainda estou deslocado, como se nesse ano e meio eu houvesse me tornando um estranho nas rodas de conversa, outrora tão familiares. Sou alguém que se mudou para o exterior por alguns anos e acabou de voltar para casa, ainda sem saber completamente de todos os novos assuntos, sem saber quem casou, quem se separou ou quem morreu e

passando direto pelas piadas internas que só um grupo de amigos bem próximos consegue entender.

Mas como poderia ser diferente? Foi tanto que eu perdi. Não foram só os shows, a festa de natal ou os aniversários. Foi ignorar mais de um ano ao lado de pessoas que estiveram lá por mim por tantos outros. Foi não estar ao lado da Lorryne quando ela descobriu que estava grávida ou do Elton quando ele foi expulso de casa ao contar para os pais que era gay. Foi não ter vibrado com a Carol quando ela conseguiu, depois de três longos anos se preparando, passar para o curso de Medicina, foi não estar do lado da minha prima para saber das experiências dela com o primeiro namorado ou não apoiar o Vinicius quando ele deixou de se chamar Ana.

Ainda falta muito para as coisas voltarem a ser como eram, mas esses dias que passei na casa da Ágatha me deram um gostinho do tempo antes de ser o namorado de alguém, e também de como o futuro ao lado deles pode, ainda, imitar esse passado. Inclusive esse ano estamos transformando o amigo-oculto da festa de quase Natal em um amigo-oculto de uma festa quase Junina. Temos que aproveitar enquanto todo mundo está solteiro. Vai que até o final do ano alguém do grupo começa a namorar e fura o rolê.

Não podemos correr esse risco de novo.

Miragem de Carnaval

Você sorriu pra mim

Depois sumiu na multidão

Será que foi miragem de Carnaval?[\[10\]](#)

Caetano Veloso

Rio de Janeiro, 26 de maio de 2018

Querido ex,

Vim passar o final de semana em Saquarema, essa cidadezinha do Rio com cheiro de sal que, apesar de ser beijada pelo mar, pode parecer também um grande latifúndio do século XX. Para além de praias e micaretas, Saquarema porta também ruas de barro que terminam no nada e casinhas saídas de desenhos de criança que não tem luz ou *wi-fi*, fazendo com que as grandes mansões com suas piscinas e portões como enormes arranha-céus sintam-se completamente deslocadas ao seu lado.

Estamos todos aqui para comemorar o aniversário da Larissa. Uma festa à fantasia na casa de praia dos tios dela. Como esperado, ela estava deslumbrante, vestida como uma versão brasileira da Katy Perry. Uma peruca azul sintética comprada por R\$19,99 no Saara, uma saia de tûle rodada com as cores do arco-íris, ostentando imagens de *cupcakes* cor-de-rosa delicadamente coladas, uma meia-calça bege escamada como se fosse a pele de uma cobra e um sutiã que, no local onde normalmente haveria somente o pano de suporte dos seios, carregava duas tortas de baunilha com uma cereja no topo de cada, tão bem feitas que parecia possível se sujar caso esbarrássemos nelas. Basicamente, um perfeito *cake pop* (ainda me encanto com esses adventos da culinária de festa infantil) com pernas.

Larissa sempre foi extremamente cuidadosa com detalhes. Inclusive, arrisco dizer que toda essa atenção beira a psicopatia, mas também confesso que gostaria de ter recebido um pouco da ajuda dela com o macacão de prisão laranja que usei, na falha tentativa de parecer alguma das meninas da série *Orange is The New Black*. Uma roupa que parecia extremamente banal ao lado da explosão de açúcar que era ela. Mas não tive coragem de, mais uma vez, importuná-la com uma lista de pedidos, afinal ela teve trabalho suficiente (e pagamento zero) com a fantasia que criou e costurou sozinha para nós dois usarmos no Carnaval do ano passado e que foi simplesmente a coisa mais legal já feita desde a criação do desenho *Steven Universe*.

Nós nunca havíamos parecido tão feitos sob medida um para o outro quanto naqueles dias. Os elogios e comentários dos estranhos, todos os meus amigos e também os seus amigos querendo tirar e postar fotos com a gente e até mesmo aquela matéria da *globo.com* com as melhores fantasias,

que ilustramos com o nosso beijo. Tudo soava como a manifestação corpórea de um perfeito sonho de Carnaval.

Eu falei que ninguém ia pegar a obscura referência do Homem Sereia e o Mexilhãozinho, a infame dupla de heróis que era sucesso na Fenda do Biquíni, mas você me garantiu que *Bob Esponja* ficava ao lado de *Chaves*, *Simpsons* e *Meninas Super-Poderosas* no *hall* dos programas da infância dos *millenials* que nunca seriam esquecidos por essa geração iPad. Você estava obviamente correto e, por sorte, tínhamos a Larissa, com suas mãos de artista e máquina de costura profissional para nos ajudar.

Ela não poderia ter feito um trabalho melhor em nós dois. O seu *collant* verde e laranja com o sutiã de conchas roxas resistiu bravamente aos três incessantes dias de blocos, assim como minha máscara e botas azuis que reproduziram perfeitamente aquelas usadas pelo Mexilhãozinho (apesar de terem ido diretamente para o lixo, já que estavam empapadas com aquela mistura de urina, sêmen e barro que permeia o solo do Rio de Janeiro nos dias do Carnaval).

Parecíamos um casal saído de um desses filmes nacionais gays com o Jesuíta Barbosa. Nos agarrávamos por todos os cantos, como se ficar um minuto longe um do outro significasse o arrebatamento. E aquele sexo entorpecido pelos *shots* de catuaba atrás das árvores do Aterro do Flamengo, entrou para a lista dos melhores da minha vida.

Mas apesar de todo *paête* e serpentina, foi ali também que as coisas começaram a mudar dentro de mim. Pelo menos foi o que eu me obriguei a acreditar depois que, no final daquele ano, você terminou comigo.

O Transtorno de Ansiedade Generalizada sempre fez com que eu realizasse associações completamente absurdas e descabidas nessa minha cabeça. Chegue até o final dessa rua em dois minutos e você vai passar na prova de Sociologia. Coma três bananas até o fim desse comercial e você vai conseguir aquele emprego. Olhe para um homem sem camisa no Carnaval e todos os relacionamentos até o final da sua vida estarão completamente arruinados.

Apesar de ter aproveitado a presença de um namorado que, finalmente, tinha paixão pelas inúmeras folias que ocupam a cidade em fevereiro, ao invés de ficar em casa maratonando séries e reclamando nas redes sociais da inerente atmosfera de urina e suor das ruas, eu não conseguia deixar de olhar e desejar todos aqueles homens. *Barbies* com seus corpos milimetricamente depilados e moldados pelo sofrimento diário nas academias. Ursos com seus largos ombros, braços e peitorais coberto por uma camada de pelos que urgiam pelo toque. *Twinks* com suas aparências esguias e olhares atentos. Toda aquela efusão de caras sem camisa, com o corpo brilhando de suor e sal sob o sol sufocante do Rio de Janeiro, me excitava. Os músculos, as curvas, os sorrisos, as barriguinhas... Aqueles olhos injetados e famintos, aquelas pessoas em êxtase, tudo me deixava louco e quando a gente transou na sua casa depois daquele último bloco, eu imaginei que você era o coroa de peito estufado e barba grisalha cerrada que ficou me encarando com fome na hora anterior.

Nos dias que se seguiram à Quarta-Feira de Cinzas, meus olhos vidrados e meus pensamentos movidos à cafeína não descansaram. Como podia eu, tendo você como namorado, querer outras pessoas ao meu lado? Você, que parecia tão perfeito com sua pegada doce, suas palavras atenciosas e com um corpo definido de Adam Levine? Eu me tornara um eterno insatisfeito. O universo havia me agraciado com um homem que personificava tudo que eu sempre havia desejado e mesmo assim eu via meu interesse desviar dele para inúmeras outras pessoas. Uma puta, uma vadia que realmente não merecia o homem que tinha.

Obviamente agora eu entendo que, quando em um relacionamento, desejar outros corpos é extremamente normal. Absorver isso não significa que eu vá virar o maior e mais novo membro do poliamor, que pra mim continua caindo na mesma categoria do veganismo, algo que apoio, mas cuja prática, infelizmente, está para além das minhas capacidades. Significa que eu não julgo o meu eu de um ano atrás por presenciar esses desejos.

Mas também preciso olhar para o absurdo que é estabelecer essas causalidades. Eu não vou me dar bem em uma prova se eu correr desesperadamente por uma rua para alcançar seu final em dois minutos. Eu vou é cair e me machucar. Eu não vou conseguir um emprego se eu estufar

minha boca com bananas. Eu vou morrer engasgado. Nosso relacionamento não acabou porque eu imaginei um coroa bombado me comendo no seu lugar. Nosso relacionamento foi muito mais que aquilo e seu término adveio de fatores que sequer consigo contabilizar.

Depois do Carnaval eu me acorrentei ao fantasma da potencial traição e sem sucesso tentava queimar o desejo por qualquer outra imagem que fosse para além da sua. Eu esqueci que a gente pode escolher cumprir o acordo que sustenta o relacionamento monogâmico, mas que acreditar nessa ideia Nicholas Sparkiana de que nunca devemos sentir atração por qualquer outro corpo que não seja o do par é uma baboseira sem igual.

Naquela época eu ainda não fazia terapia. Naquela época eu achava que devia provar para o mundo e para você que eu era merecedor do seu amor. E naquele momento eu estava plantando a semente que germinaria o nosso fim.

Foi assim que, ontem, observando os casais em suas fantasias ridiculamente combinadas, Homer e Marge, Chucky e sua noiva e dois meninos como Mário e Luigi, pensei em como eu gostaria de ter tido alguém ao meu lado no Carnaval deste ano, para viver mais uma vez todas as aventuras que as ruas do Rio de Janeiro de fevereiro possibilitam.

Eu queria ter brilhado pela cidade ao invés de ter ficado murcho em casa. Pois o que eu fiz no meu primeiro Carnaval sem você foi exatamente isso. Ficar em casa, com as cachorras, um pote barato de sorvete trufado e uma assinatura de 24 horas no *pay-per-view* do *reality* te assistindo beijar apaixonada e incessantemente o seu agora noivo, em rede nacional.

Percebi também que eu não deveria ter usado com a Larissa, o Elton, a Ágatha e todo mundo que deixou meu celular sobrecarregado de mensagens, que mais eram intimações para ir encher a cara nos blocos, a velha desculpa de que estava de cama com febre de 37,5 graus, ocasionada por uma garganta terrivelmente inflamada e pelo constante gosto de sangue na boca. Pensei em como eu gostaria de ter percebido que o Carnaval é uma oportunidade única que a história do Brasil nos deu como presente para exorcizar demônios, vomitar mágoas e limpar a alma com muita cerveja e

beijo na boca, deixando nossos corpos prontos para todo o desconhecido que o novo ano, então devidamente iniciado, guarda.

Mas a magia do Carnaval é que ele acontece todo ano. E dessa vez eu sei que não preciso ostentar um namorado em uma fantasia cafona para me divertir.

You're so vain

But you gave away the things you loved

And one of them was me

I had some dreams, they were clouds in my coffee[\[11\]](#).

Carly Simon

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2018

Querido ex,

Ficaria feliz e honrado em comparecer a cerimônia de celebração do enlace matrimonial às 18 horas do dia 30 de junho na PUTA QUE PARIU. O que passou nessa sua cabeça vazia para que você achasse certo enviar aqui para casa essa caixa de vidro, com suas duas pequenas gravatas coloridas no topo e quatro convites para o seu casamento? Você realmente precisava fazer isso?

Não basta o universo e todos aqueles que habitam neste planeta chamado Terra comentarem diariamente sobre você? Não bastam as chamadas para o seu programa que me sacodem todas as vezes que me pego distraído durante o almoço assistindo, entediado, a televisão? Não basta eu me surpreender com a sua cara na página do Instagram de todas as celebridades LGBT que eu sigo? Você realmente precisa mandar, para a minha sagrada casa, para o meu endereço, que é talvez o único lugar dessa cidade em que sua imagem não me persegue pelos cantos (tirando quando uma das minhas mães tem a brilhante ideia de mostrar uma foto de nós dois juntos um ano atrás no ‘neste dia’ do Facebook), essa sórdida caixa?!

Isso é tipicamente você. Disfarçar um comentário cínico com um pretexto legítimo e potencialmente fofo. E não venha me dizer que é só porque quer a presença das minhas mães na sua cerimônia, que pelo visto amaram o convite e estão extremamente agitadas com a perspectiva de participar de um casamento de “celebridade” e acharia de mal gosto não me convidar também. Tem esse quarto convite, tingido de rosê gold, me encarando como se estivesse escaneando a minha alma. Um quarto convite que é basicamente você esfregando na minha cara o fato de eu estar sozinho. Você acha que, mesmo se eu me prestasse a fazer o papel de ex-namorado *good vibes* e aparecesse lá em uma camisa florida e mocassin, eu levaria quem como par? O desleixado do meu pai? Alguma das minhas amigas que te odeia? Um garoto de programa deliciosamente bombado e barbudo com tatuagens despidas de significado por todo o corpo?

Eu realmente devo ter feito algo de muito ruim para Deus. Castigo por ser viado eu já descartei, afinal você está aí vivendo sua vida perfeita. Dessa forma, sou levado a acreditar que ter largado a catequese antes da hóstia

final ou ter beijado o pajem da igreja no armário de vassouras nos meus longínquos 11 anos, realmente fez com que as santas me lançassem uma maldição de fracasso romântico que vai ficar grudada na pele como um *hash* ou marcas de coceira da catapora!

Assim, esse furor amargo ao escrever esta carta para você com a maldita (porém, finalmente de muito bom gosto) caixa ao meu lado é o mesmo que me embrulhou por inteiro no dia em que descobri sua participação no “Confinados”. Uma subtrama do mundo, tão bem escondida, que, no momento em que me atingiu fez com que eu me sentisse como uma borboleta que fora congelada em uma caixa, aguardando o beijo dos noivos em um casamento para, finalmente, sentir a terna temperatura da atmosfera e lembrar ao restante do corpo que, *oops*, ela ainda calhava de estar viva. Preso, sufocado, paralisado porém sigo vivo.

Eu voltava de mais um dia, que mais parecia dois, naquela masmorra que eu chamava de estágio. A roupa social abraçava meu corpo com o suor gerado pelas duas horas em pé em um ônibus que, a despeito da placa indicando lotação máxima de 68 pessoas, certamente abrigava mais de 80. Eu só precisava de um banho, só isso, um banho. Mas chegando em casa, ao invés de encontrar meu refúgio no chuveiro, me peguei boquiaberto na frente da televisão, vendo uma chamada de 30 segundos com o seu rosto perfeitamente simétrico falando sobre as expectativas do confinamento em um casa com outras 15 pessoas, onde teria todos os seus atos filmados e divulgados em rede aberta 24 horas por dia. Uma propaganda que, para mim, mais parecia a notificação de um atentado terrorista.

Das mil possibilidades de rumos a serem tomados pela sua vida depois que você terminou comigo, virar estrela de um *reality show* era, certamente, uma das últimas opções da lista. Fazia menos sentido que um episódio de *WestWorld*. Logo você, que sempre criticou o “poder de alienação” da cultura inútil representada por esses programas, que me criticava por passar as tardes dos fins de semana e feriados assistindo as Kardashians e *Are You the One?*; você, que tinha como maior objetivo de vida iniciar, antes dos trinta, uma carreira diplomática; você; o mesmo você que sempre esbravejou orgulhosamente todas essas palavras, estava fazendo parte do maior *reality show* do país.

Na urgência de extravasar aquela mistura de choque com raiva, que eu sequer sabia como chamar, me lancei em uma pesquisa desvairada pela internet sobre a sua participação no programa, enquanto simultaneamente mandava mensagens para as meninas, perguntando se elas tinham testemunhado a mesma coisa. Eu precisava garantir que a pesada rotina de um universitário não havia tirado o melhor de mim e me deixado completamente pirado ou que todas aquelas madrugadas maratonando *The OA* e *DARK* não haviam me deixado completamente biruta.

Mas não era imaginação. Você realmente estava lá. Eu comecei a navegar, perdido no mar de informações sobre você, que agora inundava toda a internet. E em cada entrevista e em cada vídeo promocional eu procurava um sinal da sua versão que me tinha sido apresentada no pouco mais de um ano em que fui seu. Na frente das câmeras, eu observava catatônico, uma projeção mais polida daquele seu eu ativista. Era aquele mesmo cara que vinha para a superfície nas reuniões do coletivo ou nos discursos ocasionados por aqueles ataques de homofobia nas ruas, porém mais afetado. Era uma versão mais contida, que parecia falar todas as coisas certas, rindo na hora certa das piadas certas, me encarando pela tela do computador como se, por trás daqueles olhos, não houvesse alguma personalidade genuína.

Você é tão safo nessa vida que entendeu, de cara, as necessidades de adequação das suas características para a realidade televisiva. Era como se você fosse um daqueles cozinheiros do Youtube, que fazem com que uma receita extremamente elaborada e com ingredientes dos quais eu nunca ouvi falar, soasse como algo passível de elaboração até por um adolescente da Barra da Tijuca que nunca fritou um ovo. Eu fiquei assustado com o que vi. E eu também te invejei. E em cada episódio, em cada dia que eu passava na frente da televisão, devorando todos os seus segundos, eu me odiava um pouquinho mais.

Minhas mães estavam preocupadas. Eu disfarçava, dizendo que fazia aquilo só para rir da sua cara e comentar com as meninas sobre seus discursos decorados e piadas pré-fabricadas e politicamente corretas, propositalmente declamadas assim que o programa entrava ao vivo. Mas a verdade é que, por dentro, eu me debulhava em lágrimas, em ressentimento

e em mágoa por ver a versão fantasiosa que você manufaturou tão porcamente ganhar a atenção e o amor de todo um país.

E você conseguiu manter essa postura até o final. A versão *clean* e palatável de um gay pós-moderno. Uma versão que esse Brasil progressista do século XXI pode celebrar sem nenhum constrangimento.

Muito obrigado pelo convite, mas eu não vou ao casamento. A última coisa que eu preciso e quero é olhar na sua cara. É presenciar, mais uma vez, você desenvolvendo com maestria oscariável a versão falsificada do que você realmente é.

Mas boa sorte, estarei aqui torcendo para que você entale com essa porcaria de bem casado arco-íris ou que, na hora do fale agora ou cale-se para sempre apareça algum ex seu do qual eu não tenha ciência, carregando um *pendrive* com informações que te desvendariam como um estelionatário fugitivo.

Caso nada disso venha a ocorrer, estou mais satisfeito fazendo maratona de *Glee* pela décima segunda vez do que acompanhando essa farsa que você está chamando de casamento.

Dia Clarear

Eu sei lá se eu vir você mais tarde Eu vou até o dia clarear [\[12\]](#).

Banda do Mar

Rio de Janeiro, 01 de junho de 2018

Querido ex,

Ontem eu tive um encontro. Não um daqueles apressados, agendados através de um dos vários aplicativos de pegação que a modernidade trouxe para os nossos celulares, cujo único objetivo é uma foda rápida para matar a vontade e limpar a mente. Ontem eu tive um encontro de verdade.

Acho que você inclusive ouviu uma das minhas muitas histórias sobre ele, mesmo o mais provável sendo, devido a quase nulidade de atenção que você dedicava aos meus amigos e conhecidos, que você não se lembre. Então me deixe refrescar a sua memória. Kalil foi um dos meninos que estudou comigo no ensino médio. Um daqueles héteros que se orgulhava de fazer piadinhas comigo pelos corredores da escola. Ter sido o único viado assumido de toda aquela instituição me tornava um alvo, o bode expiatório perfeito para que eles, tão covardemente, direcionassem a mim toda sua ignorância, frustração e raiva com o mundo. Foi assim que passei três anos ouvindo da boca de Kalil e de seus amigos neandertais xingamentos extremamente criativos, tais como “viadinho de merda”, “chupa cu” e “bambi” além das constantes associações das minhas notas altas com a prestação de favores sexuais para os professores. Sensacional, não é mesmo?

Mas Kalil cresceu para além da barba e dos músculos. Ao sair dos muros do Colégio Pedro II, onde sua personalidade era resumida no desfilar com as mangas do uniforme dobradas em seus braços magricelas e um orgulho de ser um *bully* manifestado em sua coluna sempre perfeitamente ereta, como se tivesse consultas diárias de RPG, decidiu cursar Publicidade e Propaganda em uma universidade federal. Kalil contrariou assim todas as expectativas de pais e professores que, devido ao seu desempenho escolar que garantiu para a escola uma vaga na final da Olimpíada Brasileira de Matemática, o empurravam para um destino como engenheiro. Sim, eu também ficava revoltado me questionando como alguém com um QI tão elevado podia ter a profundidade emocional de um episódio de *South Park*. Porém, aparentemente, Kalil estava guardando durante todo esse tempo, nas profundezas do seu cérebro e das suas gavetas, uma paixão doentia pelo trabalho do Andy Warhol e uma necessidade de transcender as latas de sopa em que sua própria personalidade, desejos e escolhas haviam sido confinadas durante os anos da escola.

E foi assim que ele contrariou também as minhas expectativas ao se mostrar, durante a faculdade, uma grande e fabulosa bicha. Para a felicidade geral da nação *queer*, Kalil, com seus braços torneados, traços geométricos, sobrancelhas grossas e olhos de uma escuridão profunda, se descobriu gay. E para além da coragem de mostrar seus tons para uma família de militares completamente religiosa e conservadora, Kalil também começou a se engajar no movimento LGBTQ. Já no terceiro período do seu curso, criou um blog onde ele e alguns dos seus novos amigos escrevem sobre diversidade nos meios de comunicação e na produção cultural, participando também como voluntário de uma *hotline* que auxilia jovens sofrendo com violência em casa e na escola. Sim, eu também fiquei surpreso. Me parece um jeito bastante legítimo de compensar por tudo o que ele fez.

Mas eu fiquei ainda mais boquiaberto ao receber uma mensagem dele no Messenger. E ainda mais surpreso quando me convidou para tomar uma cerveja na praça São Salvador. Kalil sempre foi um daqueles meninos que a gente admira de longe, em uma cobiça quase inconsciente e incrédula. As postagens dele testemunhavam uma vida de festas e viagens que pareciam saídas de um filme. Apesar dos eventuais *likes* compartilhados, que para outros olhos poderiam significar interesse, mas que para mim soavam somente como a manifestação da rotina das redes sociais, eu nunca cheguei a considerar ele como um *step*, uma opção para o tempo em que você não estivesse mais aqui.

E foi com olhos esbugalhados e unhas ruídas, que eu ignorei os exercícios de Macroeconomia que urgiam como um berrador para serem feitos e aceitei o convite. Eu tinha um encontro.

Descobrir quem era aquela pessoa que se disfarçou atrás de ofensas e comentários homofóbicos ao longo dos três anos do ensino médio me pareceu uma agradável aventura. Passei o dia ouvindo a *playlist* mais pop do meu celular e cantarolando palavras em inglês para quem quisesse ouvir. Ao chegar em casa, o espelho me lembrou de detalhes que, até então, estavam invisíveis. Meu cabelo demasiado sem forma, com os pelos na parte da nuca se espalhando para os lados como se precisasse de umas sessões de psicomotricidade. Minha barba muito comprida, um pseudo-hipster da zona oeste. Meu rosto muito bolachudo, com bochechas dignas

de bonecos de pelúcia dos anos 1990. Minha pele, ressecada. Minhas camisas pareceram desbotadas demais ou largas demais ou justas demais.

E foi assim que afoguei a natação, e passei toda a tarde em uma dessas barbearias potencialmente machistas que, na tentativa de recuperar a tradição do *macho man* oitentista, oferecem cervejas geladas e partidas de sinuca enquanto seu o cabelo e barba são delicadamente aparados por homens que mais parecem bonecos de cera, com peles perfeitamente hidratadas e cortes engenheirísticos. Saindo de lá, percelei em 3 vezes uma camisa florida de 110 reais que, destoando do restante do meu armário, parecia se adequar perfeitamente ao meu corpo.

Banho. Escova. Fio dental. Modelador no cabelo. Desodorante. Perfume. Roupa passada. Bala Halls no bolso. Uma hora antes do encontro eu estava digno de uma postagem sem filtro no Instagram.

No espelho o percebi. Um perfeito idiota.

Era como se todos esses meses tentando me livrar de você e da necessidade de me modelar para que alguém gostasse de mim tinham ido para o lixo. Do que adiantou tudo aquilo? Todas horas escrevendo essas merdas de cartas com canetas estouradas; todas aquelas consultas com a psicóloga; ter largado o estágio, ter lutado como um doido para conseguir um intercâmbio e reservado mais “tempo de qualidade” para mim se, na primeira oportunidade de encontrar com alguém que, de fato, eu pudesse me interessar romanticamente, eu jogava tudo pro alto, na ânsia de parecer perfeito para um homem!? E não era qualquer homem. Sendo mais específico, era o homem que havia me tratado como lixo humano por anos e cujo convite não indicava, pelo menos não explicitamente, nenhuma investida de cunho sexual ou romântico. Aparentemente eu tenho um padrão e eu estava, mais uma vez, repetindo ele.

A hora do encontro se aproximava. Meu rosto outrora perfeito, contorcia-se em caretas e lágrimas. A perspectiva de conseguir um ônibus até o Largo do Machado parecia cada vez mais longínqua, com a greve dos rodoviários que havia sido anunciada durante todo o dia e os quarenta reais para um Uber já não existiam na minha carteira depois de todo o investimento em cabelo, barba e bigode. Mais lágrimas.

Uma batida na porta do meu quarto. Dois rostos femininos de olhos esbugalhados. Deus, como eu sou grato por você ter me agraciado com duas mães! Apesar de geralmente significar o dobro de preocupação e também o dobro de vezes em que eu ouvi, com olhos revirantes, frases como “leva o guarda-chuva vai chover”, “não esquece o casaco”, “quantas vezes vou ter que repetir...” e “eu te avisei”, também significa duas vezes mais atenção à tempestade que acomete minha cabeça ansiosa. Elas viram minha euforia se transformar em uma tristeza profunda.

Quando dei por mim já estava dentro do carro, cercado por lenços umedecidos e pela rouca voz da Ana Carolina em alguma rádio de MPB. Enquanto meu cérebro corria para processar o que estava acontecendo com aquelas mulheres, elas dirigiam como loucas, rumo as profundezas do Largo do Machado. Enfrentamos barulhos de tiro ao cruzar a Cidade de Deus, incontáveis quebra-molas e buracos ao longo das estradas do Rio de Janeiro e duas blitz da lei seca. Eram 22h05 quando me entregaram, são e salvo, ao bar em que o meu *date* já, tranquilamente, me esperava. Épicas, não é? Não me admire que você cobice tal presença no seu casamento.

Ele estava em uma mesa de canto. Levantou para me receber e eu torci para que o inchaço do meu rosto choroso houvesse passado. O cheiro do abraço se portou de mim enquanto assumia consciência de que minhas pernas tremiam. Não era possível que fosse o menino das mangas dobradas.

A primeira hora passou como conversa de elevador, enquanto *pints* de cerveja eram colericamente preenchidos por um sorridente garçom que parecia carregar uma criança de nove meses em seu estômago e uma irritante necessidade de mostrar serviço.

"Gostei da camisa, Warhol tem uma pintura com essas cores. Queria ter um estilo, minhas roupas são... Sei lá, muito roupa, elas não dizem nada... Eu nunca conseguiria carregar esses tons por aí."

" Ah... Obrigado! Ela é nova, foi um presente. Kalil, qual é a sua?"

" Qual é a minha? Tem algo de errado... Eu fiz alguma coisa? Foi algo que eu..."

" Não... Sim! Tem sim! Quer dizer, olha pra você! Você deve fazer isso o tempo todo com esse corpo, mas tipo, olha pra você! Não te vejo tem meio século e do nada você vira um *bodybuilder* viado com senso estético de garoto Tumblr que me chama pra sair sábado a noite? Você acha que eu sou idiota?"

"Eu não entendo, eu falei alguma coisa errada?"

"Você não falou nada, mas olha pra mim! Na moral, to esperando algum dos seus amigos aparecerem aqui pra me jogar sangue de porco. Na real, isso seria ótimo porque eu poderia me fazer de coitado e tentar virar um subcelebridade, quem sabe um Youtuber. Mas só corta esse papinho e pula pra parte em que ..."

Ele me beijou. Dentes bateram, línguas penetravam enquanto o gosto de cerveja era substituída pelo gosto de boca. Nos afastamos quando o garçom apareceu para, mais uma vez, ofertar cerveja. Uma vela havia sido acesa dentro da minha cabeça e de preto eu fiquei vermelho.

A ânsia do beijo se transformou no desejo de adentrar as narrativas das nossas vidas.

A preocupação exagerada da família que continuava a mesma após os vinte anos. As frustrações com a faculdade. A dificuldade cada vez maior de ganhar dinheiro fazendo o que ama. A dificuldade de descobrir o que ama fazer. As maratonas de série. As premiações injustas do Oscar. A treta da Taylor com o Kanye. Os candidatos para a eleição deste ano. Cinema nacional. África do Sul. Geopolítica russa. Copa do Mundo. Andy Warhol. Angela Davis. Demi Lovato. Christina Aguilera. O atentado dos *cake pops*. A inutilidade das Instax. Um pedido de desculpas pelas violências do passado.

Íamos devorando as palavras um do outro, em uma dança de comentários, referências e observações irônicas que fez com que cinco horas transcorressem como uma.

Já entorpecidos por uma considerável quantidade de uma cerveja extremamente gelada, que se não fosse o marcador de papel já molhado e

rasgado onde o garçom habilmente registrava cada nova garrafa não teríamos ciência da quantidade final, Kalil fez uma oferta digna de alguém que já viu *Hoje eu Quero Voltar Sozinho* um sem número de vezes. Me encarando em silêncio, com aqueles olhos de infinito, perguntou se eu aceitava alugar uma dessas bicicletas disponíveis nos bicicletários das ruas da zona sul carioca e pedalar até a praia para ver o nascer do sol.

Eu normalmente não aceitaria. Você mais do que ninguém sabe que sou apavorado com a perspectiva de controlar algo frágil como uma bicicleta ao lado de carros e pedestres. Inclusive, na única vez em que nos arriscamos a fazer isso eu terminei todo ralado, concretizando os medos mais profundos da cantora Ludmilla.

Não sei se foi o álcool, se foi um alinhamento de constelações desconhecidos pela minha pessoa, se foi o tom seguro da grave voz de Kalil ou um confiante eu interno esperando a oportunidade para me tornar um membro legítimo da Grifinória. Eu aceitei. Agarramos duas bicicletas de cor laranja e estampando sorrisos bobos pedalamos lado a lado pela madrugada do Rio de Janeiro.

Percorremos as árvores do Aterro do Flamengo. Serpenteamos ao redor de postes que, tal como em um filme de terror, piscavam arritmicamente ao longo de uma paisagem quase deserta, com casais que, abrigados pela noite e pela confiança na ausência de bêbados em bicicletas, desfrutavam do sexo um do outro. Pedalamos pela orla da praia de Copacabana, vendo o céu mudar de tons de preto para o roxo e do roxo para o lilás, enquanto o vento salgado cortava o rosto e berrávamos letras de música um para o outro. Andamos até Ipanema, onde, inconscientes de qualquer coisa além da presença um do outro, largamos as bicicletas e testemunhamos, de mãos dadas, o nascer do sol.

E ali, ignorando meu incômodo com areia e tremendo com um suor gelado depois de duas horas sob aquela bicicleta com marcha pesada, compartilhamos outro beijo. E dessa vez eu senti aquilo que achei que só fora possível com você naquele café, naquela quarta-feira.

Dentes não se encontraram dessa vez. A boca quente e firme, o gosto doce da língua e o aconchego do abraço de Kalil, que me embalou até o

momento em que sol pairou, estável e despreocupado sob o mar, me acordou. Tomei ciência da dor na panturrilha estimulada pelas pedaladas, da textura da areia que havia entrado no meu tênis e do gosto de sal nos lábios. Naqueles microsegundos eu me senti em casa. Eu me senti feliz.

Me pergunto se foi assim que você se sentiu comigo. Melhor, me pergunto se foi assim que você sentiu com ele naquele beijo em que eu, com olhos cristalizados na televisão, testemunhei da minha casa. Me pergunto se o que veio depois com ele foi tão doce e tranquilo quanto esse beijo na praia. Gostaria de saber se, diferente do que aconteceu com nós dois, essa sensação se tornou uma constante. Porque se isso aconteceu eu posso entender o porquê do seu casamento ser tão urgente. Se eu pudesse segurar o calor que invadiu meu peito nessa manhã com um contrato e uma cerimônia extravagante, eu também o faria.

Eu estou em casa. Ainda suado, ainda com o tênis repleto de areia , ainda com o gosto dele na minha boca e eu só quero que você saiba que eu entendo. Eu entendo como uma música pode mudar de significado e que você usá-la no seu pedido de casamento não torna o que ela havia sido pra nós dois menos importante. Eu entendo como sem aviso prévio as coisas podem se transformar. Eu entendo como você conseguiu seguir em frente. Eu entendo que isso não significa que o amor que um dia compartilhamos, aquele amor embalado por café, militância e *drag queens* tenha sido falso.

Eu entendo.

Agora só me resta torcer para que o sábado venha ser a minha nova quarta-feira.

You can't always get what you want

You can't always get what you want

But if you try sometime you find

You get what you need[\[13\]](#).

The Rolling Stones

Rio de Janeiro, 10 de junho de 2018

Querido ex,

É engraçado como o tempo é sorrateiro, nos negando a percepção de um padrão acerca da sua velocidade. Nos dizem que o medimos de forma universal, mas isso é baboseira. Não há nada mais pessoal do que o tempo.

Eu não sei você, mas para mim realmente parece que foi ontem que você me levou naquele bar. Era o que? Um bar viking? Lembro que tentava reproduzir uma taverna da Idade Média, com copos em formato de chifres e cervejas artesanais superfaturadas. Um lugar onde, para surpresa de todas as articulações do meu corpo, você havia conseguido juntar cada amigo, dos mais diferentes e distantes grupos, com o único objetivo de comemorar o meu aniversário.

Se eu fechar os olhos ainda consigo lembrar do acender de luzes, das vozes em uníssono gritando surpresa e daquela multidão de cores e pernas correndo na minha direção para me dar um abraço em grupo que deveria ter sido registrado para o pleito de uma página no Guinness Book.

Foi o melhor presente que eu já havia ganhado. Todos aqueles rostos conhecidos, em um bar do qual eu nunca ouvira falar não fazia o mínimo sentido, de forma que fiquei, genuinamente, surpreso. Você, que tanto reclamava dos meus amigos e que fugia de qualquer encontro ou possibilidade de interação com eles, havia, com uma leve ajuda operacional das minhas mães que, febrilmente, correram atrás dos números de telefone de mais de duas décadas de amizades, incluindo até as meninas que compartilharam giz de cera e meleca comigo nos longínquos anos de jardim de infância. Era inacreditável.

Eu sempre reclamei sobre nunca ter recebido uma comemoração surpresa e sobre como os dez anos de idade marcam a data em que as festas de aniversário atingem o pico, apenas tendo qualidade, relevância e quantidade de presentes rolando morro abaixo depois., como *Glee* depois da terceira temporada.

Você provou que eu estava errado.

Aquele bar mal iluminado brilhava com toda a nossa euforia. Parecia que ele era só nosso, e que as poucas mesas que não estavam sendo ocupadas por algum dos convidados sumiam diante do movimento das mais de trinta pessoas que estavam ali por mim. Até a pretensiosa banda *indie* dos seus amigos (Como eles se chamam mesmo? Os *macarons*? Os *croissant*?) não me pareceu tão ruim, tocando versões folheadas das minhas músicas pop favoritas. O sequestro do microfone da banda pelas amigas da

faculdade para cantar (se é que pode chamar aquilo de canto) *Hit Me Baby One More Time*, a Ágatha se agarrando ensandecidamente com um garçom no lado de fora, minha tia cardíaca de 70 anos subindo na mesa para dançar *Tombei*, a maior roda de verdade ou consequência já feita na história dessa cidade (que gerou episódios como a Carol pedindo o número de telefone de um menino de 16 anos). A noite pareceu saída de um clipe de *house party* do Justin Bieber e certamente seremos impedidos de voltar pelos próximos 21 anos naquele híbrido de *pub*, restaurante e taverna escocesa do século XIV.

Depois de cessada as folias você foi lá para casa, mesmo correndo risco de vida ou de terminar a noite em uma delegacia, já que ambas as minhas mães estavam obviamente dirigindo embriagadas.

Nos dedicamos famintos e embaraçados em um sexo com gosto de cerveja e molho *ranch*, que durou até a hora em que o sol começou a sair e em que um galo cantaria, caso morássemos em uma dessas bucólicas regiões de um musical. Eu adormeci nu, com a cabeça sob o seu peito e com o corpo marcado pelo seu líquido seco. Entrelaçados. Tão fortemente abraçados, com pernas e braços encaixados, que parecíamos bordados um ao outro. Foi, certamente, um dos melhores aniversários da minha vida.

Mas as consequências ruins, já que aparentemente nada de bom vem sem um revés, estavam guardadas para quatro meses depois. E no seu aniversário elas explodiram na minha cara.

Às vezes ainda me pergunto se o meu aparente desleixo por não ter realizado uma comemoração tão memorável para você fez com que percebesse mais rapidamente que eu não era a sua alma gêmea. Nos meses que preencheram aquela noite de junho com aquela de setembro, promover tamanho acontecimento não passou pela minha cabeça. Diferente de mim, você sempre falou que não gostava de surpresas, de forma que eu nunca cogitei fazer para você o mesmo que você fez por mim.

Então, quando naquela tarde fria saímos com sua família e dois dos seus amigos mais próximos para jantar no *Nosotros*, um restaurante mexicano com um cardápio para além das possibilidades da minha simplória bolsa de

estágio, não passou pela minha cabeça que você esperasse um acontecimento épico nos moldes exatos daquele que você havia construído.

Estávamos nos afastando. Sequer havíamos comemorado nosso ano de namoro na semana anterior. Você me evitava com desculpas envolvendo o início do mestrado e eu me frustrava cada vez que acatava suas exigências mudas sobre sua necessidade de tempo e negação da minha ida em baladas e eventos sem você. Como eu ia saber o que você esperava de mim se a gente mal conversava? Se todas as tentativas de reaproximação acabavam em brigas que entravam por toda a madrugada, com um esfregando na cara do outro o quão infeliz estava?

Ter vestido um sorriso e dedicado horas para encontrar o presente ideal, um globo terrestre que, no escuro, se iluminava com tons azulados revelando as constelações e que precisou ser parcelado em 4 vezes sem juro, pareceu, para mim, suficiente. Não foi.

Você não escondeu sua cara de insatisfação a noite toda. Qualquer tentativa que eu fazia de demonstração de carinho era rebatida com um comentário que era, na melhor das hipóteses, seco, e na pior, terrivelmente irônico. Meus toques na sua perna ou minha mão não seu ombro eram recebidas com um corpo retesado pedindo distância.

. Naquela mesa, no canto ao seu lado, enquanto você se dedicava a falar com uma animação forçada com seus pais e amigos, eu estava sozinho. Depois de tanto tentar participar das conversas, fazendo comentários sobre os filmes que vocês citavam, dando palpites óbvios sobre a situação política do país e sempre atento a piadas que eu pudesse usar como gancho para rir com vocês, para que eu pudesse me sentir parte do seu dia, parte da sua vida, eu desisti.

Antes de pedir a conta e ir embora, fui ao banheiro, sentei sob a tampa da privada e chorei. Chorei porque antes do início daquela noite eu achei que as coisas iam mudar. No auge da minha inocência distraída, realmente acreditei que aquela cartinha e aquele globo de luz pudessem ajudar a botar o nosso relacionamento no eixo, que aquele jantar era justamente o que você queria, uma combinação especial do sutil com o belo.

Depois de terminados os burritos e as quesadillas não houve nenhum convite para te acompanhar até a sua casa, te acompanhar até o seu quarto. Não houve o sexo entorpecido pela mistura de euforia com álcool. Não houve o adormecer no aconchego do seu abraço. Não houve seu gozo na minha pele ou suas pernas entrelaçadas nas minhas.

Seus pais me deixaram em casa e, com um beijo no rosto, você seguiu com eles. Eu adormeci quando já era madrugada, para acordar algumas horas depois, descalço, na varanda, sentindo a garoa na minha pele. Eu voltei a ter as crises de sonambulismo.

No domingo que seguiu a sexta-feira do seu aniversário, quando tudo que fizemos foi responder um ao outro com mensagens despidas de qualquer sensação de familiaridade, o pijama havia se tornado a minha pele. Nosso ano de namoro passava pelos meus olhos como uma montagem. Em cada imagem, em cada cena, eu, mais do que tentar identificar o que e onde as coisas haviam desandado, me dedicava a uma sofreguidão digna de um filme do Lars Von Trier.

Olhando para trás agora, eu deveria ter notado que o fim era somente uma questão de tempo. Você havia deixado isso bem claro, só eu não percebi. Não quis perceber.

Ontem quando acordei, passei um quarto de hora olhando moscas no teto. 21 anos e a minha preocupação era ter como comemoração uma versão empobrecida da balburdia que você planejou para mim ano passado. Minha festa de autopiedade foi interrompida por uma gritaria repentina do lado de fora do meu quarto. As meninas haviam chegado. Finalmente, meu aniversário.

Um quartel marchava carregando panelas, sacolas e caixas de papelão com peças de decoração que iam do Natal até São Cosme de Damião. Minhas mães se dedicaram a uma decoração digna do planetário de *La La Land*. Com a ajuda de Larissa, trançaram as árvores do quintal com piscapisca, luzes coloridas e lanternas vermelhas de papel, como aquelas dos restaurantes japoneses. Já eu e Ágatha ajudávamos a avó Abigail, que havia cruzado de Belo Horizonte ao Rio, a cortar carne, fritar pastéis e montar uma bela travessa de petiscos.

A mesa tinha lugar para dez pessoas e estava coberta com um pano azul estrelado e decorada com vasinhos recheados por flores amarelas. Uma cena da Noviça Rebelde. Ao redor foram postas toalhas de picnic, almofadas e puffs coloridos que cobriam toda a extensão do quintal. A tarde caiu e ainda estávamos conferindo se todas as bebidas estavam devidamente geladas, as comidas prontas e a máquina de karaokê funcionando, quando os convidados começaram a chegar.

Vieram todos. Amigas da faculdade. Amigos do curso de inglês. Antigos colegas do trabalho. Meu leal grupo do ensino médio, me dando como presente sua presença integral, a prova de que meus furos estavam perdoados. Kalil. Eu havia convidado ele de última hora e, apesar de estarmos nos aproximando desde o encontro, não esperava que fosse aceitar vir aqui em casa. Pelo menos não agora, pelo menos não tão cedo.

Não o apresentei para as minhas mães como nada além de um amigo, mas o buquê de girassol que carregava ou o olhar de bobo nos meus olhos provavelmente devem ter denunciado. Se aprendi algo nesses sete meses sozinho foi que eu preciso ir com calma. Não tenho capital emocional para arcar com os custos de um outro relacionamento. Não agora. Por mais que aquele perfume amadeirado e rosto perfeitamente desenhado sejam um convite para eu me perder em mais uma história de amor e drama, eu preciso respeitar meu tempo. Não posso correr, ainda estou engatinhando. Então não, nada de apresentação formal.

Com o passar da noite os risos, conversas engajadas que um tópico se sobrepunha sobre o outro e o prazer que só comida de vó é capaz de deixar na boca, os resquícios daquele aniversário que você me deu ano passado desbotaram. Kalil foi o último a deixar a minha casa, já de madrugada, me presenteando com um beijo que eu havia esperado durante toda a celebração. Ágatha e Larissa desempenharam com maestria o papel de amigas, saindo de seus colchões no chão para se espremerem na cama ao meu lado. Lágrimas tomavam nossos olhos e a barriga se contorcia em dor, enquanto gargalhávamos por motivos incapazes de serem explicados.

O calor do sexo que compartilhei com você, nessa mesma cama, nesse mesmo dia no ano passado, foi substituído pelo prazer das horas de

conversas, confissões e piadas que dividi até o amanhecer com as minhas amigas.

Eu acordei há poucas horas. Ao ligar a televisão do quarto, em um volume quase inaudível, a primeira coisa que vi foi seu rosto sorrindo para mim.

Olhava diretamente nos meus olhos. Da sua boca saiam palavras encorpadas com sua típica eloquência, que passa pelos gestos de todo seu corpo. Você não precisava ter verbalizado, sua imagem refletia o quanto estava feliz por apresentar o primeiro episódio do seu programa.

A despeito das inúmeras propagandas, eu esqueci completamente que era hoje que seu *talk show* começava a ser exibido. O que me surpreendeu, mais que essa coincidência de datas, foi que, dessa vez, meus dentes não rangeram ao te ver na TV. Dessa vez eu esbocei um sorriso enquanto você fazia uma daquelas suas piadas sem graça, mas que fez a plateia gargalhar, provavelmente motivada por produtores que levantam placas com reações e interjeições a serem expressadas.

Durante uma hora me perdi na televisão ao te acompanhar nas entrevistas com celebridades e desconhecidos nessa manhã de domingo. Minha atenção só foi desviada quando minhas mãos entraram no quarto, trazendo um envelope fechado que, na correria do dia anterior, haviam esquecido de me entregar.

Meus gritos ainda ecoam nos ouvidos das pobres almas que estavam ao meu redor. Dentro do envelope, uma passagem para a África do Sul e uma cartinha assinada por parentes de todos os cantos onde, com a grafia afetada da mãe, eu li que eles se juntaram para arcar com a despesa do meu semestre, DO SEMESTRE INTEIRO NA ÁFRICA DO SUL! Era basicamente um ticket dourado da *Fantástica Fábrica de Chocolate* que me concedia os seis meses de estudo na Universidade de Cape Town!

Os gritos e tremores de euforia involuntários já cessaram e seu programa deu lugar a uma competição de cantores mirins. Talvez a vida não seja uma grande armadilha. Talvez a vida não seja um grande *reality show*

que propositalmente me escolheu como o vilão que recebe todos os tomates podres e xingamentos nas redes sociais. Mas só talvez.

Só mais uma coisa (e essa será a primeira vez, e provavelmente a última, que eu vou dizer isso de forma genuína): parabéns. Parabéns pelo programa (que no final das contas tem muito pouco do nosso projeto de canal e é razoavelmente divertido) e parabéns pelo casamento que se aproxima.

Acho que você, de alguma forma, merece

Suburbia

*Have you heard me on the radio, did you turn it up? On your blown-out
stereo in suburbia?*

Could be playing hide and seek from home

Can't replace my blood

Yeah, it seems I'm never letting go of suburbia^[14].

Troye Sivan

Rio de Janeiro, 13 de junho de 2018

Querido ex,

Ontem foi um dia estranhamente feliz.

A correria da manhã, decorrente dos mais cinco minutinhos de sono, me fez esquecer que era Dia dos Namorados. Ao longo do ano, sempre que olhava para o 12 de junho eu estremecia e minha barriga me obrigava a ir correndo para o banheiro. Eu esperava estar completamente fora de mim frente à essa efusão de flores, chocolates e declarações potencialmente falsas nas redes sociais de casais dos quais eu sequer havia ciência da existência. Eu estaria só, e a solidão em uma data que demanda companhia é apavorante.

No ano que passamos juntos fingimos não dar muita atenção para esse dia. Sustentados pela característica arrogância da nossa geração, tentávamos provar um para o outro o quão pós-modernos éramos, inflando o peito para dizer que compactuar com o Dia dos Namorados significava endossar a monetização e transformação do afeto em *commodity* pelo capitalismo. Quanta originalidade, não é?

Conforme esperado, frente à efemeridade das nossas certezas juvenis, as propagandas nos pontos de ônibus e os filmes em cartaz falaram mais alto. Nós cedemos à pressão do cupido capitalista. E que alívio foi poder jogar para o alto aquela pose de "somos um casal bom demais para isso".

Floreada por comida japonesa, entregue por um *delivery* que, não surpreendentemente, dada a estranha associação entre romance e peixe cru, demorou mais de três horas para chegar, nossa noite acabou com pipoca, brigadeiro e uma maratona de *Unbreakable Kimmy Schmidt*. O sushi e o sashimi substituíram o leite e o pão no nosso café da manhã. Mas aparentemente seus dias de endosso da simplicidade e críticas prolixas ao capitalismo ficaram para trás. Afinal, foram você e seu excelentíssimo noivo na televisão que me lembraram que 12 de junho é o *Valentine's Day* brasileiro. Para quem ria da data, esse comercial de plano de dados para casais até que foi muito bem atuado, quem diria que você também daria um ótimo ator.

Felizmente esse espanto só aconteceu porque o tempo livre que eu havia conquistado com a minha demissão está sendo agora ocupado pela correria demandada para a organização desses seis vindouros meses na África.

Tenho menos de sessenta dias para ajustar toda a documentação e decidir as matérias eletivas que vou cursar na Universidade de Cape Town. Além disso, preciso me afogar em uma patacoada de exercícios de Macroeconomia, uma vez que uma potencial terceira reprovação vai levar não só ao fim desse sonho sul-africano como também da minha existência, já que minhas mães me esfolariam vivo, no melhor estilo *Game of Thrones*, depois de todos os reais investidos na passagem.

De qualquer forma, seu comercial foi o presságio de uma tragédia.

Já que vocês são quase um #brumar, o senhor provavelmente não teve nenhum problema no famigerado 12 de junho para além de fazer seja lá o que as pessoas milionárias fazem nas semanas antes dos seus luxuosos casamentos. Provar o bolo? Arrumar o terno? Escolher as músicas? Não estou casando, então não saberei. Mas eu, na minha realidade descolorida frente à eterna empolgação que parece envolver seus dias, me vi em um beco sem saída.

Duas ligações. 15 minutos entre uma e outra.

Todas aquelas comédias românticas sobre o Dia dos Namorados como um momento cheio de estresse e confusão começaram a fazer um pouco mais de sentido. Em meia hora eu havia me tornado a protagonista loira e carismática. Completamente confuso e desesperado.

Kalil havia me convidado para um tradicional encontro. Um filme de terror norte-americano, com os assentos namoradeiros previamente reservados pelos ingressos que ele havia comprado na noite anterior. Ele deve ter ouvido os meus batimentos cardíacos do outro lado do telefone. É loucura da minha cabeça ou sair com ele no Dia dos Namorados significaria que já somos um pouco mais do que duas pessoas se conhecendo? Como joguinho romântico é uma coisa naturalmente bloqueada pelas minhas sinapses cerebrais, eu aceitei de cara aquela convocação matutina, sem esconder um centímetro de toda a empolgação que transbordava por todo o meu eu.

Mas como não podia deixar de acontecer em uma típica narrativa romântica, o segundo ato veio com as escolhas difíceis e a sequência de

desventuras que empurram a protagonista fofa até o limite dos seus sentimentos.

A ligação da Ágatha veio logo em seguida a de Kalil. Uma lembrança de que as meninas, tanto as que namoravam quanto as que estavam solteiras, iam se reunir na festa de DEScomemoração na casa dela. Uma festa sobre a qual eu supostamente havia sido avisado e pior, concordara em ir, na semana anterior. Uma festa para a qual eu deveria ter comprado chocolates caros e rosas vermelhas. Uma festa onde nenhum namorado, *crush*, ficante, *sugar daddy* ou *boy* teria a entrada permitida. Não havia como cancelar. Elas não aceitariam uma desculpa mais uma vez. Com a voz tremula, balbuciei um sim.

Até o fim da tarde só restava um rubro sabugo nas minhas unhas. Se eu desmarcasse com elas, estaria mais uma vez caindo no padrão de comportamento que me tornou o arquétipo da pessoa que abandonava amigos por causa de homem. E depois de todo o apoio, tanto emocional quanto prático, já que elas não só criaram a minha festa de aniversário semana passada, como também aturaram minhas mães falando sobre receitas do Youtube e violência policial por mais de 6 horas, eu não tinha como negar.

Mas como desmarcar com Kalil? Apesar do pouco tempo, meus sentimentos por ele parecem cada vez mais urgentes. A perspectiva de vê-lo finalmente tornava alguma passagem do Pequeno Príncipe factível. Eu me sentia como a raposa que, horas antes de encontrar seu príncipe, já inflava o peito com genuína alegria. Além disso, sendo só um pouco mais realista, eu ainda não o conheço suficiente para saber como reagiria frente a uma mancada dessas. Ele ia disfarçar a frustração com uma compreensão forçada? Ele ia tentar marcar um outro encontro? Ele ia ficar extremamente incomodado com a minha falta de organização e empenho e dizer, meio a gritos e lágrimas, que nunca mais ia querer me ver na vida dele?

As horas que antecediam o encontro iam ficando mais pesadas com cada minuto que passava. O ódio eterno de Kalil por mim parecia cada vez mais provável e no final do tempo de Francês II, minha cabeça o transformara de príncipe encantado em algo muito pior. Ele havia virado você. Eu havia projetado nele todas as suas características.

Deixa eu te explicar em cinco passos o roteiro redigido pelo meu cérebro: 1. ele inicialmente ficaria imbuído de uma forma passivo-agressiva, fingindo compreensão. 2. Ele iria me ignorar. 3. Ele esperaria que eu o procurasse. 4. Ele gritaria comigo, reconhecendo o grande desastre que eu sou. 5. Ele terminaria tudo.

Mais uma vez tudo se repetia. Enquanto meus colegas de classe se cobriam com casacos, eu suava, usando as mangas da camisa como toalha. Sempre que eu acho que as coisas estão mudando e que eu estou fortalecido, vem algum lembrete dos céus para me mostrar que eu ainda estou no jardim de infância na escola de maturidade emocional. Eu estava tendo o meu dia completamente perturbado, não só pela perspectiva do que um carinha que eu pouco conhecia iria fazer ou achar de mim, como também pelo fantasma de você. E quando eu finalmente consegui estalar para fora daquela, quase, hipnose ansiosa, já parecia ser tarde demais.

Minha aula tinha acabado e eu estava há uma hora e meia de ambos os encontros. Eu só queria me esconder. Queria fugir para minha casa. Queria inventar uma desculpa envolvendo febre de 48 graus. Queria que a Bíblia estivesse correta e o arrebatamento acontecesse naquele minuto, levando a mim ou Kalil ou as meninas ou todo mundo de uma vez.

Contudo, as trombetas do apocalipse não foram soadas. Uma bactéria alienígena não entrou no meu corpo e minha casa não virou um refúgio possível. Eu precisava tomar uma atitude e foi sua memória em mim, o combustível para a ação.

Eu havia conseguido caminhar muito desde o fim do nosso namoro. Se agora eu estou no jardim, há um ano atrás eu estava no berçário. Fala sério, a despeito de todas as vezes em que ouvi da sua boca que nenhum homem além de você iria me amar e mesmo tendo acreditado por tanto tempo que o meu, agora famoso e rico, ex-namorado estava certo quando deixava subentendido que minha aparência e personalidade eram completamente irritantes, eu havia chegado até aqui. Eu estou vivo, seu filho da puta! Eu estou redescobrimo o afeto, enquanto vejo minha vida caminhar pelos rumos que eu tanto quis. Eu não sou tão covarde e eu não iria me sabotar mais uma vez. Não agora que as coisas estão, finalmente, indo bem.

Dessa vez não precisei da ajuda das minhas mães. Respirei fundo e com os dedos tremendo, telefonei. Minha voz reticente contrastou com o tom firme e carinhoso de Kalil. As palavras foram cuspidas e eu desmarquei tudo. Era a coisa certa a se fazer.

Meu coração encolheu com a reação dele. Kalil não fingiu que estava tudo bem, naquele tom que silenciosamente grita que nada está bem. Ele falou que estava bem chateado. Ele já estava se arrumando. Ele já havia comprado os ingressos. Ele queria que eu tivesse avisado antes. E eu assenti. Não havia nada que eu pudesse fazer e apesar do meu peito, e todo o restante do meu corpo, estar de joelhos implorando para que eu saísse com ele, eu não pude ouvi-los. O dia era dos namorado, mas com as minhas meninas era onde eu deveria estar.

No caminho entre a faculdade e a casa da Ágatha, música nos meus ouvidos. Eu vibrava desatento com cada faixa perfeitamente escolhida pelo *Daily Mix* do meu Spotify, enquanto passava por coloridas barracas onde desavergonhados vendedores abordavam pedestres, na tentativa de vender os escandalosos buquês de flores naturais e artificiais. Motoqueiros cortavam os ônibus, equilibrando flores no colo. Casais lotavam restaurantes e a loja de chocolates risivelmente caros onde parei para comprar os DESpresentes estava tão desabastecida quanto cheia de clientes, me obrigando a levar o exemplar mais caro da linha (uma coleção de bombons no formato de conchas do mar que acabou tendo gosto de gordura hidrogenada).

O apartamento da Ágatha cheirava a bolo e biscoito. Travessas de *cookies* saiam do forno enquanto Larissa, Carol e Elton arrumavam os talheres e pratos sob guardanapos pretos. A macabra decoração incluía vasos recheados com rosas murchas e toda a discografia da Lana Del Rey amplificada pela casa. O cardápio, comida mexicana, com bolo de chocolate e *cookies* com sorvete de chocolate amargo de sobremesa, foi perfeitamente escolhido para fazer com que nos sujássemos com a abundância de ingredientes dos burritos e os farelos das tortilhas e nachos. Deus, como eu amo minhas amigas.

Falamos mal de homens, apostamos partidas no *Super Smash Bros* e compartilhamos histórias típicas do dia dos DESnamorados. Brochadas na

hora H, carinhas que tem nojo de fazer sexo oral, dates que pareciam um sonho no aplicativo de namoro mas um pesadelo na realidade e ex-namorados que acabaram com sua saúde mental, ficaram milionários e viraram subcelebridades.

Kalil continuava na minha cabeça mas meu coração estava em paz.

A vida sempre guarda surpresas. Mais do que ninguém você é ciente disso. E o incrível é que são justamente essas que tornam tudo inusitadamente divertido. São elas que dão vida a própria vida.

Quando o relógio bateu meia-noite, quando já não era 12 de junho e encaixávamos, preguiçosos, os colchões para dormirmos os cinco de nós um sob o outro, o milagre do dia dos DESnamorados aconteceu. A campainha tocou e Ágatha, com um olhar ansioso como o de uma criança esperando por uma encomenda especial, foi até a porta atender.

Lá estava ele. Congelado com um sorriso sem dentes. Uma perfeita visão em cores.

Eu estava de pijama, escova de dente na boca e contando uma infame piada envolvendo gases quando ele apareceu daquele jeito, quase flutuante, com o cabelo perfeitamente penteado, um superstar branco, jeans *skinny* e uma camiseta branca sobrepujada por um paletó preto, para não deixar dúvida alguma que aquele ainda era o nosso encontro de Dia dos Namorados.

Eu tenho as melhores amigas do mundo. Apesar de todo o combinado e das reclamações sobre o meu súbito envolvimento com Kalil, Ágatha secretamente ligou para ele e contou tudo o que tinha acontecido, combinando que ele aparecesse no final da nossa festa.

Com uma carta branca para pular o *sleepover* e sem trocar de roupa (por insistência de Kalil e do pessoal, que praticamente me intimavam a deixar o apartamento em gritos nada discretos), saímos de mãos dadas pela porta enquanto os gritinhos das minhas DESnamoradas ficavam para trás.

Eu não fui capaz de dizer uma palavra. Ele me olhou e soltou um “belo pijama”, acenando para a minha desbotada camisa com a cara da Demi Lovato e shorts cor-de-rosa. Entramos no carro e tudo que eu consegui foi bocejar um pedido de desculpas. Kalil gosta de responder as minhas perguntas idiotas com um beijo.

Fomos até o *drive-thru* de um *fast food* qualquer e tivemos nossa ceia de, já não mais Dia dos Namorados, no carro. Uma madrugada embalada por conversas e beijos com gosto de molho especial.

Os pais de Kalil haviam viajado e, sem pensar duas vezes, aceitei o envergonhado convite para compartilhar a cama dele. Era o mínimo que eu podia fazer pela parte do meu coração que suplicara por aquele calor durante todo o dia.

Acho que por ter passado tanto tempo no seu quarto antes de sermos um par, eu nunca percebi o quanto ele dizia sobre você. Seus livros perfeitamente organizados por cor. Sua bancada impecável com porta-copo para evitar manchas e certificados de prêmios e cursos emoldurados, ocupando todos os espaços livre da parede, eram a sua personificação em um cômodo.

Na madrugada de hoje, entrei pela primeira vez no quarto dele. Um segredo que ele me apresentou sem precisar me contar nada. A cama de casal nivelada no chão, coberta por lençóis perfeitamente passados, pôsteres com cópias dos quadros e fotografias do Andy Warhol por todos os lugares e estantes com bonecos funko de personagens de séries que eu não sabia nomear. Eu estava descobrindo uma parte secreta dele, tão bonita quanto o restante que havia me mostrado.

A minha silenciosa observação foi substituída pelo quente abraço de Kalil ao meu redor e pelo cheiro do perfume que se portou do meu nariz. Sem racionalizar, deixei meu corpo falar e quando, pela primeira vez, tive Kalil dentro de mim, gozei sobre todo o meu corpo sem encostar no pau. Pareceu sagrado.

Agora já é noite e estou sozinho na minha casa. Meu cérebro insiste em comparar o sexo de vocês dois.

Transar com você sempre me pareceu como fazer uma prova. Eu precisava desempenhar os movimentos certos, pegar nos lugares certos, na hora certa, com a intensidade certa, esperando que minha nota final fosse suficiente para garantir uma aprovação, materializada na possibilidade de continuar sendo seu. Obviamente tivemos momentos de prazer descontrolado mas, na maioria das vezes, era assim que eu me sentia.

Hoje posso dizer que nunca protestei por medo de te perder, como se reconhecer a própria existência daqueles testes, implicasse em uma reprovação automática. Mas agora, depois de sentir a gentileza e a doçura dessa noite nos braços dele eu pude perceber o quão mecânico e tenso o sexo era com você.

Agora eu consigo te dizer. Não preciso me provar. Não preciso de um professor. Não preciso das suas notas.

Feliz Dia dos Namorados, meu querido ex.

Goodmorning

That's such a rhythm in my life these days

So I hold on tight and I learn to behave

Because I lied to you

I lied to your face in the summer [\[15\]](#).

Bleachers

Rio de Janeiro, 15 de junho de 2018

Querido ex,

Às vezes, mais que às vezes, eu me odeio. Odeio como eu tenho a capacidade única de arruinar as coisas boas que acontecem comigo. Odeio como fico tão perdido no meu próprio umbigo que esqueço de tudo ao meu redor.

Desde aquela manhã após o Dias dos Namorados, dois dias atrás, não há mais vida dentro de mim. Tenho evitado as insistentes ligações de Kalil, disse não para a saída com as meninas esse final de semana e minha lista de tarefas só aumenta. Meu quarto é o único lugar onde quero estar e dormir é tudo que quero fazer. Me forcei a deixá-lo somente para ir na consulta com a psicóloga.

Como sempre, Luciana me esperava em sua sala lilás, que com o cheiro de essência de canela e música instrumental dos Beatles, acalmou meus músculos. Ali pude respirar aliviado e só de abrir a boca as lágrimas começaram a sair. Só ali percebi o quanto a atmosfera do meu quarto havia se tornando extremamente sufocante. Nos 50 minutos que passei com ela, despejei palavras que nem sabia que estavam dentro de mim. Como eu não consigo nunca ser feliz. Como eu não consigo parar de me comparar a você.

Como não me sinto merecedor das coisas boas que vem me acontecendo. Como eu sou negligente com todo mundo que é bom para mim. Como mais cedo ou mais tarde Kalil vai descobrir a grande fraude que eu sou. Como eu serei um idoso frustrado reclamando sobre a qualidade das telenovelas brasileiras e entorpecido por remédios contra depressão.

Me olhando com olhos calmos e atentos, Luciana ouviu tudo. O que para você, minhas amigas e até mesmo para minhas mães, seria drama ou exagero, para ela é um material. Cada palavra uma ferramenta para me ajudar a enfrentar os demônios que insistem em ficar grudados por todo o meu corpo.

O curioso sobre a psicoterapia é que as pessoas acham que vão sair do consultório com instruções diretas e claras a serem aplicadas nos seus problemas. Como se fosse possível tratar do coração metafórico da mesma

forma que cuidamos do literal. Não, não é assim. Ir na psicóloga não é como ir na nutricionista.

Frente a toda minha angústia, Luciana me apresentou diferentes caminhos, fazendo com que eu percebesse que o problema é um pontinho vermelho na grande página da minha vida. Me lembrou também o quão facilmente eu esqueço disso. Às vezes eu acho que eu sou, por inteiro, o meu problema. Acho que ele vai me engolir, me paralisar e sapatear em cima do meu ser quase cadavérico. Fico tão preso nas minhas expectativas, nas frustrações, nas memórias e nas potencialidades de fracasso dos meus projetos, que eu paro. Eu congelo.

E foi por isso que eu achei que nunca seria capaz de escrever esta carta. Eu paralisei. Eu me convenci de que eu não precisava te contar isso. Me convenci de que segredos fazem parte de qualquer relacionamento, que coisas erradas acontecem mais vezes do que admitimos, que todo mundo mente e que tudo ficaria bem. Mas nada está bem.

Pela primeira vez em muito tempo eu estava me sentindo em paz. Eu estou presenciando algo novo, algo certo e mais que tudo, algo real. E eu estou apavorado. Estou apavorado pela possibilidade de ser assombrado pelos meus erros do passado, por essa sorte ser apenas uma armadilha do destino para me prender e fazer agonizar. Por mais que eu consiga ver que eu não posso carregar sob os ombros a culpa por um erro para sempre, esperando para ter as coisas boas da minha vida arruinadas, como se o karma fosse matemático e só estivesse esperando eu ganhar uma para me tirar outra, eu estou preso. Estou preso a nós. Estou preso a você.

Estou preso a mentira. Estou preso ao silêncio. Estou preso com a culpa por ter te traído.

Eu jurei para mim mesmo entre lágrimas no chuveiro que nunca contaria isso para você. Nem enquanto namorávamos, nem depois do término. A traição seria alimento das minhocas do meu túmulo. Admitir que eu te trai seria como afirmar para todo mundo que eu merecia as merdas que você falou e fez. Seria reconhecer que o sucesso que você teve é mais do que bem-vindo e que eu, como o traidor sujo que sou, mereço o fracasso. Mereço presenciar do chão o meu ex-namorado atingir as estrelas.

Mas eu não aguento mais fingir pra mim mesmo que nada aconteceu. Fingir que os beijos que eu te dei e todos os “eu te amo” que eu disse olhando nos seus olhos depois daquele dia não carregavam esse segredo. Não carregavam essa culpa, essa mentira. Fingir que eu não sou capaz de dissimular, que eu não sou só a vítima, que eu também errei, me consumiu sem que eu percebesse, explodindo no meu rosto dois dias atrás.

Sim eu errei. Sim, eu te traí. Eu te traí mais de uma vez. E foi muito bom.

Aconteceu uma semana depois do seu aniversário. Eu estava com ódio. Com muito ódio. Você me desprezou na frente dos seus amigos, na frente da sua família. Você só me procurava para fuder e mesmo assim arrumava um jeito de estragar tudo, reclamando sobre como eu sujava todos os seus lençóis de porra ou sobre como eu não tinha habilidade para te pegar no colo enquanto metia em você. Você não me perguntava sobre meu dia, minhas palavras eram esquecidas e mesmo assim você ainda parecia analisar todas as minhas atitudes, procurando um erro com potencial para desencadear uma briga. Brigamos por eu ter comprado o sabor de sorvete errado, brigamos por eu ter perdido a reunião do coletivo, brigamos por você só me dar afeto quando tinha alguém olhando, brigamos por eu ter conseguido a vaga para o intercâmbio na Universidade de Cape Town.

Quando a oportunidade apareceu, ela soou como uma mensagem do universo para que eu te desse o que você merecia. Eu não pensei duas vezes.

Eu voltava do estágio. Era mais um daqueles dias exaustivamente entediante, com o calor sufocante do fim do ano anunciando um verão infernal. Você havia acabado de postar no Instagram uma foto nossa, abraçados e sorridentes no pilotis da minha faculdade, a orgulhosa *hashtag* #nossoamorexiste tinha te garantido mais de 300 likes, ironicamente contrastando com suas secas e demoradas respostas às minhas mensagens no Whatsapp.

Eu o notei quando estava no ponto de ônibus. Alto, com uma barba grisalha levemente desgrenhada, braços fortes salientados pela camisa social e uma bunda bem marcada pela calça preta. Vestia um terno azul

escuro alinhado e relógio de ponteiro que pareciam muito caros para alguém que esperava um ônibus às 18 horas na Avenida Presidente Vargas. Devia ter cerca de quarenta anos e acabava de sair do expediente, provavelmente em algum dos milhares de escritórios de advocacia do centro do Rio de Janeiro. Ele percebeu os meus olhares e eu notei enquanto ele checava minha bunda e apertava o pau sobre a calça. Uma mensagem clara que dizia que o interesse era recíproco.

Eu entrei no ônibus e ele veio logo atrás de mim. Esperei ele atravessar a roleta para que eu pudesse pressionar levemente minha bunda sob a sua calça. Sentei em um dos últimos lugares disponíveis e ele parou em pé exatamente na minha frente, de forma que pudesse encostar o pau no meu ombro toda vez que o ônibus fizesse uma curva mais acentuada. Aquela brincadeira me deixou excitado como eu não ficava há meses ao seu lado.

Meu pau já estava rígido e lubrificado quando reparei na aliança dourada. O tesão aumentou. Trinta minutos depois de entrarmos, a estudante adormecida ao meu lado despertou e desceu assustada, aparentemente tendo perdido seu ponto. Eu me desloquei para o banco próximo a janela, permitindo que ele finalmente sentasse ao meu lado. Sua coxa grossa estava contra a minha e sem me encarar ou dirigir a palavra, sacou o telefone do bolso e digitou no bloco de notas. Virando o celular para o meu campo de visão, pude ler um convite em *capslock*, algo como “Minha casa fica no próximo ponto, vem comigo.”

Meu corpo tremia. A excitação se misturava com medo. Lembrei de você. Lembrei de nós. Mas principalmente, lembrei da forma como você vinha me tratando. Como você, na sua eterna arrogância disfarçada, se portava para o mundo como se fosse a prova de que perfeição existe. Como você era louvado em todos os espaços, por todas as pessoas, como se a vida não houvesse guardado nenhum revés para você.

Se o universo havia te poupado de qualquer derrota, então eu faria com que ela viesse pelas minhas mãos. Com *Confident* da Demi Lovato estourando meus tímpanos no fone de ouvido, eu descii logo atrás dele. O acompanhei até a sua casa. Uma residência de quatro quartos e uma ampla sala, localizada em um desses condomínios que parecem saídos de um clipe da Lorde.

Ao cruzarmos a porta nos embarçamos, arrancando nossas camisas. O corpo dele era forte, largo e todo coberto por pelos, tão diferente do seu, sempre detalhadamente depilado. Quando ele me abraçou, fui coberto por inteiro. O cheiro do suor e o gosto alcalino da boca contrastavam com a sua característica essência amendoada. Ele era mais forte, mais bruto. Eu estava completamente lubrificado. Pareceu que meu pau ia explodir.

Fomos para o quarto. Uma cama de casal perfeitamente coberta por lençóis azul-claros e incontáveis porta retratos preenchiam a parede, todos eles ostentando fotos com a esposa e com a filha, uma menina de no máximo 4 anos com um cabelo chanel loiro e olhos esverdeados.

Ele me comeu de quatro. A aliança cintilava no meu rosto enquanto eu encarava a foto da esposa sorridente em um parque da Disney na cabeceira. Ao meu lado, o celular vibrava com mensagens suas. Inusitadamente, perguntava se estava tudo bem. Como havia sido meu dia. Se eu já estava em casa. E eu gozei. Eu explodi de prazer enquanto aquele homem urrava atrás de mim.

Você merecia aquilo. Você merecia ter maculada a sua narrativa perfeita. E aquele cara, naquela casa, com aquela família me pareceu a forma perfeita de estragar tudo. Eu tinha plena consciência de que era algo ruim. Mas eu me senti muito bem. Bem como você não me fazia sentir há meses.

E se não fosse o que aconteceu em seguida eu teria feito tudo de novo.

Mas o estupor que seguiu o gozo foi interrompido pelo pavor. A camisinha tinha estourado e o fluido daquele homem sem nome escorria de dentro para fora de mim.

Eu não sabia o que fazer. Comecei a perguntar aos gritos se ele tinha alguma doença, se ele tinha HIV. Ele disse que não. Eu não acreditei. Dos pés a cabeça, tudo tremia. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo.

Eu estava concretizando todos os medos das minhas mães. Eu estava realizando todas as profecias da sociedade. Eu estava sendo castigado por

ter traído meu namorado perfeito. Eu estava sendo castigado por ter transado com um homem casado.

Meu olho começou a encher de água. Minha garganta ficou seca. Eu estava sujo, condenado pelos meus pecados. Eu não podia ligar para as minhas mães. Eu não podia ligar para as minhas amigas. Eu não podia ligar para você. Frente ao meu desespero, aquele homem me empurrava para fora da sua casa. A esposa estava a caminho, vinha com a filha da escola e eu não poderia estar ali. Sujo, suado, chorando e marcado desatei a me vestir inconscientemente. Já do lado de fora eu esqueci como fazia para respirar.

Liguei o celular. Ignorei suas mensagens. Com dedos trêmulos e dormentes, comecei a pesquisar. Eu sabia da existência da PEP, um serviço oferecido gratuitamente pelo governo brasileiro, um coquetel de remédios que, se ingeridos em até 72 horas após a exposição ao sêmen com carga viral, ou cuja carga viral fosse desconhecida, como na minha cabeça já estava definido que era o meu caso, impediriam a contaminação.

Mas eu não tinha ideia de onde encontrar. Na internet eu me deparava com uma lista de hospitais e clínicas que ofereciam o serviço. Comecei a telefonar. Três não atenderam. Uma disse que a medicação era somente para casos de estupro. A quinta falou, com uma voz que soou como música, que eu deveria ir até eles o mais rápido possível. Um direcionamento claro naquela noite perdida.

Foi assim que eu tomei um Uber e quarenta minutos depois cheguei na FIOCRUZ, um grande complexo de hospitais e laboratórios de pesquisas no meio da Avenida Brasil. Eu chorava. Meus olhos não conseguiam se deslocar da visão dos meus sapatos desamarrados. Não queria contar o que aconteceu. Eu me sentia estúpido, vestido com aquela roupa social barata e amassada, com aquela mochila rasgada sob meu ombro. Mas não havia mais o que fazer. Voltar para casa não era uma opção. Esperar os trinta dias da janela imunológica para descobrir se eu realmente havia contraído o vírus seria impossível para alguém como eu. Eu sucumbia com a ansiedade por notas de provas da faculdade, imagina por algo de tal dimensão?

Respirei fundo e caminhei até a recepção do centro de imunologia. Reconheci a voz como a mesma que me atendera no telefone. Meus olhos

saíram dos meus sapatos para os olhos castanhos. Era uma senhora de cabelos brancos, com uma tipoia no braço esquerdo e um sorriso fácil. Frente aquela recém-criada familiaridade, despejar o que eu procurava naquele hospital acabou sendo mais fácil do que parecia. Engraçado as coisas as quais nos apegamos em momentos de desespero.

Fui encaminhado para um consultório onde um médico, aparentemente uns cinco anos mais velho que eu, me fez várias perguntas. Se eu conhecia meu parceiro. Se eu havia sido “receptivo ou insertivo”. Se eu sabia meu *status*. Se eu sabia o *status* dele. Se havia tido contato com o sêmen e outros questionamentos dos quais já não me lembro. Eu respondi tudo com a voz embargada e olhos vermelhos.

O restante da noite, um borrão. Lembro de ter ficado sentado em uma varanda ao lado de outros pacientes que conversavam e comiam uma insossa refeição de hospital enquanto a única constatação capaz de ser feita pelo meu ser era que meu corpo sentia frio. Lembro de ter tirado sangue e enchido três tubos com ele. Lembro das horas passando, do estômago contorcendo, a mão tremendo e as lágrimas secando. Lembro de receber três grandes potes com comprimidos. Lembro das instruções: eu deveria tomá-los por vinte e oito dias consecutivos, depois desse tempo teria que voltar e fazer os exames finais e só aí eu poderia descobrir se as pílulas realmente haviam sido eficazes.

Um martelar compassado enchia minha cabeça e meu corpo começava a feder depois de quase 20 horas na rua. Finalmente eu poderia ir embora.

Meu celular havia descarregado, não havia como pedir um Uber. O bilhete do ônibus estava sem crédito e eu havia gastado todo o meu dinheiro com a corrida até a FIOCRUZ. Era o que faltava. Eu só sentei no chão e chorei. Tudo que estava engasgado desde aquele momento em que a camisinha estourou saiu naquele choro, que se transformou em um soluçar, que se transformou em gritos, berros bestiais dignos de uma cena de tortura no inferno e que trovejaram por todos os corredores.

Eu estava tendo uma crise de ansiedade no meio de um centro de tratamento de HIV/AIDS. Pacientes saiam de seus lugares para me olhar, uma criança começou a chorar em algum lugar, o barulho de uma bandeja

de alumínio caindo e a imagem da enfermeira com a tipoia no braço vindo na minha direção. Eu lutei frente ao toque. Estava com nojo daquela carne histérica e maculada. Não queria que ninguém me encostasse, como se a sujeira e desespero fossem capaz de infectá-los.

Braços brotaram ao redor do meu punho. Meu corpo tensionado foi jogado em uma cadeira. Um comprimido na minha mão, um comprimido na minha boca. A escuridão e o silêncio.

Acordei em um sobressalto. Enquanto minha visão lutava para se estabilizar consegui decifrar as horas no relógio de ponteiro a minha frente. 23 horas. Minhas mãos deviam estar desesperadas. Eu deveria estar em casa, no máximo, três horas atrás. Você devia estar me procurando. Eu precisava ir embora. Ainda com o corpo e mente dormentes, me dirigi até o balcão da recepção. Em um tom quase sussurrado, perguntei se poderia usar o telefone para pedir um táxi.

Enquanto eu teclava o número da companhia que estava no cartão da recepção, uma mão gelada pairou nas minhas costas. Um rapaz negro, forte e com um sorriso embranquecido que parecia iluminar aquela sala perguntou para onde eu ia. Eu respondi. Ele me ofereceu uma carona, estava indo para o mesmo lugar. Para quem havia acabado de transar com um estranho casado que conheceu no ônibus e perdido todo o senso de si pela perspectiva de ter contraído HIV, o que era pegar uma carona com um desconhecido de olhos azuis?

Me joguei no banco de passageiro como um naufrago em um bote salva-vidas. Meu salvador se chamava Daniel. A coisa mais incrível sobre Daniel é que ele era uma dessas pessoas que faz parecer que qualquer assunto é fácil de ser dito. O tipo de qualidade impossível de ser manufaturada ou apreendida, o tipo de qualidade que eu só viria a encontrar novamente nas sessões pagas com a minha psicóloga.

Daniel convivia com o vírus há 8 anos. Havia contraído de um ex-namorado. Já fazia o tratamento há muito tempo e sua carga viral era indetectável. Me contou sobre sua vida. Sobre a reação dos seus pais e de seus amigos e sobre como havia decidido abrir um canal no Youtube, do qual tirava todo seu sustento, através de propagandas e palestras. Nos seus

vídeos falava abertamente sobre o HIV/AIDS, em uma cruzada para conscientizar jovens que, assim como eu, píram com o estigma e com o imaginário acerca dessa doença. Uma doença que no final das contas acaba sendo só mais uma das inúmeras coisas que qualquer um de nós pode pegar nos dias de hoje. Uma doença que não define ninguém ou muito menos é uma sentença do futuro.

Daniel não me perguntou nada, mas a coragem da sua história me fortaleceu, possibilitando que eu verbalizasse tudo o que havia acontecido comigo nas horas anteriores. Meu dementador começou a parecer menos assustador. Ele era meu professor Lupin e eu um *Harry Potter* ainda terrível na execução do feitiço do Patrono.

Daniel me deixou no início da minha rua. Minhas mães já haviam ligado para o escritório, para a faculdade, para você, para a Ágatha, para a Larissa, para o Elton e estavam prestes a ir até a delegacia. Minha aparência completamente destruída, o corpo suado, os olhos cansados e apáticos e o cabelo desgrenhado fizeram com que aceitassem a desculpa de que o ônibus havia quebrado e eu, sem dinheiro, cartão ou bateria no telefone, viera andando por todo o caminho até chegar em casa. Depois de abraços, broncas e falatórios intermináveis, finalmente encontrei o refúgio da minha cama.

No dia seguinte pela manhã você apareceu preocupado na minha casa. Lembra disso? Um bom dia e um pote de creme de avelã. Um pedido de desculpas silencioso. E eu te beijei. Um beijo falso. Eu havia quebrado.

Por vinte oito dias escondi o remédio. Por vinte e oito dias evitei seu toque, evitei seu sexo. Sempre transamos sem camisinha, inocentemente acreditando em uma fidelidade mútua que nos deixaria imune a qualquer DST, então como eu iria abordar o uso súbito do preservativo sem te contar o que havia acontecido? Eu não podia arriscar te infeccionar com o meu potencial vírus, então eu me afastei.

Foram os piores dias da minha vida. Eu me despedaçava com a culpa do meu segredo. A perspectiva de contar para alguém me deixava em pânico, não só pelo peso de uma traição confessa mas também por reviver todos aqueles momentos. Por ter que contar para todo mundo o que eu havia feito.

Por mostrar para vocês a mentira que eu sou. Então eu não contei para você. Eu não contei para a Ágatha. Não contei para as minhas mães. Não contei para ninguém. Se eu não falasse, se eu esquecesse, talvez nunca tivesse acontecido.

Mas aconteceu e eu era lembrado disso diariamente. Cada conjunto de três pílulas ingeridas religiosamente às 19 horas da noite e cada abordagem sua procurando meu corpo, respondida com uma desculpa sobre indisposição ou disforia com meu peso, me lembravam da puta suja que eu fui.

Você não entendia o porquê de eu estar te evitando, a possibilidade da traição não passava pela sua cabeça e nosso tempo juntos era recheado por brigas e mais brigas.

Agora você sabe os motivos. Eu não transei com você porque eu tinha te traído, meus beijos com gosto de homem casado já estavam de bom tamanho.

O episódio transbordou por todo a minha vida, impregnado muito mais do que o nosso relacionamento. Não me concentrava nas aulas. Fui mal em todas as provas. Não tinha ânimo para ir até as minhas amigas ou ouvir os problemas das minhas mães.

A única luz vinha na forma de visitas inusitadas de Daniel ao meu trabalho. Com alegria e disposição que vieram a se tornar sua marca registrada, me levava para tomar cappuccinos e reclamar da vida. Nós comíamos *fast food* indiscriminadamente, rindo de todos os engratados pretensiosos do centro da cidade. Passeávamos por museus e igrejas, todas elas com uma história desconhecida por mim e declamada por ele. Daniel também me acalmava quando eu era abalado pela perspectiva de viver com o vírus e ter que contar a verdade para todos vocês, me mostrando que a vida com HIV/AIDS é perfeitamente normal (e ele com seu corpo escultural era a maior prova disso). Discutíamos as pautas dos vídeos que ele postava e eu cheguei até a ajudá-lo a responder emails e mensagens de seguidores pedindo ajuda.

O mês passou, os comprimidos acabaram e sua insatisfação com a minha presença parecia ter aumentado exponencialmente desde a semana do seu aniversário. Esse tempo me fez perceber que o sexo era cada vez mais o único motivo para que você ainda me chamasse de namorado. Sem ele não éramos nada. Nos tornamos menos que amigos. Nos tornamos estranhos.

Quando finalmente chegou o dia do teste final, Daniel continuava sendo a única testemunha do crime que eu cometi. E ele foi leal. Com seu carro, que naquela altura já era o nosso quartel general móvel, me buscou na saída do trabalho. Fomos durante todo o trajeto ouvindo o novo cd do Bleachers. Uma banda norte-americana com letras cantadas que parecem encaixar como trilha sonora em qualquer filme do Spike Jonze (apesar de ele nunca os ter usado em sua filmografia). Bleachers era a banda favorita do Daniel. Ele dizia que as músicas pareciam uma autobiografia melódica, como se, diferente da maior parte das músicas pop que tocam nas rádios hoje em dia, eles não tivessem medo de falar sobre sentimentos de verdade, sem glamour, o sentimento cru.

Fizemos mais uma vez o caminho até a FIOCRUZ. Daniel esperou pacientemente a coleta do meu sangue e a impressão do documento com o resultado, me distraindo com conversas sobre os filmes em cartaz e *memes* da Gretchen.

Não reagente. Expirei o ar por mais segundos do que pensei ser humanamente possível. Foi como se tivessem tirado algemas das minhas mãos. Daniel me abraçou firme e vibrou comigo como se ele próprio houvesse ganhado um prêmio.

Na volta, paramos em uma barraquinha de rua e compramos dois cachorros-quentes ridiculamente grandes que devoramos, espalhando batata palha por todo o carpete do carro. Como uma lembrança agridoce do dia em que nos conhecemos, me levou até o início da rua da minha casa e quando eu o abracei, agradecendo por tudo que havia feito por mim, ele me beijou e eu o beijei de volta.

Então aí está, a segunda traição.

Eu fiquei atordoado e, sem falar mais nada, saí do carro.

Aquela foi a última vez que eu o vi.

Depois daquele dia, Daniel me mandou várias mensagens. Eu, na tentativa de deletar todos esses acontecimentos da minha vida com o meu *status* sorológico devidamente confirmado, o ignorava. Na tentativa de esquecer, de me esforçar para recuperar a posição de namorado ideal que eu tanto almejava, mas que não conseguia enxergar que já não tinha como ser alcançada, eu apaguei o Daniel. O apaguei dos meus contatos, das minhas redes sociais e da minha vida, como se ignorar a existência dele fosse sumir com tudo o que aconteceu, como se aqueles vinte e oito dias nunca houvessem existido. Na confusão da minha mente eu deixei de olhar para um amigo ou para alguém que, quem sabe, poderia ser muito mais que isso se eu estivesse disposto a perceber.

E aí está a verdade. Eu te trai. Eu te evitei por um mês por medo de te contaminar com o vírus do HIV/AIDS.

Hoje eu sei que eu paguei caro por tudo isso. E a minha dívida com o universo não foi sanada por você ter terminado comigo pouco mais de um mês depois ou muito menos por estar presenciado seu sucesso. Eu paguei porque, dois dias atrás, quando Daniel já era uma lembrança desbotada e eu delirava em sonhos de um futuro com Kalil, eu descobri que ele morreu.

Aquele cara que durante um mês inteiro me mandou mensagens todos os dias, que me acompanhou quando eu estava sozinho, que compartilhou café e sorvete comigo quando eu não conseguia conversar com mais ninguém e que eu havia descartado tão friamente, depois de ter usado, como se ele fosse um produto com prazo de, estava morto.

Diferente do que você deve estar pensando ele não morreu em decorrência do HIV/AIDS. Ele morreu em um assalto. Ele morreu com um tiro dado covardemente depois de roubarem seu carro, o nosso quartel general sujo de farelo de biscoito e batata palha.

Então tá aqui. Tá aqui a verdade. Ela não vai me devolver um amigo, não vai me dar a possibilidade de ter retribuído tudo que ele fez por mim e

nem me permitir transformá-lo em uma pessoa importante na minha vida, como se eu não houvesse ignorado a existência dele até então, como se eu nunca tivesse mencionado o nome dele para ninguém. Nada disso vai acontecer. Mas eu espero que, assumindo o que aconteceu, ele possa me perdoar. Espero que um dia eu possa me perdoar.

Deixa eu dormir na sua casa

Apague as lâmpadas dos olhos

O jeito da sua escuridão me acalma o sono é uma esponja

E o medo sente medo quando estamos juntos[\[16\]](#).

A Banda Mais Bonita da Cidade

Rio de Janeiro, 16 de junho de 2018

Querido ex,

Os dias estão estranhos, o que continua querendo dizer que minhas noites estão sombrias e agitadas. O sono que me persegue durante toda a manhã parece fugir para bem longe quando finalmente posso deitar na minha cama, deixando espaço para minhas velhas amigas, a ansiedade e a melancolia. Quando, depois de horas, ele decide voltar, raramente está sozinho, sempre traz consigo o seu amigo pesadelo.

Hoje não foi diferente. Lembrei da época em que eu acordava de sobressalto e a primeira coisa que fazia era te relatar em detalhes os acontecimentos daqueles pesadelos vívidos. Eu adorava quando você desatava a procurar os significados de cada imagem e símbolo, permitindo que ficássemos horas discutindo e decupando o que poderia ser o reflexo das tantas horas assistindo *Stranger Things* e o que tinha potencial para ser um presságio. Pelo menos foi assim até o dia em que você começou a ignorar esse nosso ritual, respondendo minha insistente necessidade de comentar aqueles acontecimentos ficcionais noturnos com um “você não tem nada melhor com o que se ocupar?”.

Não, eu não tenho.

Eu andava por uma rua em um parque tão ensolarado que fazia arder meus olhos. Casais com os rostos borrados caminhavam despreocupadamente por toda minha volta, ouvia suas vozes, mas não entendia suas palavras. Ao meu lado, segurando as minhas mãos, havia alguém. Era um homem com a face disforme, sem rosto, assim como todos os outros ao meu redor.

A chuva roubou o lugar do sol e o parque foi subitamente substituído por uma única casa que parecia ser minha, mas que não guardava qualquer semelhança com aquela em que eu realmente habito. Eu e meu par sem face paramos na frente da porta. Ele entrou e agarrado ao meu braço, me puxava para dentro. Eu me recusava a entrar. Meu pulso doía e minha carne rasgava com a pressão da mão. Da soleira, a casa parecia frágil, som ou vida não moravam ali. Um trovão caiu ao meu lado e a tempestade ficava cada vez mais severa, com gotas pesadas como pedras. Com o corpo molhado pela chuva e mente atordoada pelos trovões ao meu redor, me deixei ser levado.

Ele me levou pela mão até um quarto com nada além de um colchão manchado e paredes marcadas pela infiltração. Minha roupa havia sumido, meu pulso, onde ele havia se agarrado, queimava em uma carne viva tão vermelha que parecia ter sido colorida com hidrocor. Ele se inclinou sobre meu corpo. Eu deitei no colchão sujo e quando ele já estava dentro de mim pude ver naquela face o seu rosto.

Era você o tempo todo. Meu coração se acalmou e eu fui tomado pelo típico gosto do seu beijo. Mas no segundo seguinte suas características foram lavadas daquela pessoa sem forma, dando lugar ao homem casado. Meu corpo se retesou em desespero, as veias saltaram nos meus olhos, o coração acelerou, batendo como um surdo e o suor gelado escorria em correntes pela minha testa.

O cérebro ordenava o movimento mas o corpo ignorava. Eu continuava imóvel no colchão bolorento enquanto ele penetrava minha carne brutal e desajeitadamente, com o pau saindo e entrando em uma dor aguda que me tirou sangue e lágrima. Meus olhos fecharam, já ciente do pesadelo, eu suplicava pelo acordar. Abri os olhos. Era Kalil quem estava ali, me fitando com aqueles olhos de um negro infinito. Ele saiu com cuidado do meu corpo, se levantou e me olhou de cima. Os olhos dessa vez eram os azuis de Daniel.

Acordei. O vento gelado da madrugada e os sons da noite cobriam meu corpo. Meu pé estava descalço sob o cimento gelado. A chuva escorria pelo meu nariz, dedos e pernas. O teatro estava completo. As crises de sonambulismo haviam voltado.

O sono não voltou. A imagem de Daniel encarando meu corpo nu sob o colchão velho estava gravada em mim. Uma visão tão vívida que esqueci que ele estava morto.

Eu precisava agir. Ter ignorado a existência dele por tanto tempo viera com um preço. Escrever a última carta para você me colocou no início de um caminho sem volta para finalmente olhar para essa ferida pútrida. O sonho, um lembrete. Não precisei da sua ajuda para me desvendar dessa vez.

Esperei dar 9 da manhã e liguei para Kalil. Ele voltava da corrida de sábado. Eu disse que precisávamos conversar. Nos encontramos em uma praça de alimentação de um shopping lotado, onde despejei tudo sob ele. Conteí sobre a traição. Conteí sobre essas cartas. Conteí sobre Daniel e conteí sobre o falecimento.

Kalil só me escutou durante todo o tempo. Atento, esperou minha pausa final para falar. Sem esboçar o tom de julgamento que eu inconscientemente esperava, pegou na minha mão e perguntou se eu queria a companhia dele para ir até o cemitério. Eu chorei. Eu chorei porque eu estava exausto. Eu chorei porque ele conseguiu ver aquilo que eu ainda não havia notado. Eu chorei porque assim que ele disse aquelas palavras eu percebi que, naquele momento, o que eu precisava era me despedir do Daniel.

Dessa vez eu faria da forma que ele merece.

Fomos até uma papelaria onde comprei um papel de carta ilustrado com imagens de fitas cassete. Passei em uma dessas livrarias grandes e encontrei o cd dos Bleachers que a gente tanto ouvia e que ele amava mais do que qualquer coisa no mundo. Comprei dois exemplares. No caminho Kalil se manteve em silêncio, eventualmente colocando sua mão sobre meu ombro, como quem diz que está tudo bem, me observando pelo canto do olho enquanto eu escrevia a carta de adeus para o meu amigo.

Aparentemente começar a escrever cartas é também um caminho sem retorno.

Fomos até o cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, onde o corpo de Daniel havia sido enterrado dias atrás. Seu túmulo estava repleto de flores, fotos e presentes embrulhados com todas as cores do arco-íris. Eu tinha esquecido o quanto aquele homem, que arranhou tempo para mim em todos os seus dias, era amado por pessoas do país inteiro; o quanto ele e sua história haviam ajudado e inspirado tantos que, assim como eu, precisaram de ajuda, precisaram de um guia. Aquela manifestação de amor que parecia ter sido feita por todos os seus mais de 800 mil seguidores no Youtube me lembrou o privilégio que foi ter alguém tão especial próximo a mim, mesmo que tivesse sido por tão pouco tempo.

Eu me ajoelhei e postei a minha carta e o CD ao lado de todos aqueles arranjos, que faziam com que minha homenagem parecesse ridiculamente simplória. E ali eu chorei uma última vez. Um choro tão profundo quanto aquele que eu havia despejado nos corredores da FIOCRUZ no dia em que o conheci. E eu pedi desculpas. Desculpas por tudo que eu não fui, por tudo que eu não fiz.

Eu não sei quanto tempo fiquei ali, mas quando voltei para o carro, ao lado de Kalil, já havia caído a noite.

No caminho para casa colocamos o CD dos Bleachers para tocar. E enquanto *Don't Take The Money* estourava no aparelho de som do carro de Kalil, ele me perguntou se eu queria escrever no blog dele. Escrever sobre o Daniel. Escrever sobre o que eu quisesse.

Então aqui estou eu, no quarto de Kalil. Acabo de publicar minha primeira postagem, uma versão entre a carta que escrevi para você e a minha carta de despedida para Daniel.

Há algo de muito poderoso em contar a nossa história para todo mundo, em dizer e reconhecer que o que aconteceu com a gente é digno de ser lido, visto ou ouvido por milhares de pessoas. Para alguém como eu que havia passado um ano sob a sua sombra, um ano escondendo minhas histórias, publicizar parte delas pareceu um grande passo. Uma narrativa tem o poder de agregar pessoas, de fazer com que problemas sejam amenizados através da identificação mútua, de superar a solidão e de nos ajudar a encontrar a libertação. Você mais do que ninguém sabe disso. Agora eu também sei. Acho que é por isso que nossa geração vive a base de Youtube e redes sociais.

A partir dessa hora, meu segredo já não é mais secreto. Minha história não é só mais minha. Eu joguei ela para o mundo, para que o mundo faça dela o que bem entender. Eu só espero poder honrar a memória do Daniel, honrar o legado dele.

Mas não se preocupe, eu disse para você que nunca mais iria pronunciar ou escrever seu nome. O universo não vai saber que o queridinho do momento foi corno.

No que me consta, meu querido ex é quem foi.

The Night We Met

Take me back to the night we met and then I can tell myself

What the hell I'm supposed to do and then I can tell myself

Not to ride along with you[\[17\]](#).

Lord Huron

Rio de Janeiro, 17 de junho de 2018

Querido ex,

Obrigado por tirar o fardo da traição das minhas costas através da sua inerente e genuína capacidade de agir como um bosta.

Nas últimas semanas eu achei que estava começando a te desvendar. No final das contas, talvez você não fosse tão ruim assim. Talvez o rancor e a mágoa estivessem finalmente dando lugar a uma indiferença. Talvez daqui há 10 anos pudéssemos nos esbarrar em um supermercado caro da zona sul e depois de trocarmos um breve olhar de reconhecimento mútuo iríamos conversar, primeiro constrangidos e depois animadamente, dando início a uma dessas amizades amadurecidas entre ex-namorados, honrando finalmente todo o tempo e amor dedicado no passado. Ledo engano.

Ontem foi mais uma noite de insônia, mais uma noite acordando na varanda com os rompantes de vento esbofeteando meu rosto, mais uma noite com aquele sonho horrível cristalizado na minha cabeça. Ao amanhecer lá estava, uma mensagem da Ágatha com um link dizendo “acho melhor você ver isso”. A língua ficou áspera na minha boca.

Duas páginas. Duas páginas inteiras no blog da *Playboy*, em que você contava em detalhes não requisitados o quanto era frustrado sexualmente com o seu ex-namorado e como o seu noivo te deixa irrequieto ao aceitar fazer brincadeiras que fazem com que você se sinta o próprio Christian Grey. Sério, *Cinquenta Tons de Cinza* cara? Se isso é o máximo que sua criatividade sexual consegue atingir, então eu realmente sinto pena desse pobre coitado ao seu lado, porque aparentemente você continua sendo o mesmo boçal que acha que o mundo gira em torno do próprio pinto.

Pois então eu clamo pelo meu direito de resposta. Não ache que você vai sair por aí publicizando nossa intimidade e eu vou ficar calado no meu espaço de zé ninguém. Agora que você sabe que foi traído deve ter ficado óbvio o porquê de eu ter me tornando “preguiçoso e desleixado” na cama, como você deixa bem claro para o seu entrevistador.

Mas a questão que ainda arrepia os pelos da minha nunca é que, mesmo aparentemente odiando fuder comigo, você não perdia uma oportunidade de me procurar, não é? A gente podia ter brigado, eu podia ter reclamado que estava indisposto, que não estava afim, mas você insistia e eu cedia.

E depois da quarentena que meu corpo entrou durante o uso da PEP? As brigas, as chantagens emocionais, a desatenção, você me ignorando... Tudo piorou, eu estava mais devastado que um desses caras que tem a vida transformada pelos cinco fabulosos do *Queer Eye*, mas sem um Antoni para salvar o dia.

E eu só fazia me culpar. Eu merecia ouvir calado todas as ofensas, resistir frente a todos os seus gritos e implorar por desculpas. Como você mesmo bradou no meio de alguns dos seus surtos de abstinência, você poderia estar transando com quem você quisesse, mas mesmo assim se submetia a ficar com alguém que te negava o que tanto queria.

Me dói ainda admitir que, quando peguei o resultado dos exames aquela noite ao lado de Daniel, meu primeiro pensamento não foi “aque bom que esse medicamento extremamente forte que tomei durante vinte e oito dias, me deu caganeira e me deixou com os olhos amarelos fez efeito e eu não tenho HIV/AIDS”, mas sim “aleluia, agora ele vai parar de reclamar que eu não transo”. Nós dois sabemos que não foi isso que aconteceu. Eu não saí do tratamento morrendo de saudades do seu pênis. Eu não saí da clínica correndo para a perfeição fálica do meio das suas pernas.

Cada vez que seu quadril se aproximava de mim todo meu corpo estremecia e diferente das vezes em que seu toque costumava me despertar, minha primeira reação, aquela que vem antes mesmo do cérebro entender o significado do toque, foi me afastar, correr dos seus dedos. Algo realmente havia mudado, mas eu, na minha eterna necessidade de fazer com que as coisas dessem certo, de achar que o universo e as partes de mim que não consigo acessar devido a minha pungente superficialidade devem se sobrar ao que eu acho que deve acontecer, insistia.

E assim estabeleci um padrão errático de comportamento sexual. Os beijos eram interrompidos por desculpas, meu pau se negava a ficar rígido e meu corpo pedia pela distância. Percebe-se meu querido, que você está mais uma vez errado em relação a mim. Não era preguiça que eu tinha. O que eu tinha era algo bem próximo da ojeriza.

Mesmo com todas as brigas e a minha evidente falta de interesse você não se contentava, não é? Imagino como devia machucar seu ego, tão

endossado pelo mundo inteiro, ter seu corpo escultural rejeitado por alguém com estrias de crescimento nas costas e manchas pretas no encontro das coxas. Sem perceber havíamos começado uma guerra fria pelo meu corpo. E você foi vitorioso, como sempre, conquistando todo o território.

Os trinta dias sem transar viraram quarenta, que viraram cinquenta até chegar aquela noite.

Não sei até que ponto sua memória alcança. Resiliente, eu havia lhe acompanhado até o show da banda *indie* dos seus amigos. Eu passei quase toda a festa apegado a dois copos de cerveja, não havia muito tempo desde o fim do tratamento, de forma que eu ainda estava com medo dos potenciais efeitos da exposição ao álcool depois de um mês longe das bebidas.

Você se afogava naqueles copos de 500 ml de caipirinha feita com a vodka mais barata. Incomodado com o meu ritmo, insistia para que eu bebesse, para que eu acompanhasse você pelo menos naquilo. E eu acatei. Eu sempre acatava. Como eu gostaria de ter me dado dois tapas na cara.

Já embriagados e depois do seu vômito na pia da boate, tomamos um Uber e fomos para a sua casa. Mesmo bêbado eu consegui lhe dar banho. Troquei suas roupas com cheiro de comida podre e lixeira de hospital e capotei ao seu lado.

Acho que nunca vou saber se você estava consciente quando aquilo aconteceu.

Não lembro a hora exata, mas o sol ainda não havia aparecido no céu. Acordei com seu bafo cítrico invadindo minhas narinas. Você beijava meu pescoço e sua barba áspera me arranhava. O quarto ao redor girava em um grande borrão sem luz e, no limbo entre o acordado e adormecido, tive dificuldade para desvendar se aquele cenário era só mais um sonho. Mesmo com o banho, seu corpo ainda exalava vodka barata. Meu coração acordou e em uma batida rítmica e intensa bombardeou meu corpo com sangue. A náusea me tomou. O gosto do refluxo ácido veio até a garganta para retornar queimando com a sensação de que meu corpo estava sujo, muito parecida com aquela que eu havia testemunhado mais de um mês atrás. Seu corpo continuava sobre o mim e naquela altura seu odor havia penetrado

todas as minhas fronteiras. O mundo ainda era indecifrável e eu tremi como nunca pensei ser possível

Você entrou em mim. Rígido e seco. A inesperada dor encheu meus olhos d'água. Meus braços errantes colidiam com suas costas largas. Você continuou. Você era meu namorado. Você estava tomando o que era seu, uma conquista merecida depois do celibato imposto. Eu fechei os olhos e tentei fazer com que minha mente atordoada me levasse para outro lugar. Quando você acabasse nosso relacionamento estaria salvo, você teria gozado, a ordem natural das coisas teria sido restabelecida. Não consegui. Meu cérebro estava atento a cada movimento errante da massa sob mim. Uma. Duas. Três. Quatro. Cinco estocadas. O gozo. Você saiu de mim, em uma dor parecida com a da entrada, virou para o lado e dormiu. Eu fiquei ali parado, segurando a respiração, como se estivesse fora do meu corpo, observando do alto aquela cena grotesca enquanto seu líquido escorria para fora do meu cu.

Parabéns, você realmente consegue tudo o que quer.

Você não teve consideração por mim ou pelos meus sentimentos enquanto estávamos juntos, então sei que é tolice minha esperar algo mais de você agora que já não está mais aqui. Mas mesmo assim vou te fazer um pedido.

Da próxima vez em que você me transformar em piada pública em uma revista historicamente machista, faz um esforço e tenta mencionar os porquês. Tenta mencionar aquela noite.

Perfect Ilusion

I don't need eyes to see I felt you touchin' me

High like amphetamine

Maybe you're just a dream[\[18\]](#).

Lady Gaga

Rio de Janeiro, 19 de junho de 2018

Querido ex,

Eu esqueço que a vida não é um filme. Desde que eu tenho idade para entender os padrões de uma comédia romântica, encaro os momentos de ansiedade profunda como somente alguém que foi poupado de um amadurecimento, como alguém que cresceu na Terra do Nunca seria capaz de fazer. Todas aquelas reivindicações do meu eu de 6 anos, que assistia *Peter Pan* compulsivamente e em seguida implorava a Deus para que uma fada e um menino charmoso com a cara do Daniel Radcliffe invadissem meu quarto e me levasse voando para um oásis de eterna brincadeira, uso compulsório de pijamas e sem nada atrapalhando o desenvolvimento dos cinematográficos atos da vida, pareciam sempre ter sido parcialmente atendidas.

Mas os 20 anos podem ser uma época estranha. Até então minha vida parecia essa série de acontecimentos PeterPanlesticos, planejados com encadeamento dramático e final feliz. Eu era o menino tímido e estranhamente carismático, com duas mães, um grupo leal de amigas e uma grande vontade de descobrir o mundo. O clímax da minha história havia sido sair do armário e me assumir gay para a sociedade e o final fora concretizado nos seus torneados braços brancos. *Glee* realmente havia colonizado o meu pensamento.

Mas não, a vida não é *Glee* ou *Peter Pan*. A vida é uma merda largada por um cachorro em um canteiro do centro da cidade. Não a sua é claro, sua vida é mesmo um filme com final feliz e perfume de flores do campo.

Com essa ingenuidade mimada eu acreditava bem lá dentro das minhas entranhas que depois de passar pela peregrinação dos últimos dias, de assumir a traição e tentar estar à altura da memória de Daniel eu veria o arco-íris prometido por Katy Perry depois do furacão.

Não tem arco-íris. Tem essa umidade irritante do Rio de Janeiro. Nada mudou em um passe de mágica. As coisas continuam na mesma simplicidade e tristeza enfadonha. Uma fada não entrou no meu quarto. Quem entrou foi minha mãe reclamando da bagunça. Eu não fui consumido por uma paz de espírito e um brilho nos olhos decorrentes de uma certeza

de que tudo vai ficar bem. Pelo contrário, eu nunca na minha vida estive mais distante de ser uma *Amélie Poulin*.

Sendo assim, os pequenos prazeres do meu dia consistem em observar idosas em pé no ônibus, enquanto fico sentando vendo elas sucumbirem com o peso de sacos de compra ou então quando roubo algum pote de creme de avelã de um supermercado só pela fugaz emoção. Que o mundo espere o sorriso do meu cu.

Como se não bastasse, ainda tenho a prova de ética profissional. Por que eles fazem a gente estudar isso em um curso de Administração eu não sei. Pelo que me consta eu me inscrevi para desfilhar pelos corredores da faculdade com um terno e um *tablet* na mão, não para ficar horas fazendo contas e gráficos cuja utilidade prática é completamente desconhecida pelo meu cérebro.

Até Kalil virou uma irritante presença. Desde o dia do cemitério ele não me deixa em paz, chegando ao cúmulo de aparecer aqui em casa com uma cesta de doces, como se tudo o que eu precisasse nesse momento fosse de mais flacidez no meu corpo! Eu já havia deixado bem claro que não queria apresentar ele para a minha família AINDA, que dado meu histórico de desventuras no amor eu preferia esperar mais um pouco. Nada a ver com meu sentimento por ele. Uma medida de segurança adquirida depois de tantos acidentes. Mas de nada adiantou. Ele apareceu aqui e eu fui praticamente obrigado a apresentá-lo para as minhas mães.

Foi só assim que eu pude perceber o quanto vocês se parecem. Como eu demorei quase um mês para ver isso? Assim como vossa senhoria, Kalil usa seu indiscutível charme como uma arma. Ele tem plena consciência do quão atraente e cativante é. Finge não saber para potencializar o efeito. Mas quando ele penetra meus olhos eu já não consigo me deixar derreter. Sua dedicação excessiva me parece só uma busca por aprovação, como se o ato dele estar ali por alguém visivelmente ferrado como eu fosse o combustível para o ego. Como se o fato de ele olhar no fundo dos meus olhos e prestar atenção em cada palavra minha, mostrando demasiado interesse, fosse despida de qualquer vontade genuína para além de que eu constatasse o quão atencioso e paciente ele é. Como se o motivo de ele estar passando esse tempo e se dedicando a alguém como eu fosse fundamental para

continuar mantendo aquele mesmo ego de quando ele era um homofóbico escroto, mas dessa vez em uma atualização pós-moderna onde ele passa a ser o meu salvador. Exatamente como você.

Desde aquela noite do Dia dos Pais em que eu e você demos nosso primeiro beijo isso acontecia. Você não me beijou por que queria, você me beijou para se sentir bem, sentir como se tivesse me salvando daquela profunda tristeza. Afinal por que você me escolheria como par logo no momento em que eu estava mais quebrado? Eu nunca tive nada a ver com seus ex-namorados, todos eles brancos e ratos de academia. Nós éramos amigos e você nunca havia manifestado interesse antes daquela noite. Você viu o quanto eu estava só, confuso e deprimido. Um menino perdido precisando de um *Peter Pan*.

E ser meu professor foi muito satisfatório não é? Eu andava ao seu lado como se você fosse um troféu. Nunca em um milhão de potenciais universos paralelos eu imaginei que alguém como você namoraria alguém como eu. Seu histórico de ex-amantes deixava óbvio que eu não era seu tipo. E eu não podia abrir mão do meu troféu branco. Todo mundo me elogiava pelo “partidão” e era óbvio o estranhamento que você causava ao meu lado. Os olhares dos grupos de jovens nas boates ou o espanto mudo da sua mãe quando você me apresentou sempre deixaram isso claro. E como você amava. Você amava ser meu salvador. Você amava não a mim, mas a sensação que causava em mim, como se você fosse indispensável, como por somente existir no mundo e se postar ao meu lado estivesse levando a minha vida para as estrelas.

Naquela noite em que o celibato pós-PEP foi quebrado eu já sabia disso, e ao acordar no dia seguinte eu fiquei aliviado pois você estaria empertigado com a certeza de que havia voltado a me curar com sua oferta de prazer. A única razão para você ainda me chamar de namorado. E parece ter tido um efeito, não é? Mesmo que depois tenha se mostrado obviamente efêmero, afinal você precisava ser certificado o tempo todo do seu poder de cura digno de um *X-MEN* e eu já não era mais capaz de fazê-lo.

Você fudeu com a minha cabeça, querido ex. Eu estou completamente apavorado com a perspectiva de esse mesmo comportamento fazer parte da personalidade de Kalil. Estou apavorado com a perspectiva de passar o

resto da minha vida nas mãos de homens que vão usar minha abalada autoestima e saúde mental para a manutenção do próprio ego, como você fez por mais de um ano. Mas mais que tudo, eu estou apavorado em finalmente perceber que na vida de pessoas como eu não há nada de cinematográfico.

O trágico não é um presságio do belo. Não tem príncipe encantado. Não tem um salvador. Eu não conheço Kalil, eu sequer consigo escrever o sobrenome dele! Estamos saindo há três semanas e ele tá aqui encantando minhas mães, me dando um trabalho ao lado dele em um blog e mantendo contato com as minhas amigas. Eu prometi a mim mesmo que nunca deixaria homem nenhum entrar na minha vida antes que eu estivesse curado, mas o que foi que eu fiz? Eu me entreguei em uma bandeja. Flores, carinho, um sexo apaixonado e *voilà*, meu corpo, minha vida, minha personalidade, minhas mães e minhas amigas já são todas dele.

E eu só consigo ver isso. Passado tanto tempo, só consigo enxergar a obviedade agora! Porque mesmo com tudo que aconteceu nesses últimos meses, depois da semana passada eu ainda achava que estava prestes a entrar no terceiro ato da minha historinha. Fiquei tão inebriado com a minha corajosa atitude de assumir a traição e tentar honrar a imagem do Daniel; inebriado pelos comentários na minha postagem no blog do Kalil que achei que finalmente havia alcançado meu final feliz. Eu só havia escolhido o personagem errado. Meu deus ex-machina era Kalil e meu prêmio, a África do Sul.

Mas só o que mudou foi que agora, como se não bastasse uma psicóloga, eu tenho também um psiquiatra. Uma versão ainda mais velha do Capitão Gancho que me prescreveu uma medicação com nome estranho, na esperança de que junto com a terapia eu consiga, pelo menos, voltar a ter uma noite inteira de sono.

Se eu tiver o braço engolido por um crocodilo ou morrer afogado por uma sereia, quem sabe eu ainda possa realizar meu sonho de infância de transformar a minha vida em uma aventura na Terra do Nunca. Fora desse cenário, o que eu vivo é somente tragédia.

Love on the Brain

You love when I fall apart

So you can put me together

And throw me against the wall[\[19\]](#).

Rihanna

Rio de Janeiro, 21 de junho de 2018.

Querido ex,

A coisa sobre o último dia bom de um namoro, o momento de felicidade genuína em que o último beijo apaixonado é compartilhado, é que nunca sabemos quando ele está sendo testemunhado. É como um presente do universo, uma recompensa pelos tempos ruins e pelos tempos bons, pelas brigas e pelas reconciliações. É uma conclusão, o laço final dado em um presente que só se apresenta como tal depois do fim, quando olhamos para trás, reconstituindo os fatos e os alinhando em uma temporalidade, dando início, meio e fim para o que, na verdade, é uma grande bagunça de sentimentos e acontecimentos que insistimos em racionalizar.

Enquanto estávamos vivendo o que era o presente eu não percebi o que viria a ser o futuro. Porque se eu soubesse que aquele sábado de sol naquela cidadezinha turística que se auto intitula Pequena Finlândia, com suas casas enfeitadas com luzes de Natal e sorveterias a cada esquina, tivesse sido o nosso último dia bom, eu teria registrado tudo que meus olhos fossem capaz de alcançar. Eu teria registrado o desenho das suas curvas sob a luz; o caminho traçado pelos fios dourados do seu corpo; a sensação dos meus braços na sua pele sob o lençol; o gosto do beijo na sua boca lambuzada por sorvete de menta.; a textura dos seus lábios machucados pelo frio; a sombra do teu corpo no box coberto pelo vapor da água quente.

Eu deveria saber que eu estava sendo testemunha do fim. Ao invés de olhar para aquele dia como uma despedida, eu vislumbrei um novo início, um exemplo de como as coisas um dia foram e como voltariam a ser. Eu me neguei a entender e perceber que as coisas mudam. As coisas se quebram e jamais voltam a ser como eram antes. Me recusei a ver que eu estava quebrado e que você estava quebrado, já que estávamos tão misturados que não havia como distinguir onde eu começava de onde você terminava. Eu fingi que tudo o que passou, a traição, as brigas, as palavras e humilhações poderiam ser jogadas para debaixo do tapete e que ali, sob as luzes escuras daquela pousada na cidade onde é sempre Natal, estávamos celebrando o início e não o nosso fim.

Você provavelmente já sabia, não é? Você já sabia que ia entrar no programa. Você já sabia que ia terminar comigo na semana seguinte. Um presente cruel, uma esperança vazia, uma última oportunidade para você desempenhar o papel de namorado perfeito.

Esplêndida atuação.

A viagem já estava marcada há meses, era um encontro entre as minhas e as suas folgas e até embarcarmos naquele ônibus eu achei que você desistiria. Mas você apareceu e aquele trajeto de 4 horas, passando por infindáveis linhas de trem e campos esverdeados dignos do arcadismo, foi como uma viagem no tempo, uma volta para os primeiros meses do nosso relacionamento.

Seu sorriso voltou com aquele ar bobo. Você me disse que ficaríamos sem nossos celulares para aproveitarmos o máximo um ao outro. Você me pegou pela mão, atraindo olhares condenadores da cidade pequena, mas eu não tremi. Seus olhos gigantes e sua firme pressão sob o meu pulso foram toda a coragem que eu precisei.

Quando nos jogamos na cachoeira que parecia um recorte do ideal cristão de paraíso, te entreguei beijos tão sinceros e apaixonados como eu não lhe dava desde que aquele homem esteve dentro de mim. A água doce passando da minha boca para a sua e o verde úmido da cachoeira nos abençoando com a paz. Eu poderia ser para sempre seu. Porque ali, longe do mundo, com o corpo imerso na cortante água gelada e com os braços ao redor de mim, você sorria com todo o seu corpo e eu não senti como se tivesse que provar nada para você. Eu não fui tomado pela ansiedade de me afirmar como merecedor do seu amor, de visita tão típica quando eu me colocava ao seu lado. Tudo o que importava era você e eu. O universo inteiro estava na comunhão dos nossos corpos naquele pedaço de água.

Na volta para o hotel, o futuro parecia possível. Ríamos de piadas sem graça, intercalando o caminhar abobalhado com beijos no pescoço e abraços desajeitados. Dois bêbados pela rua de barro sem ter uma gota de álcool no sangue.

Eu havia conseguido. A dor, o sofrimento, as mentiras e a resiliência não haviam sido em vão. De volta ao hotel, você se vestiu com um sobretudo marrom e camisa azul com penas desenhadas. O homem dos meus sonhos. O perfeito par na *dramédia* romântica da minha vida.

Era como se você houvesse voltado de uma viagem de meses. Eu percebi quanta saudade eu estava sentindo. Como eu estava sentindo saudade de perceber que você era o amor da minha vida. Naquele restaurante, entre um excesso de fondue e vinho branco, eu voltei a reconhecer nós dois. Se você me pedisse em casamento eu diria sim.

Na volta para o Rio de Janeiro, quando embarcamos no ônibus, antes de adormecer, você me deu um último beijo e eu me perdi na sua íris. Os dois tinham olhos cheios d'água. Você lembra o que eu disse? Eu disse que te amava e que queria te amar para sempre, no escuro e no claro, no Rio e no paraíso, com e sem dinheiro, com e sem dor. Penetrando a minha alma, você alcançou meus lábios com os seus. Você trouxe minha cabeça para o seu ombro e eu adormeci enquanto seus dedos delicadamente passeavam pelo meu cabelo.

Com o Rio de Janeiro veio a realidade. Veio a distância. Veio a tristeza. Veio o fim sete dias depois.

Olhando para tudo isso agora eu não consegui sentir raiva pelo fato de provavelmente ter sido um momento cruelmente manufaturado. Uma ilusão criada pela certeza que você tinha da separação. Eu só consigo sentir uma vontade apertada de voltar para aquele momento, mesmo que significasse passar por tudo aquilo que veio antes.

Eu só quero voltar para você, parece que tudo, no final das contas, quer retornar para você, mesmo que para isso eu precise fazer tudo de novo.

Mulher do Fim do Mundo

Joguei do alto do terceiro andar

Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida

Na avenida, dura até o fim[\[20\]](#).

Elza Soares

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2018

Querido ex,

Essa semana foi a pior desde que você se foi. Ok, talvez tenha sido a segunda ou a terceira pior, ficando bem próximo daquelas em que passei grudado na televisão, com lágrimas nos olhos, vendo você beijar seu noivo. Mas mesmo assim, tudo andava uma merda.

As noites continuam sempre sendo a pior parte. Me deito para dormir quando o relógio bate às 22h somente para enfrentar a tortuosa rotina da insônia e da ansiedade. Meu colchão é uma ilha e eu seu naufrago. Fico rodando por ele até que o suor comece a cobrir minha pele e o lençol comece a se desprender das beiradas da cama. Às vezes ligo a televisão na tentativa de me distrair da minha própria existência. Às vezes faço um chá. Às vezes bato uma punheta. Nada costuma funcionar. O celular ao meu lado parece secretamente rir de mim cada vez que os números no seu visor se aproximam da hora em que eu tenho que acordar. Onze horas. Meia-noite. Uma, duas, três da manhã.

Bloqueio e desbloqueio sua conta nas minhas redes sociais. Vejo suas fotos, vejo seus vídeos. Quando finalmente caio no sono, sou atormentado por versões do pesadelo do homem sem rosto. Quase todas as noites acabo acordando no mesmo lugar, a fria varanda da minha casa.

Não estou conseguindo mais dar conta das poucas atividades que fazem parte da minha rotina. Tenho perdido a hora da maioria das minhas aulas e aquelas em que consigo comparecer, somente meu corpo está presente. Nada me encanta, nada me faz apaixonar, estou seco. Nem Kalil tem mais o frescor de outrora, se tornando uma presença irritante. Preocupado demais. Atento demais. Atencioso demais. Me sinto obrigado a dar um feedback diário das minhas atividades e me vejo preocupado com suas broncas quando falto ou chego atrasado nas aulas.

Os remédios também não estão fazendo nada para ajudar. Pelo contrário, convivo agora com um suor intenso que me acomete em qualquer pequena caminhada. Eu não consigo mais chegar em algum lugar sem estar completamente ensopado. Fico com nojo de mim mesmo.

Para piorar tenho a prova final de Macroeconomia em menos de uma semana. Se eu não passar dessa vez eu não terei os créditos para ir para Cape Town semestre que vem, ou seja, estou completamente fudido. A

única coisa boa que me acontece é quando sento em uma mesa de *fast food* munido de cupons de desconto ao lado da Ágatha e nos engorduramos por completo com sanduíches com o tamanho das nossas cabeças e calorias suficientes para sobreviver por uma semana jejuando.

Minhas mães parecem não saber o que fazer. Elas acham que tudo está perfeito e que minha falta de vontade com a vida é puro chique. Afinal, eu tenho o intercâmbio dos meus sonhos em menos de um mês, tenho amigas que estão a todo o tempo em volta de mim, tenho um *boy* que aos olhos delas é a personificação da gentileza e ainda um *hobby* que tem, surpreendentemente, me garantido certo sucesso (sei que não se compara a você mas minhas duas postagens que se seguiram à carta aberta para o Daniel publicada no blog do Kalil, me garantiu 560 novos seguidores no Instagram). Então fica a pergunta a todo tempo no ar, me pressionando por uma resposta. O que falta pra mim?

Eu não sei. Eu realmente não sei.

Sempre que me pego olhando para alguma propaganda sua ou chamada do seu programa na televisão eu tenho a certeza de que você desfruta da felicidade absoluta reservada aos vencedores do *Jogo da Vida*. Tenho a certeza de que você sempre soube o que faltava, de forma que sempre encontrava a solução para suas agonias. Nada dá errado para você. É simples. Identificar. Pegar. Aproveitar.

Mas hoje, quando eu ando com o celular no modo avião para não receber nenhuma mensagem e tranco a porta do meu quarto para não ser surpreendido com uma não desejada visita de uma das minhas mães, me peguei pensando em até que ponto você é realmente feliz com o seu castelo de cristal, com seu príncipe encantado e sua exagerada confiança nos rumos da vida. Mesmo que você pareça tão livre, tão confiante, tão feliz...

Eu tenho ficado com muita raiva também. Mesmo que eu esteja estagnado minha mente não consegue parar. É como se eu estivesse faminto por algo que não existe. Me pego por horas parado sob a minha cama refletindo sobre como minha vida pode dar errado. Sobre como eu não dou valor a nada que eu tenho. Sobre como eu me sinto cada vez mais perto de ser um desses velhos amargurados. A raiva vira medo, que vira ansiedade,

que vira frustração e acabo me voltando para você. Suas experiências, sua imagem, seus desejos.

Então mais perguntas. Todos esses meses adiantaram para quê? Um ano atrás eu achei que escaparia de mim mesmo através de você, tentei fazer o mesmo com o Daniel, com as minhas amigas e até mesmo com o Kalil, do que adiantou? Minha presença continua me aterrorizando e dia após dia vejo que sou meu pior inimigo.

Quem estou querendo enganar? Essas porras de cartas são só mais uma desculpa para meu peito continuar gritando silenciosamente pelo seu nome, para eu voltar para você de alguma maneira.

E foi assim que essa última semana foi levada. Até ontem.

É muito curioso como pequenas coisas podem marcar nossa alma e mudar nossos padrões de comportamento e de pensamento. Eu não aguentava mais sentir pena de mim mesmo. Cada nervo, cada músculo implorava por ação, por movimento, eles urgiam para que toda essa energia em mim fosse extravasada e eu me negava. Como sempre, eu estava me sabotando, eu simplesmente não sabia ou não conseguia fazer melhor.

Mas meu Deus *Ex-Machina*, minha solução divina, meu tônico, veio na figura encurvada pelo peso dos 82 anos que carrega minha avó.

Você conheceu a vó Abigail, lembra daquele dia? Ela achou que você e o meu outro ex-namorado fossem a mesma pessoa, perguntando sobre uma mãe que não era a sua e um emprego que não era o seu. Apesar do seu sorriso e usual simpatia ao se identificar como o meu novo namorado ficou claro pelo ranger dos dentes e seu olhar esbugalhado o quanto aquilo havia lhe incomodado. Foi muito bem feito. Abigail é mesmo divina.

Ela chegou aqui em casa com seu característico cheiro de perfume masculino e terninho vermelho. Veio fazer uns exames no Rio e resolveu ficar aqui ao invés da casa dos meus tios. Provavelmente isso teve o dedo de uma das minhas mães, elas sabem como essa senhorinha abala meu mundo. Eram 11 da manhã quando acordei com a presença dela invadindo meu quarto e arrancando minhas cortinas. Acordei com um pulo e dei de

cara com o rosto enrugado. “Você deveria estar na faculdade, o que tá fazendo de pijama a essa hora? Tá doente? Se arruma que vou te levar no médico então.” Corri para o abraço dela enquanto dizia que tinha perdido a hora. Abigail me olhou dos pés a cabeça e disse “Toma vergonha na sua cara. Se arruma, escova essa boca fedida que nós vamos sair”.

Eu posso ser bem estúpido mas uma coisa eu sei. Quando uma senhorinha corcunda com perfume forte, de cara enrugada e severa, vestida como uma Hillary Clinton com mais de 80 anos invade seu quarto e diz para você se arrumar, você não questiona e só se arruma.

Sai do banho e ela já estava no carro das mães.

"Essa história que viado é tudo vaidoso é uma puta mentira mesmo. Olha só pra essa sua cara. Até o finado do seu vô teria vergonha de sair assim". Deus, como eu amo a Abigail.

Ela não me disse para onde estávamos indos. Meu estômago reclamava. Depois de quase uma hora dirigindo ela encostou em um desses bares de esquina, esses lugares feios, com copos sujos e homens fedidos. Não entendia o que estávamos fazendo naquele canto de Vila Isabel, mas nada com Abigail fazia muito sentido. Desde pequeno eu havia aprendido a aceitar as excentricidades da minha avó. Olhava com gosto e admiração pulsante as aventuras dessa senhora excêntrica que havia perdido o marido muito cedo. Porque foi assim que ela sempre foi chamada lá em casa, excêntrica. Um privilégio concedido pela sociedade devido a sua viuvez, um eufemismo que impede que a gente aceite e entenda a complexidade dessa mulher.

Quando ela arrumou um namorado de 30 anos? Excêntrica. Quando ela se deu de presente de 80 anos uma viagem pra Tailândia? Excêntrica. Quando ela aceitou a homossexualidade da minha mãe? Excêntrica. Seu armário com ternos sóbrios e *All Star* colorido? Excêntrica. Sua tatuagem do Elvis? Excêntrica. Parar em um bar pé sujo na hora do almoço com seu neto homossexual vestido como o cara do filme *Na Natureza Selvagem*? Excêntrica.

Para minha surpresa ela parecia completamente familiarizada com aquele local imundo. O dono do bar, um senhor barrigudo ostentando tufo de cabelo na lateral da cabeça, veio em nossa direção com os braços abertos. “Abigail, sua danada! Quantos anos! A que devo a honra de sua presença, minha primeira dama? Já vou trazer sua gelada e seu torresminho.”

Era uma cena digna de porta-retrato. Aquela senhorinha com cara de metida à besta, trajada em vermelho, comendo torresmo e bebendo cerveja aguada em copos de requeijão ao meu lado. Eu perguntei o que a gente tava fazendo ali e ela não me deixou mais falar. O diálogo foi uma coisa torta, típico de Abigail, algo como:

"Olha aqui, a tonta da sua mãe disse que você anda de frescura. Que não tem saído da cama, não tem ido pra aula e só faz comer e ver seja lá o que a juventude de hoje em dia vê nesses aparelhinhos. Já disse que todos vocês vão morrer de câncer por passar 24 horas grudado nessas coisas. Como ela não sabe de nada eu precisei intervir. Deus sabe que essa mulher não consegue fazer nada sem mim, inclusive ainda estaria com aquele brocha do seu pai se não fosse eu. Ah, eu sempre soube que aquela ali gostava era de outra fruta."

"Vó!?"

"Que foi?! É verdade! Esse é o problema da geração de vocês, se acham os modernos, prá frentex, mas não podem ver um velho abrindo a boca para falar de alguma coisa que não seja apropriada para a idade que torcem a cara. Pelo amor de Deus. Achei que você fosse menos hipócrita que sua mãe. Mas enfim. Eu te trouxe aqui porque foi nesse bar que eu conheci seu avô e porque você precisa de uma cerveja gelada, o que é cada vez mais difícil de se encontrar nessa porra de cidade."

Enquanto entornava um copo atrás do outro, Abigail me contou como havia virado a primeira dama do Botequim do Zé da Vila. Me contou como se apaixonara por aquele homem com a pele da cor da noite que foi o meu avô. Como a família dele não aceitava o relacionamento, chamando-a de mulher da vida única e exclusivamente porque ela frequentava “lugar de homem”, e sobre os boatos que ela já havia transado com dois homens antes

de sequer de noivar. Como a família dela não aceitava o namoro com ele, por ser preto e pobre. Me contou como haviam feito as malas e fugido para Minas, sem um tostão no bolso. Me contou como depois da morte do meu avô o botequim do Zé havia virado seu refúgio, que ela já não frequentava o cemitério, mas prestava ali naquele barzinho encardido suas homenagens e lembranças ao amor de sua vida toda vez que vinha ao Rio.

Eu poderia ficar ouvindo ela falar por horas e horas. Não havia lição de moral. Não havia falsos moralismos. Fiquei esperando uma bronca pelos rumos que eu tava dando à minha vida, uma moral da história, palavras da sabedoria agregadas pelo tempo, uma comparação das minhas dores com os problemas do universo no melhor estilo “tem gente por aí morrendo de fome”, mas elas não vieram. O que veio foi orgulho. O que veio foram risos. O que veio foram lágrimas. E dentro do meu coração o que veio foi força em saber que atrás de mim, me sustentando com suas histórias, há uma geração de mulheres que se recusam a viver uma narrativa criada pelos outros. Um esquadrão de mulheres que são donas das suas vidas.

E mulheres também que não dão a mínima para a Lei Seca. Na volta para a casa fomos parados em uma das muitas blitz que ficam pela cidade. Devido ao excesso de álcool nas veias e no hálito daquela senhorinha e da minha inaptidão para dirigir um carro, minhas mães tiveram que vir ao nosso resgate. Enquanto esperávamos nossas motoristas, Abigail virou pra um eu visivelmente constrangido com aquela cena, e disse algo como "Meu filho, cometa os erros que quiser cometer, mas viva. Para de se segurar tanto, de pensar tanto, pare de tanta vergonha. Viva! Se segure na vida o máximo que puder."

Ali estava a frase de efeito pela qual eu tanto esperei o dia todo.

Minhas mães chegaram e com mil dedos e pedidos de desculpas para os policiais nos botaram dentro do carro e voltamos para casa. Abigail dormiu durante todo o caminho.

Chegamos em casa já tarde, eu havia esquecido meu celular que estava repleto de mensagens de Kalil. Seus pais estavam fora da cidade mais uma vez e ele teria a casa livre para nós dois. Já havia duas horas desde sua última mensagem, uma reclamação disfarçada de preocupação “pelo menos

avise se você tá bem”. Juntei minhas roupas, meu material e ignorando os protestos das minhas mães, peguei um ônibus até Kalil, não antes de deixar um bilhete de obrigado debaixo do travesseiro da Abigail.

Já era tarde e ele estava dormindo, mas mesmo assim ele foi doce. Mesmo assim ele cozinhou uma panqueca para mim. Mesmo assim dormimos aninhados nos braços um do outro. E nessa noite eu finalmente não tive nenhum pesadelo. Eu acordei em paz.

O que fiz hoje foi me obrigar a cumprir minhas rotinas. Mesmo sem vontade e com uma leve ressaca que deixou a cabeça dolorida até a hora do almoço eu consegui comparecer a todas as aulas e não faltei a terapia. Nos intervalos, uma mensagem de Kalil. No final do dia uma nova postagem no blog.

Talvez, mas ainda só talvez, eu tenha me precipitado em assumir o pior dele. Talvez ele não seja assim tão parecido com você. Talvez essa maré braba no meu peito esteja se acalmando. Talvez, como já aconteceu antes, ela volte quando eu menos esperar. Mas só talvez.

Hoje estou em paz.

Tell Me You Love Me

Oh, tell me you love me

I need someone

On days like this, I do[\[21\]](#).

Demi Lovato

Rio de Janeiro, 29 de junho de 2018

Querido ex,

Foi em uma sexta-feira de dezembro que você terminou comigo. Haviam se passado seis dias desde que voltamos para o Rio de Janeiro. Seis dias desde a nossa última viagem. Seis dias alimentando uma falsa esperança. Sete dias achando que as coisas haviam voltado a ser como eram antes.

Esse antes é uma coisa engraçada. Até porque eu não sei que antes foi esse, um tempo e espaço de gozo irrestrito do nosso amor que, na realidade dos nossos dias, nunca veio a existir. Mas naquele dia eu ainda devaneava com um *El Dourado* do nosso relacionamento, que teria sido descoberto depois daquele final de semana mágico.

Quando você me convidou para passar uma tarde no Parque Lage, meio àquela imensidão de verde e famílias despreocupadas da zona sul carioca fazendo *picnics*, eu interpretei como a cena seguinte da nova narração da nossa história de amor. Esse sonho só teve a duração exata da hora e meia em que passei no ônibus com os assentos quebrados.

Como você pode ser tão sensível e sutil para algumas coisas e tão grotesco para outras? O mínimo que você poderia fazer depois da covardia de ter reapresentado sua melhor versão na semana anterior era ter tido cuidado comigo na hora de me deixar. Não ter arrancado os pontos de uma vez, mas um a um, com calma e respeito, respeito que deveria ser mútuo depois de tanto tempo juntos.

Mas para quê? Você já devia saber da sua entrada no programa, o anúncio do futuro que agora é o seu presente, então para quê gastar energia e tempo com algo pertencente ao passado?

Eu representava tudo aquilo de que você queria se ver livre. Eu era sua vida como anônimo, eu era seu Instagram abandonado, seu carro usado, sua plateia subalterna. Prestes a testemunhar um novo começo, você não hesitou em soterrar o que não encaixaria na sua nova vida, na construção da sua nova história. Então você me largou.

Você chegou com uma sacola de papel furada, equilibrando dentro dela todas minhas roupas, livros e filmes que haviam sido acumulados dentro do

seu quarto durante mais de um ano em que estivemos juntos. Você não precisou falar nada, ali eu soube que era o fim.

As palavras que foram ditas já não me lembro, mas o que eu nunca vou esquecer é a sua imagem com aquela sacola e do choro estrangulando minha garganta, lutando para sair. Eu não conseguia mais imaginar minha vida sem você. Eu não sabia quem eu era sem você. O que eu queria? O que eu gostava? O que eu ia fazer? Você se foi munido de tantas certezas e eu fiquei para trás com nada além de lágrimas e dúvidas.

Pior ainda é perceber que, por muito tempo, eu devaneava com uma volta aos seus braços. Achava que você subitamente encontraria uma foto minha perdida dentro de um dos seus livros de Espanhol, uma carta caída atrás do armário, uma postagem antiga do Facebook... Algum símbolo seria dado a você pelo universo e você perceberia que eu era o amor da sua vida. Você entenderia isso já quase tarde demais, no momento em que eu estivesse embarcando para a África do Sul, e tal como o meu príncipe da *Sessão da Tarde* me alcançaria no aeroporto, olharia nos meus olhos e diria aquilo que por tanto tempo eu precisei ouvir: eu te amo, volta pra mim.

Deus... Como eu alimentei esses devaneios, como eu acreditei nesses sonhos. Foi preciso que uma rede de televisão esfregasse na minha cara o seu amor com outro para que eu percebesse que eu já era passado. Eu sempre fui o passado.

Fico imaginando como você deve estar se sentindo com essa sua nova e perfeita vida. Minhas mães não me deixaram esquecer que ela começa amanhã. Elas estão animadas com seu casamento, compraram presentes, alugaram vestidos e até uma maquiadora agendaram.

Mas quando elas me perguntaram se eu realmente estava ok com o fato de estarem indo ao seu casamento eu me surpreendi com a resposta que saiu dos meus lábios e o sentimento no meu coração. Eu disse “sim” incrivelmente calmo, enquanto escrevia uma nova postagem no blog. Uma reação surpreendente principalmente se você levar em conta que eu estava falando do casamento milionário do ex-namorado que acabou com a minha saúde mental com um menino que parece ter tido o corpo lambido por deuses do Olimpo.

E depois de um tempo refletindo sobre tudo isso, sobre o contraste entre o que os outros esperavam das minhas reações e o que eu realmente estava sentindo, eu entendi. A pergunta delas tinha a mesma origem do que você provavelmente pensou quando mandou aquele convite aqui para casa. Todos vocês devem ter pensado que eu ia ficar tão irado que iria sequestrar seu gato, entregar uma torta de merda na sua casa ou fazer um *post* anônimo em alguma página da *Dark web* com todas as *nudes* suas que eu ainda tenho no meu computador. Sou percebido pelas minhas mães como ainda estando tão quebrado com nosso término que elas precisam de todos os dedos e cuidados do mundo para abordar o assunto perto de mim. Frágil. Desequilibrado. Despreparado.

Vocês não estão errados. Desde que você me entregou aquela sacola com as minhas coisas e se lançou nesse mundo das maravilhas eu tenho lutado muito, muito mesmo, para não ser esse garoto. Esse garoto que vive pelo ex-namorado. Esse garoto que faz escolhas para sua vida baseado na busca eterna por um relacionamento. Esse garoto que não consegue deixar as coisas para trás. Esse garoto recalcado ou invejoso ou cheio de mágoa.

Obviamente às vezes eu fui ele, eu sou ele e eu não sou só ele. E não é fácil seguir em frente. Durante todo o tempo em que eu tenho te escrito essas cartas eu tenho tentando olhar para mim, tenho tentado trabalhar com esses sentimentos. Comendo. Escrevendo no blog. Me masturbando. Fazendo sexo casual. Indo a terapia. Ficando com minhas amigas. Saindo com Kalil. Conversando com minha avó. Por mais que alguns dias sejam mais difíceis que os outros e a minha ansiedade tire o melhor de mim, eu tenho vivido e vivendo eu vou me conhecendo.

Então hoje, quando as vi provando vestidos de cores berrantes, eu percebi que preciso dar um fim para essa história. Essas cartas continuam sendo uma forma menos dolorosa de dizer seu nome, de conversar com você, de reviver o que tivemos. Uma forma de me despedir de nós.

Eu precisava de um final de verdade. E esse final de verdade veio há duas horas, quando embrulhei um presente para vocês. O segundo álbum do Bleachers, que comprei naquela tarde cinza ao lado de Kalil. Um presente que carrega um bilhete onde irão ler “Boa sorte e obrigado.”

E é a verdade, espero que você não interprete como sarcasmo. Eu preciso te agradecer porque foi só depois de você me bagunçar e sair da minha vida que eu pude realmente saber quem eu sou, saber o que eu quero e para onde eu vou, e por mais que as respostas não venham fáceis e embrulhadas em belos pacotes de presente como nos filmes que eu tanto assisto, elas se mostraram e estão se mostrando para mim das formas mais inusitadas.

Então obrigado, obrigado por limpar o caminho para que eu possa viver, com todo o caos e maravilha que o viver implica.

Sem você, eu aprendi algo que pode soar óbvio, mas que eu só entendo agora: eu vou ser sempre eu. Eu vou ser sempre só eu. Não importa o que eu faça, não importa o quanto eu me misture com você, com Kalil ou com Daniel. Não importa que eu me afunde na minha cama vendo *Drag Race* e odiando senhoras de idade por semanas. Não importa que eu vá para a África do Sul realizar meus sonhos. Não adianta que eu resmungue, grite, fique emburrado ou faça pirraça. Eu vou continuar sendo eu. Essa é a única verdade imutável da minha vida.

Sendo assim, eu só posso ter a pretensão de cuidar e controlar as coisas que acontecem nessa minha cabeça. Eu não posso e não consigo controlar nada nem ninguém além da maré que existe em mim. Eu preciso olhar pra mim e isso finalmente significa deixar para trás a memória e a ideia de nós. Não há momento melhor para isso do que às vésperas de testemunhar a sua união com outra pessoa. Eu não preciso mais passar por isso.

Então quando eu escrevi aquele bilhete e deixei sob o embrulho no quarto das minhas mães, eu percebi que eu estava inconscientemente carregando algo que eu venho procurado por todo esse tempo mas que, no desespero em que me via sozinho, pensei que nunca fosse encontrar. Eu percebi que eu estava livre. Eu estou livre.

Pelo menos por hoje, pelo menos por agora.

Preciso me Encontrar

Quero assistir ao sol nascer

Ver as águas dos rios correr

Ouvir os pássaros cantar

Eu quero nascer

Quero viver [\[22\]](#).

Cartola

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2018

Querido ex,

É chegado seu grande dia.

A vida na minha casa despertou cedo. Fui acordado com os barulhos de saltos, conversas animadas e cheiros intransigentes de produtos capilares e perfumes adocicados. Minhas mães se emperiquitavam como se estivessem prestes a ir para o *Met Gala*, tagarelando sem parar com a maquiadora, Bruna, uma moça alta com um *black* extremamente geométrico que parecia saída das passarelas ou de um editorial da *Vogue*. Até dona Abigail entrou naquele samba, se arrumando com um dos seus mais caros terninhos e um penteado de *Drag Queen*. Seus convites endereçados a mim serão muito bem aproveitados por ela.

Com todas elas se certificando mais uma vez que estaria tudo bem comigo, como se a euforia fosse uma ofensa pessoal, fiquei falando por minutos, que mais pareceram horas, que estava tudo certo. Elas estavam lindas e tinham que aproveitar. Afinal, você sempre foi um bom genro.

Antes de eu sair pela porta em direção ao apartamento de Kalil, as três vieram até mim, com cabelos ainda pendurados em coques e maquiagem mal acabada e me abraçaram. Naquele sufoco de cheiros florais fortes e braços flácidos, meus olhos encheram d'água. O mundo estava naquele abraço.

Kalil chegava da sua corrida de sábado. Como sabia o que esse 30 de junho significava, fez uma programação completa para nós dois. Passamos toda a tarde cozinhando. Ou melhor, ele cozinhava, enquanto eu o observava cortar habilmente as postas de salmão, picar os alhos e as cebolas e depois cobrir aquela carne dourada com uma folha de papel alumínio. Enquanto esperávamos os 25 minutos do cozimento, pontualmente cronometrados por ele, nos dedicamos a saborear um vinho que para ele tinha notas de cítrico, abacaxi e floral, mas que para mim só causava aquela sensação de estranhamento ácido no fundo da boca.

Arrumamos a mesa entre beijos e carinho e quando nos sentamos frente à janela, com a luz do sol incidindo sobre aquela mesa, eu agradei. Fiz um agradecimento para alguém, em algum lugar. Talvez eu não precisasse de um casamento milionário, talvez eu não precisasse de mais de cinco

milhões de seguidores, talvez eu só precisasse daquilo. Um lugar tranquilo, um cheiro de casa e uma pessoa especial.

Depois do almoço tive que controlar os meus impulsos para não compartilhar a cama com ele e me postei em frente a bancada. Com uma foto do Warhol me encarando, desatei a fazer os exercícios de Macroeconomia. Tenho a prova final na segunda que vem e preciso conseguir meus 8,8 pontos. Nada vai ficar entre mim e a África do Sul.

Duas horas depois e um Kalil adormecido na cama atrás de mim, me deitei ao lado dele e fiquei observando aquela figura perfeita dormir. Os olhos apertados, a boca aberta, o corpo enrugado no formato de concha, como o de um bebê. Eu queria ter aquela visão todos os dias. Eu queria acordar ao lado dele e admirar aquele rosto adormecido até os olhos abrirem por todo o tempo que me fosse permitido.

Acordei com Kalil arrumado, a mesma calça jeans e camisa branca sobrepujada por um paletó que ele havia usado no nosso dia de desnamorados. Entrei na brincadeira. Tomei banho e botei a camisa floral do dia do nosso primeiro encontro, aquela que ainda estou pagando parcelado.

Ele não me disse para onde iríamos. Entrei no seu carro e fomos berrando as músicas do CD dos Bleachers por todo o caminho. Até depois da morte, Daniel continua enfeitando os meus dias e noites.

Finalmente chegamos. O bar na Praça São Salvador onde havia sido o nosso primeiro encontro. Eu me permiti não pensar em nada e só o acompanhei.

Já era noite. Será que você já havia dito o esperado “Eu aceito”? Será que vocês já haviam compartilhado o primeiro beijo como dois homens casados? Será que Abigail já estava bêbada ou dançando grudada com algum novinho? Kalil ao meu lado falava e falava, mas a minha mente estava em outro lugar. Eu te disse, também ainda não me entendo.

Tudo aconteceu muito rápido e estranhamente. Um garçom se aproximou e me entregou um buque de girassóis. *Don't Take the Money*,

minha música com Daniel que acabara virando minha música com Kalil, começou a tocar amplificada por todo o bar. As pessoas nas mesas se inclinavam na nossa direção. Todos queriam olhar para nós. Kalil havia se ajoelhado na minha frente, tirando uma caixinha preta do bolso e disse: “você aceita namorar comigo?”.

Eu não soube o que fazer. Apesar de ter olhado para o seu casamento e tudo que veio antes dele com um misto de repulsa, inveja e admiração, eu não queria o mesmo para mim. E ali, na frente de todos aqueles olhares, palmas e gritos de “aceita” eu não soube o que fazer, meu corpo não soube como reagir. Eu queria me afundar na cadeira. Esconder minha cara. Sair correndo.

Respirei fundo, olhei nos olhos de Kalil que ainda me olhava ajoelhado com um sorriso enorme no rosto e disse "Podemos conversar em outro lugar?".

Ele murchou. As pessoas ao redor, percebendo que aquela situação não ia se converter em uma cena de novela, voltaram a atenção para as suas pints de cerveja e para seus próprios assuntos.

Kalil voltou a sentar e eu me sentia uma figura estúpida equilibrando aquelas flores e aquela caixinha com um anel de compromisso. Eu insisti para voltar para casa, mas ele disse que queria continuar ali, que não ia sair dali até eu dizer o que estava acontecendo. Meus olhos estagnaram com uma raiva surpresa no súbito desaparecimento do doce tom de Kalil.

Seus olhos estavam marejados e ele começou a jogar em mim um sem números de perguntas, sem que eu conseguisse responder nenhuma. "Você tá saindo com outra pessoa? Você ainda gosta dele, não é? Depois de tudo que ele te fez, você gosta dele, não gosta!? Olha pra mim! O que eu fiz de errado? O que mais eu preciso fazer para você ver que eu te amo? Você tá me ouvindo?! Eu te amo! Olha para mim! Você ainda não percebeu que eu não sou ele? Que eu só quero cuidar de você? QUE EU QUERO TE FAZER FELIZ! Olha para mim!"

As pessoas haviam voltado a observar, ele não parava de falar naquele tom de raiva encorpada com choro.

Eu só conseguia olhar para baixo, encarando minhas próprias pernas. Por mais que meu coração pedisse por ele e pela doçura que trazia para à minha vida eu não podia entrar em outro relacionamento. Eu não podia assumir um compromisso meses antes de me mudar para outro continente por seis meses. Na minha frente Kalil continuava clamando por uma resposta que meus lábios não conseguiam dar.

Eu desliguei. Não sei quanto tempo passou, mas quando levantei a cabeça, Kalil já não estava lá. Seu carro havia sumido também, assim como o buquê e o anel. Ele havia ido embora, deixando no bar a conta paga e meu corpo retesado sob a cadeira. Ainda sem levantar a cabeça sai dali.

No caminho para o ponto de ônibus lá estava. O bicicletário laranja onde eu e Kalil havíamos alugado as bicicletas para nossa primeira aventura juntos um mês antes. Em um impulso peguei uma bicicleta e sozinho, no meio da noite, comecei a pedalar sem rumo.

E enquanto o vento gelado da noite batia na minha pele, levando com ele as lágrimas que saiam pelos meus olhos, eu fui tomado mais uma vez por aquela tão rara sensação de liberdade. Uma esquisita alegria voraz.

O mundo era meu. O mundo era só meu. Meu para fazer o que quiser. Meu para que eu dê o rumo que eu bem entender para a minha vida, para a minha história. Foda-se Kalil. Foda-se você. Ali estava eu, sozinho, em cima de uma bicicleta, na madrugada da cidade mais mágica do mundo inteiro, capaz de tomar a rota que eu quisesse, parar e seguir na hora que eu bem entendesse.

E aquele choro virou um riso, que virou gargalhar, que virou um grito de empolgação, de euforia, de liberdade. Os pássaros cantavam, a madrugada me cobria. Quando dei por mim estava na praia. Encostei a bicicleta e corri até a areia. Ali o nada era meu companheiro. Me deitei no colchão de areia do mar que me circundava. Botei o fone de ouvido. No aleatório uma música do Cartola.

Enquanto a cidade ao meu redor ganhava vida ao despertar, eu olhava o sol nascer e ouvia o barulho das águas na minha frente, das famílias que

chegavam e dos sons dos carros na avenida atrás de mim. Uma sinfonia da cidade que eu nunca havia ouvido antes.

Deixei o sol me cobrir por inteiro. O lençol da minha cama de areia, me cobrindo lenta e depois rapidamente, primeiro os dedos dos pés, depois canelas, coxas, barriga e todo o meu rosto.

Eu fechei os olhos e fiquei ali. Só fiquei ali.

EPÍLOGO

Janta

Caberá ao nosso amor o eterno ou o não dá

Pode ser cruel a eternidade

Eu ando em frente por sentir vontade [\[23\]](#).

Marcelo Camelo e Mallu Magalhães

São Paulo, 15 de julho de 2022

Querido ex,

Finalmente é chegada a hora, mesmo que já demasiadamente tardia, de lhe dar uma resposta. Hoje escrevo essa carta da mesma forma que imagino que você tenha feito tantos anos atrás. Estou sentado na cabeceira do meu escritório, com os papéis amarelados com sua grafia delicada ao meu redor, fragmentos seus que eu gostaria de poder juntar e em um passe de mágica transformá-los em você.

Se ainda estivesse aqui, conversariamos sobre tudo que passou. Abordariamos as cartas, a traição, minha participação naquele infame programa, meu casamento que viria a se mostrar falido e eu poderia te dizer aquilo que eu deveria lhe ter dito cinco anos atrás: eu nunca deixei de sentir saudades de você.

Enquanto debulho essas palavras no papel, o relógio bate meia-noite. O dia está aqui. Fazem-se cinco anos da data em que você foi brutalmente levado desse planeta. Uma violência bárbara marcadora do nosso *status* de subalternidade derivado do fato de apresentarmos nosso desejo de forma divergente àquele normatizado pela sociedade homo-transfóbica em que vivemos. Mais um número na infinidade de crimes cometidos contra pessoas homossexuais nesse país que continua sendo o que mais ceifa vidas LGBTQ+ no mundo inteiro.

Mas me nego a viver em um mundo que reduz toda sua vida, toda a sua história a um número. Mesmo que nosso atual presidente, esse ex-militar da reserva que praticamente instaurou um regime semi-ditatorial na nossa outrora democracia tenha se negado a comentar sobre a sua morte, afirmando ser só mais uma consequência da violência no Rio de Janeiro, nós sabíamos que não era. E nós nos mobilizamos; suas mães, eu, seus amigos e seu quase ex-namorado e foi através desses esforços para que sua memória fosse honrada e sua história não fosse esquecida que conseguimos publicar, há três anos, a primeira edição do “Querido ex” (título que demos na tentativa de refletir o tom irreverente tão característico na sua escrita e na sua postura com a vida).

Independentemente de onde você esteja nos observando, acho que por agora você sabe que sua história transformou muitas vidas. Acredito que a primeira delas tenha sido a minha. A notícia de que você se fora chegou até mim quinze dias depois da celebração da minha cerimônia de casamento. Uma nota no jornal mostrava seu corpo. Liguei para suas mães e tentei fazer tudo que estava ao meu alcance para que o processo fosse o menos doloroso possível. Não era muito, nada que pudesse amenizar o luto que elas ainda carregam em si, mas era o mínimo que eu poderia fazer.

Três meses depois do seu funeral elas apareceram aqui em casa. Carregavam uma caixa, dentro dela um amontoado de cartas. Todas elas seladas em envelopes brancos, carregando na face meu nome e endereço. Haviam encontrado a caixa dentro do seu armário enquanto separavam roupas, livros e objetos seus que pudessem ser de alguma valia para outrens. Uma caixa com cartas que nunca foram enviadas para o seu destino. Mas o destino as trouxe até mim.

Foram dias e noites devorando-as, rindo, chorando e refletindo com a grafia da sua memória. O impacto de palavras com tamanho poder, eu não sou capaz de mensurar, mas você mudou completamente a minha vida, me permitindo rever aspectos do meu caráter, da minha história e até do meu casamento que naquele momento eu não fora capaz de perceber.

Foi somente através da leitura das suas cartas que me tornei capaz de identificar falhas e questões para as quais eu havia me tornado cego naquele momento de júbilo irrestrito, outrora trazido por uma fama tão passageira quanto aquele amor exagerado e extremamente publicizado que veio depois de você.

E por isso que eu venho publicamente lhe agradecer e me desculpar. Lhe agradecer por ter sido o verdadeiro amor da minha vida, por ter resistido e existido ao meu lado, mesmo nos momentos em que eu lhe apresentava somente a minha face mais odiosa.

E me desculpar pela minha cegueira, pelas vezes em que, na minha ignorância do passado, agi como um namorado abusivo, alguém distante do que você realmente merece.

Foi com essa percepção que concluí que, se sua história fora capaz de transformar a mim, ela poderia transformar também todo um país. Ela poderia transformar todo um mundo.

Para a surpresa de muitos, a primeira edição do seu livro póstumo, publicada lá em 2020, alcançou mais de um milhão de leitores. E gosto de pensar que você ficaria extremamente feliz em saber que parte do lucro foi direcionado para a Resista!, a instituição que criei, ao lado de suas mães, para que crimes tão brutais como aquele que fora cometido contra você possam vir a ser cada vez menos recorrentes.

Por isso, nessa edição comemorativa da publicação da compilação das suas cartas, eu venho lhe dizer que tudo que tenho feito desde então é em prol de uma honraria a sua imagem. E seguindo esse legado, esse comprometimento com a sua memória, outrora particular, mas agora pública, que eu anuncio a minha candidatura ao Senado Federal neste ano de 2022.

Quero representar você, quero honrar a sua história.

E que você, leitor, possa usar essa experiência para o melhor, assim como eu fiz.

Que os meninos, meninas, pessoas sem gênero, pais, mães, amigos e avós que tiveram contato com essa obra possam encontrar forças para transformar suas vidas, tanto através da indignação com esse crime tão cruel que há cinco anos parou o Brasil, quanto através da inspiração nessa história de vida interrompida, uma história repleta de alegria, luz e potência. Que esse livro possa plantar em vocês uma semente. Espero assim que ela germine e lhe traga como frutos o entendimento de que você é a mudança que você quer ver no mundo, uma mudança que pode começar com algo tão simples como um voto.

Obrigado meu querido ex, por ainda ser o combustível que move a minha vida e a minha militância para frente. Que sua alma tenha encontrado descanso e paz.

Do seu eterno,

Querido Ex.

Carta do Autor

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2018

“Querido ex,” tem três histórias de criação. Três gênesis. Cada uma com seu protagonista. Todas com o mesmo fim.

A primeira começa com uma moça chamada Paula Sandrin. Uma moça genial, dessas que mudam a sua vida. Uma moça que eu tive a sorte de chamar de professora, ídola e de orientadora de monografia. Enquanto eu, colérica e desesperadamente, escrevia 110 páginas sobre conflitos identitários e identidade de gênero na Chechênia, Paula apoiou uma ideia que seria refutada pela grande maioria dos seus colegas de trabalho: escrever um conto ficcional no meio de um trabalho científico. As chances do fracasso eram tão grandes quanto o meu ego.

O conto saiu no meio da madrugada, nunca saberei se motivado por episódios de “Rupaul’s Drag Race” ou por um pornozinho amador despretensiosamente assistido antes de dormir. Com dedos tremendo (literalmente, eu juro) eu enviei o capítulo para Paula.

Tremi ainda mais com a resposta que veio dois dias depois. Um dos e-mails mais fofos do mundo, me encorajando a escrever mais ficção.

Se essa mulher havia gostado do que eu tinha escrito, quem era eu para dizer o contrário?

Na semana seguinte, eu estava sentado na frente do google docs, escrevendo a primeira versão do texto que vocês acabaram de ler.

A segunda história tem como protagonista Luciana, uma das minhas melhores amigas, cujo nome foi roubado e atribuído a uma das personagens do livro.

Tomando emprestado algumas palavras de John Green, “Querido ex”, surgiu como o cair no sono. Gradativamente e, de repente, de uma hora pra outra. Luciana foi quem me levou da vigília para o sonho.

Após as conversas com a Paula, três rascunhos, do que viriam a ser as três primeiras cartas, haviam sido escritos. Rascunhos que jurei nunca serem lidos por ninguém. A ideia de dizer que eu queria escrever ficção, depois de formado em uma graduação, sem emprego e prestes a cursar uma nova faculdade, parecia algo patético, risível, um delírio de um millenial na crise dos 22. Várias foram as vezes em que pausei a escrita para falar para mim mesmo: para de viajar e vai mandar currículo seu tonto.

Mas Luciana aconteceu.

Era um sábado abafado no apartamento dela em Niterói. A mistura de cerveja e caipirinha soltou a minha língua, e quando dei por mim, estava sentado de pernas cruzadas no chão da cozinha, com um dos seus cachorros no colo tentando lambe a minha boca, enquanto em voz alta eu lia as cartas.

Empoderado pela coragem alcoólica, me deixei convencer de que a história precisava ser levada até o fim.

Dois meses depois, Luciana se tornara a minha primeira leitora, devorando o original e me dizendo palavras que não mereço ouvir.

A terceira e última história é sobre o meu querido ex. Aquele da vida real.

Devido as narrativas presentes no livro, é importante dizer aqui que “qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência”. Isso não é um livro biográfico ou algo do tipo. Porém, é também impossível negar que qualquer obra (até mesmo aquela monografia sobre identidade de gênero) carrega algo pessoal. Aprendi isso com Lena Dunham, talvez meu maior modelo e principal inspiração para soltar essas palavras (algumas de muito mal gosto, reconheço) no papel.

Como qualquer pessoa, que se propõe a criar qualquer coisa, eu sou também a minha obra.

E foi a realidade que me trouxe a ficção.

Eu fazia uma limpeza no meu, sempre desorganizado, drive, quando me deparei com o que talvez seja a coisa mais brega que já escrevi: uma carta para um ex namorado.

Uma carta que não era só uma carta qualquer meus caros: era um atestado de completa falta de vergonha na minha cara. Uma carta que foi entregue com um infame buquê de girassóis, que custaram mais do que valiam. Uma carta que foi respondida semanas depois, com um e-mail de três linhas escrito pelo ex que já até tinha outro ex.

Essa memória me fez não só rir do quão estupidamente fofo eu fui mas também agiu como um gatilho para as ideias que deram forma ao livro. Aquelas palavras escritas pelo Juan de anos atrás, carregavam algo de genuíno e universal: recalque, mágoa e saudade. Talvez, quem sabe, desse um livro. Na pior das hipóteses, uma letra da Taylor Swift.

A mensagem é a seguinte:

Na era das redes sociais e dos relacionamentos líquidos, a gente nunca sabe o que pode acontecer.

Existem Anittas que jogam seus trabalhos no mundo e conseguem ser vistas, transformando o sonho em ouro e há aqueles anônimos, uma grande maioria da qual faço parte, pessoas que, movidas pelo prazer de criar e alimentadas por sonhos, jogam suas ideias e obras para o mundo, na esperança de que alguém as olhe do mesmo jeito especial que você.

Só é preciso coragem e um pouco de falta de noção para se mostrar.

De qualquer forma a trajetória será sempre gratificante, por isso preste atenção em uma coisa:

Nunca hesite em se humilhar para seu ex-namorado.

Talvez isso, anos depois, faça com que você descubra a verdadeira paixão da sua vida.

Ou talvez não.

Agradecimentos

Eu não poderia sonhar em levar essas palavras para a luz do dia sem a ajuda de pessoas que me motivaram, inspiraram e incansavelmente ajudaram a lapidar e criar o meu querido ex.

Sem Rosimery, Georgete e Osvaldo eu nunca teria o espaço, o tempo e as condições de possibilidade para me dedicar à exploração da escrita. Obrigado por me darem o privilégio de sonhar.

Sem Luciana e Paula as ideias nunca teriam passado da minha mente para o papel. Sem Pedro Toth eu nunca teria conseguido desenhar em cores minhas ideias para o mundo. Sem Lorryne Gouvêa e Carolina Paciência eu nunca teria achado que o livro era dotado capacidade de conversar com o público. Sem minha agente, revisora e amiga Juliana Catalão, eu não saberia os caminhos a percorrer e direções certas a tomar na tortuosa jornada pela publicação.

Minha eterna gratidão e carinho também a todos aqueles que aceitaram receber as primeiras versões do texto, muitas vezes colaborando com observações e comentários atentos e dedicados: Lola Ferreira, Raíssa Galvão, João Daniel, Júlia Borges, Leonidas Lacerda, Akemi Iwasa, Júlia Nogueira, Rafaela Sehn e Rafael Lessa. Vocês são acessivelmente maravilhosos.

No mais, só preciso deixar claro que sou o homem mais sortudo do mundo por ser uma pessoa que precisa de pessoas.

Obrigado.

[1] Música presente no álbum “reputation” da cantora Taylor Swift, lançado em 2017. Composição por: Taylor Swift, Jack Antonoff, Richard Fairbrass, Fred Fairbrass e Rob Manzoli. Gravado por “Big Machine Records”

[2] Música presente no álbum “Livro” do cantor Caetano Veloso, lançado em 1997. Composição por: Caetano Veloso. Gravado por “Philips”

[3] Música presente no álbum “Red” da cantora Taylor Swift, lançado em 2012. Composição por: Taylor Swift, Nathan Chapman e Dann Huff. Gravado por “Big Machine Records”.

[4] Música presente no álbum “25” da cantora Adele, lançado em 2015. Composição por: Adele, Max Martin e Shellback. Gravado por “Columbia Records”.

[5] Música presente no álbum “Mallu Magalhães” da cantora Mallu Magalhães, lançado em 2009. Composição por: Mallu Magalhães. Gravador por “Sony Music”.

[6] Música presente no álbum “Queen (target edition)” da cantora Nicki Minaj, lançado em 2018. Composição por: Onika Tanya Maraj e Jeremy Reid. Gravado por “Warner/Chappel Music, Inc.”.

[7] Música presente no álbum “Melodrama” da cantora Lorde, lançado em 2017. Composição por: Ella Yelich-O’Connor e Jack Antonoff. Gravador por “Universal Records”.

[8] Música presente no álbum “Coração” do cantor Johnny Hooker, lançado em 2017. Composição por :Johnny Hooker. Direitos reservados

para Elixir Entretenimento e Johnny Hooker

[9] Música presente no álbum “Falso Brillhante” da cantora Elis Regina, lançado em 1976. Composição por: Belchior. Gravado por PolyGram/Philips/Universal.

[10] Música presente no álbum “Tieta do Agreste” ,lançado em 1989. Composição por: Caetano Veloso. Altafonte Music Distribution.

[11] Música presente no álbum “No Secrets” da cantora Carly Simon, lançado em 1972. Composição por: Carly Simon. Gravado por “Elektra”.

[12] Música presente no álbum “Banda do Mar” da banda “Banda do Mar”, lançado em 2014. Composição por: Mallu Magalhães, Marcelo Camelo e Fred Pinto Ferreira. Gravado por “Sony Music Entertainment”.

[13] Música presente no álbum “Let it Bleed” da banda “Rolling Stones”, lançado em 1969. Composição por: Mick Jager e Keith Richards. Gravado por Decca.

[14] Música presente no álbum “Blue Neighbourhood” do cantor Troye Sivan, lançado em 2015. Composição por: Troye Sivan, Allie X, Leland e Bram Inscore”. Gravado por “Capitol Records”.

[15] Música presente no álbum “Gone Now” da banda Bleachers, lançado em 2017. Composição por: Jack Antonoff e Emile Haynie. Gravado por “RCA Records”.

[16] Música presente no álbum “A Banda Mais Bonita da Cidade – Ao vivo no Cine Joia”, da banda “A Banda Mais Bonita da Cidade”, lançado em 2016. LGK Music Produções Artísticas Ltda.

[17] Música presente no álbum “Strange Trails” da banda Lord Huron, lançado em 2015. Composição por: Bem Schneider. Gravado por “Iamsound”.

[18] Música presente no álbum “Joanne” da cantora Lady Gaga, lançado em 2016. Composição por: Lady Gaga, Mark Ronson, Kevin Parker e BloodPop. Gravado por “Interscope”.

[19] Música presente no álbum “Anti” da cantora Rihanna, lançado em 2016. Composição por: Rihanna, Joseph Angel e Fred Ball. Gravado por “Roc Nation”.

[20] Música presente no álbum “A Mulher do Fim do Mundo” da cantora Elza Soares, lançado em 2015. Composição por: Romulo Fróes e Alice Coutinho. Gravado por “Natura Musical”.

[21] Música presente no álbum “Tell Me You Love Me” da cantora Demi Lovato, lançado em 2017. Composição por: Kirby Lauryen, Stint e John Hill. Gravado por “Hollywood Records”.

[22] Música presente no álbum “Cartola” do cantor Cartola, lançado em 1976. Composição por: Candeia.

[23] Música presente no álbum “Sou” do cantor Marcelo Camelo, lançado em 2008. Composição por: Marcelo Camelo e Mallu Magalhães. Gravado por “Sony BMG”.